

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**CORRESPONDÊNCIA DE VALDOMIRO SILVEIRA (1873 – 1941)  
NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO: SELETA ANOTADA**

BRUNA MARTINS CORADINI

Versão Corrigida

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**CORRESPONDÊNCIA DE VALDOMIRO SILVEIRA (1873 – 1941)  
NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO: SELETA ANOTADA**

BRUNA MARTINS CORADINI

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

Versão Corrigida

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C787c Coradini, Bruna Martins  
Correspondência de Valdomiro Silveira (1873 -  
1941) no campo literário brasileiro: seleta anotada /  
Bruna Martins Coradini; orientador Marcos Antonio de  
Moraes - São Paulo, 2022.  
186 f.

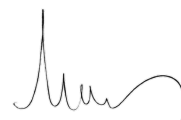
Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Valdomiro Silveira. 2. Correspondência. 3.  
Sociabilidade Literária. 4. Literatura Brasileira. 5.  
Regionalismo. I. Moraes, Marcos Antonio de , orient.  
II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Bruna Martins Coradini****Data da defesa: 23/05/2022****Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/07/2022



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

CORADINI, Bruna Martins. Correspondência de Valdomiro Silveira (1873 – 1941) no campo literário brasileiro: seleta anotada. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Orientador: Marcos Antonio de Moraes

Banca Examinadora:

Examinador(a): \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Examinador(a): \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Examinador(a): \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Vancê, que conhece a vida p'ro dereito e p'ro avesso, 'tá pensando e medindo o que eu lhe conto, e sabe como é deferente aquilo que o papel diz, daquilo que o chã amostra: uma coisa é a esperança de cobrir a terra de plantas ricas e logo se ver folgado, outra coisa é a brabeza do sertão.

(Valdomiro Silveira, "Aquela tarde turva...". *Lereias – histórias contadas por eles mesmos.*)

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, por ter aceitado me guiar nos caminhos e descaminhos apaixonantes que a pesquisa em literatura nos proporciona e por todo o estímulo e confiança.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, por toda a ajuda e suporte.

À Profa. Maria Aparecida Junqueira, minha primeira incentivadora no mundo acadêmico.

À banca de defesa deste mestrado, Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo, Profa. Dra. Tatiana Longo Figueiredo e Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira, que contribuíram de maneira grandiosa com a pesquisa, através das leituras atentas do meu trabalho e de seus apontamentos enriquecedores, ampliando meu olhar em relação à Literatura Brasileira e à verdadeira função da crítica literária.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, local que me acolheu tão bem ao longo desta pesquisa, e à Elisabete Marin Ribas, por sua gentileza e por todas as conversas incentivadoras que tivemos. Seu apoio foi fundamental!

Ao meu pai Jacyr – que acredita em todos os meus sonhos – e à minha mãe Elenice – que também acredita, mas sempre me lembrando de manter os pés no chão. Aos meus irmãos Pedro e Renata, pelo carinho e atenção que me dedicaram todos esses anos. Sou extremamente grata por fazer parte dessa família amorosa.

Ao Gilmar Ramos de Souza e à Kátia Chiaradia, meus professores do Ensino Médio, que despertaram minha paixão pela literatura. Seus ensinamentos são parte do que sou.

Ao querido casal Ana Beatriz Mauá e Vinícius Bisterço, pelo tempo que disponibilizam para me ajudar.

Às minhas grandes amigas Adriana, Gigi, Gabriela, Ariadne e Brenda e, em especial, Camila (em memória). Ao Antonio, pela ajuda com a formatação do trabalho. Vocês são uma parte valiosa da minha vida.

A todos que não foram mencionados, mas que me ajudaram nessa caminhada. sintam-se agradecidos e abraçados. Sou privilegiada por ter conhecido todos vocês!

## RESUMO

Esta dissertação apresenta seleta anotada de cartas pertencentes à *Série Correspondência do Fundo Valdomiro Silveira*, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Congrega seis missivas assinadas pelo escritor paulista Valdomiro Silveira (1873 – 1941) e 115 mensagens a ele dirigidas, subscritas por intelectuais brasileiros, no período de 1897 a 1941, entre os quais Amadeu Amaral, Coelho Netto, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, René Thiollier e Rui Barbosa. A documentação epistolar inédita testemunha aspectos da sociabilidade literária no período, iluminando a difusão da produção literária regionalista de São Paulo. Registra a recepção crítica de *Os caboclos* (1920) e *Mixuângos* (1937), bem como questões relacionadas à Academia Brasileira de Letras e à Academia Paulista de Letras.

**Palavras-chave:** Valdomiro Silveira. Correspondência. Sociabilidade Literária. Literatura Brasileira. Regionalismo.



## ABSTRACT

This dissertation presents an annotated selection of letters from the Correspondence Series of Valdomiro Silveira's Collection, held by the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo (IEB-USP). It contains six letters signed by the Paulista writer Valdomiro Silveira (1873 - 1941) and 115 subscribed messages from Brazilian intellectuals addressed to him in the period from 1897 to 1941, among them Amadeu Amaral, Coelho Netto, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, René Thiollier, and Rui Barbosa. The unpublished epistolary documentation bears witness to aspects of literary sociability in the period, illuminating the diffusion of regionalist literary production in São Paulo. It records the critical reception of *Os caboclos* (1920) and *Mixuângos* (1937), as well as issues related to the Academia Brasileira de Letras, and the Academia Paulista de Letras.

**Keywords:** Valdomiro Silveira. Correspondence. Literary Sociability. Brazilian Literature. Regionalism.

## SUMÁRIO

<b>I.</b>	<b>Em torno da correspondência de Valdomiro Silveira .....</b>	<b>8</b>
	1. Valdomiro Silveira: esboço biográfico.....	8
	2. Valdomiro Silveira e a tradição regionalista.....	11
	3. Em torno da fortuna crítica de Valdomiro Silveira.....	14
	4. Correspondência no <i>Fundo Valdomiro Silveira</i> , no IEB-USP.....	16
	4.1.Mapeamento das cartas: principais temas e correspondentes.....	19
	5. Pressupostos metodológicos na organização da Seleta.....	25
<b>II.</b>	<b>Seleta.....</b>	<b>27</b>
	<b>Bibliografia.....</b>	<b>175</b>
	<b>Anexo A: Correspondência Passiva da Seleta em ordem cronológica.....</b>	<b>182</b>

## I. EM TORNO DA CORRESPONDÊNCIA DE VALDOMIRO SILVEIRA

### 1. Valdomiro Silveira: esboço biográfico

O escritor Valdomiro Silveira nasceu em 11 de novembro de 1873 na fazenda dos avós maternos, localizada em um bairro rural de Bom Jesus da Cachoeira, hoje Cachoeira Paulista, no estado de São Paulo. Era filho do advogado João Batista da Silveira e de Cristina Carlinda de Oliver, e tinha mais sete irmãos. Ainda recém-nascido, mudou-se para a capital acompanhado do pai, que fora estudar na Faculdade de Direito no Largo de São Francisco. Aos oito anos, passa a residir em Casa Branca, cidade também situada no interior paulista, onde seu pai se estabelecera profissionalmente. Nesse município o menino entra em contato com a cultura caipira, percorrendo os arredores e ouvindo histórias, as quais lhe despertaram interesse. Segundo sua filha primogênita, Júnia Silveira Gonçalves, que cuidou de grande parte do arquivo do pai e de suas obras inéditas, Valdomiro não permitia que os caipiras fossem ridicularizados<sup>1</sup>.

Valdomiro Silveira inicia sua trajetória literária em 1887, aos quatorze anos, quando publica seus primeiros poemas e contos em jornais interioranos de limitada circulação. Em 1890, retorna a São Paulo para estudar Direito e, em paralelo, dedica-se aos estudos dos clássicos da literatura universal, que reverberam em sua maneira erudita de narrar histórias. Publica, em 13 de setembro de 1894, seu primeiro conto regionalista, “Rabicho”, no *Diário Popular* de São Paulo.

Após sua formatura, em 1895, Valdomiro Silveira passa a exercer a função de promotor público em Santa Cruz do Rio Pardo, também no interior de São Paulo. O escritor cria vínculos com a população local e anota expressões, vocabulário e testemunhos dos caipiras. O linguajar dos “mixuangos” tornar-se-ia o grande eixo temático de suas obras. Para isso, o “legítimo caboclo”<sup>2</sup>, como se autointitulava, frequentou os meios rurais, estudando botânica e ornitologia, a fim de conhecer melhor a região sertaneja. Tais elementos impactariam de forma muito positiva suas obras, sempre voltadas a retratar a vida do homem do interior de seu Estado. A pedido da família, retorna para Casa Branca, atuando no escritório de advocacia

---

<sup>1</sup> GONÇALVES, Júnia Silveira. Notas biográficas sobre Valdomiro Silveira. In: *Nas serras e nas furnas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

<sup>2</sup> FREDERICO, Enid Yatsuda. Introdução. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 9.

de João Silveira. Segue produzindo seus contos regionalistas, divulgando-os na imprensa. Envia colaboração para a revista ilustrada *A Bruxa*<sup>3</sup>, produzida por Olavo Bilac, com quem troca amigável correspondência. Outro importante vínculo construído nessa época é com Euclides da Cunha, que lhe pede comentários sobre *Os sertões*, quando a obra ainda se encontrava em processo de escrita. Valdomiro passa um curto período em Casa Branca, retornando a São Paulo para substituir Plínio Barreto no escritório de advocacia por ele constituído com Armando Prado. Entre 1897 e 1904, continua publicando seus contos nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Comércio de São Paulo*.

Em 1905, Valdomiro casa-se com a paulistana Maria Isabel Quartim de Moraes, a quem chamava carinhosamente de sua “Júnia”<sup>4</sup>, por tê-la conhecido em junho. Após viajarem para Santos, decidem permanecer no litoral paulista, onde ele começa a atuar no escritório falido do advogado e amigo Martim Francisco. Valdomiro e Maria Isabel tiveram cinco filhos: Júnia, Valdo, Isa (escritora infanto-juvenil e jornalista), Belkiss e Miroel (professor e ensaísta)<sup>5</sup>. Em 1962, a esposa iria publicar *Isabel quis Valdomiro*, relato memorialístico, focalizando a infância dos filhos do casal. Embora com o tempo quase todo tomado pelos trabalhos de advocacia, já com o escritório reerguido, em 1909, Valdomiro faz jus à 29ª cadeira da Academia Paulista de Letras. Nesse período, estabelece vínculos com diversas personalidades, como Rui Barbosa, Martins Fontes e Amadeu Amaral.

O primeiro livro de Valdomiro Silveira, *Os caboclos*, reunião de contos, sai do prelo da editora de Monteiro Lobato em 1920, obtendo uma boa recepção crítica. Sua segunda obra, congregando igualmente narrativas curtas, *Nas serras e nas furnas*, foi publicada em 1931. No ano seguinte, Valdomiro atua na vida política como líder da Revolução Constitucionalista, em Santos. Nesse momento, colabora em periódicos<sup>6</sup> e faz discursos calorosos nas rádios. Em 1933, torna-se deputado federal pela Chapa Única por São Paulo Unido<sup>7</sup>. Acatando o pedido do então interventor federal do Estado, Armando Sales de Oliveira, assume o cargo de Secretário da Educação e da Saúde Pública. Desligando-se do posto, atua como deputado estadual e presidente da Assembleia Legislativa, lá permanecendo até 1937, quando publica seu terceiro livro, *Mixuângos*.

---

<sup>3</sup> SILVEIRA, Valdomiro. Seu doutor. *A Bruxa*, Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1896.

<sup>4</sup> Acervo Histórico Leis & Letras. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2004. Disponível em: <[https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/506\\_arquivo.pdf](https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/506_arquivo.pdf)>. Acesso em: 01 de abril de 2021.

<sup>5</sup> Valdomiro possuía também mais três filhos, frutos de um relacionamento anterior em Casa Branca, do qual não se tem hoje muitas informações: Meroveu, Evandro e Alda.

<sup>6</sup> Cf. *Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo* (1984), de Carmen Lydia de Souza Dias.

<sup>7</sup> Organizada após a derrota da Revolução Constitucionalista, a Chapa teve a intenção de lançar 22 candidatos para a Assembleia Nacional Constituinte. Dissolvida em 1934.

O escritor paulista faleceu em 3 de junho de 1941. Recebeu diversas homenagens na Academia Paulista de Letras, organizadas por Altino Arantes e Spencer Vampré. Este último afirma: “[...] a literatura regional não está destinada a desaparecer, mas a adquirir maior valor artístico, filológico e psicológico, à medida que o Brasil desenvolver a sua população e a sua cultura. O nome de Valdomiro Silveira está destinado a viver na memória dos brasileiros como um dos mais puros, sinceros e exatos cultores das tradições de nossa gente”<sup>8</sup>. O escritor foi sepultado no Cemitério do Paquetá, em Santos.

O livro *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)* de Valdomiro Silveira vem a lume em 1945. Uma outra obra inédita do autor, *Mucufos*, coligindo contos, passou a circular, em 2007, por meio da dissertação de mestrado de Alexandre de Oliveira Barbosa, defendida na Universidade de São Paulo<sup>9</sup>.

Em relação à contribuição literária de Valdomiro Silveira, alguns estudiosos o consideram como precursor do regionalismo<sup>10</sup>. Outros creditam o pioneirismo a Afonso Arinos, o autor de *Pelo sertão* (1898). De fato, as publicações de Valdomiro permaneceram esparsas em periódicos de pequena circulação, até 1920, quando tirou do prelo *Os caboclos*. Segundo Júnia Silveira Gonçalves<sup>11</sup>, antes mesmo da publicação de “Rabicho”, em 1894, existiram outras, também regionalistas, como “Vingança”<sup>12</sup> (*Correio Paulistano*, 17 jan. 1894), “Primeira queda”<sup>13</sup> (*Diário da Tarde*, 10 fev. 1894) e “Amor na tulha”<sup>14</sup> (*Correio Paulistano*, 18 fev. 1894). No prefácio de *Lereias*, Enid Yatsuda Frederico menciona que Valdomiro Silveira, em entrevista a Silveira Peixoto, no jornal *Vamos Ler!*, em março de 1939, não citou esses três contos. Segundo ela, é possível que o autor não os considerasse suficientemente regionalistas.<sup>15</sup>

<sup>8</sup> Homenagem à memória de Valdomiro Silveira. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 de agosto de 1941. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19410821-22073-nac-0007-999-7-not>>. Acesso em: 29 de março de 2021

<sup>9</sup> BARBOSA, Alexandre de Oliveira. *Edição anotada de Mucufos, coletânea de contos inédita de Valdomiro Silveira*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007. Orientadora: Profa. Dra. Telê Ancona Lopez.

<sup>10</sup> Em carta para Monteiro Lobato, em 23 de julho de 1920, seu irmão Agenor Silveira assegura: “Antes de tudo, é bom ir-te dizendo que Valdomiro foi criador da literatura regional no Brasil. [...] De fato, até 1891, data com que aparece, no *Diário Popular* de São Paulo, o seu conto intitulado *Rabicho*, não me consta que nenhum escritor brasileiro manifestasse qualquer pendor para o regionalismo [...]”.

<sup>11</sup> RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “Valdomiro Silveira e as origens do regionalismo sertanejo em nossa ficção”. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Nas serras e nas furnas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 31.

<sup>12</sup> Este conto não chegou a ser publicado em livro. Narra a história de Manoelzinho, que mata por vingança o burro que o machucara.

<sup>13</sup> O conto, que foi acolhido em *Mucufos* (2007), relata a primeira paixão da moça ingênua Clorinda e do caçador Eugênio.

<sup>14</sup> “Amor na tulha”, pertencente à obra *Mixuangos* (1937), descreve um encontro amoroso entre Marica e Josefino.

<sup>15</sup> Em “Vingança” e “Primeira queda” não há diálogos entre as personagens, sendo contos apenas descritivos, utilizando pouco o linguajar caipira. Isso poderia justificar a hipótese levantada por Enid Yatsuda Frederico. Cf.

O arquivo pessoal de Valdomiro Silveira foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) em 2006, pela neta e bisneta do escritor, Isabel Silveira Leal Góis e Ana Maria Leal Góis. O Fundo congrega, aproximadamente, 2.800 documentos, entre os quais manuscritos do autor, correspondência ativa e passiva, fotografias, documentos relativos à sua atuação na advocacia, recortes de jornais, como também o expressivo conjunto de diários de Maria Isabel Silveira<sup>16</sup> e outras matérias.

## 2. Valdomiro Silveira e a tradição regionalista

De acordo com Antonio Candido, em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”<sup>17</sup>, a literatura brasileira passou por diversos entraves para se firmar autonomamente. Em busca de uma literatura original, que retratasse as particularidades e a diversidade de um país continental, o escritor brasileiro tentou se autoafirmar perante a influência de Portugal. Para o crítico, o romantismo (1836–1870) e o modernismo (1922–1945) figuraram como “momentos decisivos” na história da literatura brasileira, espelhando o engajamento nacionalista dos literatos, mesmo que ainda seguindo exemplos europeus.

No primeiro desses “momentos”, introduzido no Brasil por meio da publicação de *Sussurros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães, a independência política do país fizera surgir a necessidade de criação de uma literatura que verdadeiramente exprimisse a nova realidade, ou seja, uma “literatura nacional”<sup>18</sup>. É também no romantismo que, na percepção do crítico, teria emergido a valorização do regionalismo, que passou a ser um elemento de diferenciação da literatura nacional, ao tematizar folclore, costumes e diferentes formas de expressão locais.

Já o modernismo, tido como um momento de renovação da atividade literária, tópicos como a liberdade de criação e de expressão literária passaram a ser discutidos. Os modernistas, de acordo com Antonio Candido, teriam proposto uma nova concepção artística, disseminada, sobretudo, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

---

FREDERICO, Enid Yatsuda. Introdução. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 11

<sup>16</sup> Cf. MENDES, Mariana Diniz. *Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965): vestígio e inscrição de uma voz comedida*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2021. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

<sup>17</sup> CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p.116-123.

<sup>18</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014, p. 327.

O período em que Valdomiro Silveira produziu a maioria de seus contos e publicou seu primeiro livro é considerado por Antonio Candido como a fase da literatura de permanência. Para o crítico, de 1900 a 1922, as características românticas foram preservadas e desenvolvidas, sem grandes novidades no campo literário. O regionalismo, desde José de Alencar, tinha se constituído como uma forma de evidenciar particularidades literárias e de valorizar o *genius loci*, tomando a forma do “conto sertanejo”, leviano e artificial, fruto do desejo do homem da elite de conhecer o homem rural. Apesar de colocar em evidência tais culturas (traço positivo), a maneira muitas vezes pitoresca pela qual o caipira era retratado, podia ser vista como negativa. Para o crítico e historiador da literatura, Valdomiro Silveira, assim como Coelho Netto, apresentava um “pretensioso exotismo”. Afirmar:

Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o “conto sertanejo”, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito ideias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.<sup>19</sup>

Ainda tratando de questões ligadas ao regionalismo literário, Candido, em “Literatura e subdesenvolvimento”<sup>20</sup>, chama a atenção para um tipo de regionalismo que parece buscar a afirmação de identidade, mas que, na realidade, acaba por mostrar o “elemento exótico” em vista da sensibilidade europeia<sup>21</sup>.

Em *Os parceiros do Rio Bonito*, obra publicada em 1964, evidencia-se o olhar sociológico de Antonio Candido. Entre 1947 e 1954, o estudioso colheu testemunhos de uma população seminômade formada entre os séculos XVI e XVIII, nos municípios de Bofete, Botucatu e Piracicaba. A obra, entre outros temas, ilumina questões relacionadas à moradia, alimentação, economia e cultura caipiras. Aponta o autor:

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Daí o *atraso* que feriu a atenção de Saint-Hilaire e criou tanto

<sup>19</sup> CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 120.

<sup>20</sup> CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 156

<sup>21</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 156.

estereótipos, fixados sinteticamente de maneira injusta, brilhante e caricatural, já no século XX, no Jeca Tatu de Monteiro Lobato.<sup>22</sup>

Afrânio Coutinho, em *A literatura no Brasil*, estuda “O regionalismo na ficção”. A seu modo de ver, na vertente romântica, a ficção regionalista se inclinava para o escapismo e para a idealização do presente, ganhando tons pitorescos e supervalorizados. Ela teria representado o caipira de forma jocosa, firmando o sentimentalismo, em uma visão ainda europeizada. O crítico salienta uma contradição do regionalismo romântico:

Essa modalidade de regionalismo incorre numa contradição ao supervalorizar o pitoresco e a cor local do tipo, ao mesmo tempo que procura encobri-lo, atribuindo-lhe qualidades, sentimentos, valores que não lhe pertencem, mas à cultura que se lhe sobrepõe. Já se assinalou que o índio de Alencar era um europeu de tanga e tacape.<sup>23</sup>

Para Afrânio Coutinho, o movimento realista deu prosseguimento à busca de algo que singularizasse a literatura brasileira. Recusando o saudosismo e o escape da realidade, bem como o universo onírico, facultou um olhar sobre o homem e sua relação com o ambiente, evidenciando culturas, costumes, paisagens e linguagens regionais. Com o realismo, as questões regionais teriam passado a uma verdadeira temática a ser estudada e trabalhada. Teria proporcionado à literatura uma técnica de escrita e um novo enfoque, possibilitando que o escritor se debruçasse sobre a linguagem regional, sobre os tipos que frequentavam essas regiões e sobre questões sociais e morais.

O crítico, em seu estudo, coloca também em pauta o conceito de “sertanismo”. Sob essa denominação, a literatura retrataria o sertão como uma espécie de “paraíso” habitado por pessoas boas e puras. Posteriormente, a seu ver, o “sertanismo” transformar-se-ia no “caipirismo”:

Numa fase mais tardia, esse sertanismo corrompeu-se no caipirismo, representação caricatural e grotesca, cujos tipos constituíram uma enorme galeria do nosso romance e teatro, até os nossos dias. [...] De qualquer modo o sertanismo é uma reação nativista mais vigorosa do que o indianismo, e sobretudo mais autêntica,

<sup>22</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2010, p. 96.

<sup>23</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era realista/era de transição*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1986, p. 234.



porque baseada numa realidade nacional mais entrosada na trama de nossa civilização.<sup>24</sup>

Segundo Afrânio Coutinho, por toda parte do país, escritores buscaram trazer para a literatura temas regionais. Em seu ensaio, registrou seis diversas vertentes criativas: ciclo nortista, ciclo nordestino, ciclo baiano, ciclo central, ciclo paulista e ciclo gaúcho. A Edgard Cavalheiro, na coletânea *A literatura no Brasil*, coube a discussão sobre o ciclo paulista, que interessa mais de perto para a dissertação, devotada a compreender a sociabilidade de Valdomiro Silveira no campo literário.

Para Cavalheiro, a publicação de *Urupês*, de Monteiro Lobato, em 1918, teria redefinido os percursos da literatura paulista, considerada, na época, pouco significativa. Além de influenciar escritores como Veiga Miranda, Amando Caiuby e o próprio Valdomiro Silveira, Lobato, como o editor, teria logrado movimentar o meio literário de São Paulo. Sobre o autor de *Os caboclos*, livro editado por Lobato, o crítico afirma:

Suas histórias começaram a ser escritas e divulgadas desde 1891, tornando-o um dos pioneiros da literatura regional brasileira. Trazendo para a ficção cenas e tipos, costumes e paisagens da roça, e sobretudo o linguajar caboclo, deu acolhida a todos os modismos e construções do vocabulário e da sintaxe cabocla, como em *Nas serras e nas furnas* (s.d.), *Mixuangos* (1937) e *Lereias* (1945).<sup>25</sup>

### 3. Em torno da fortuna crítica de Valdomiro Silveira

Valdomiro preservou em seu arquivo artigos jornalísticos que se debruçaram sobre a sua obra. Conheceu, por exemplo, a opinião de Sylvio Floreal, Paulo Setúbal e René Thiollier. Por ocasião do lançamento de *Os caboclos* (1920), Sylvio Floreal, em sua resenha em *O Commercio de Campinas*, afirma que Valdomiro iria ensinar muito do Brasil, ao descrever com realidade o caipira e seu meio rústico, moldando uma visão “profundamente humana”. Colocando, inclusive, em pé de igualdade com Monteiro Lobato e Paulo Setúbal, responsáveis pelo ressurgimento e independência da literatura regionalista<sup>26</sup>. Para Setúbal, em face da mesma obra, Valdomiro podia ser considerado o “regionalista mais fiel entre os escritores paulistas”, pois não faria caricaturas dos caipiras, mas traços verossímeis, fugindo de cópias de Anatole

<sup>24</sup> COUTINHO, Afrânio. Op. cit., p. 237.

<sup>25</sup> COUTINHO, op. cit., p. 298.

<sup>26</sup> FLOREAL, Syvio. *Os caboclos*. O Commercio de Campinas. Campinas, 25 de janeiro de 1921.

France e Paul Bourget<sup>27</sup>. René Thiollier, em “A propósito dos *Caboclos*”<sup>28</sup>, diferentemente de Setúbal, encontra semelhanças entre Anatole e a produção dos irmãos Silveira (Valdomiro, Alarico, Agenor e João<sup>29</sup>). Pontua: “Valdomiro, por certo, não teria escrito os seus contos, se os não tivesse sentido – e profundamente”. Por ocasião da publicação de *Mixuangos*, em 1937, Menotti Del Picchia evidencia a linguagem áspera e as paisagens criadas pelo “escritor que saía dos cafundós do mato”.<sup>30</sup>

A fortuna crítica de Valdomiro Silveira não é extensa e se mostra controversa. A crítica literária Lúcia Miguel Pereira, em *História da Literatura Brasileira, Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*, obra publicada em 1950, julga que Valdomiro Silveira logrou a modelagem de um “narrador alerta” e sempre fiel aos temas regionalistas. Contudo, em sua opinião, ele teria permanecido apenas na “superfície” da vida das personagens. Por outro lado, ela não deixa de salientar a naturalidade da fala dos caboclos.<sup>31</sup>

Alfredo Bosi, em *História concisa da Literatura Brasileira* (1970) insere a produção de Valdomiro Silveira na estética do Realismo/Naturalismo. Vê essa produção literária “assumida nos seus precisos contornos físicos e sociais dentro de uma concepção mimética da prosa” (BOSI, 2015, p. 219-220). Segundo o crítico, a pena do escritor indicava uma renovação na prosa, ao colocar em evidência o homem rural e transcrever fidedignamente seu modo de falar<sup>32</sup>, a mesma opinião de Mário de Andrade, em 1939<sup>33</sup>, que considerava as obras de Valdomiro verdadeiros “clássicos” do linguajar caipira:

Também escritores de outras regiões procuram às vezes revelar a língua das nossas massas populares regionais e as revelam admiravelmente. Valdomiro Silveira, por exemplo, cujos livros são verdadeiramente clássicos, como expressão do dizer caipira.<sup>34</sup>

Como visto anteriormente, Antonio Candido, em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, considerou pitoresca representação do caipira na obra de Valdomiro Silveira. Carmen Lydia de Souza Dias, em *Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo* (1984) refuta essa percepção. Assevera:

<sup>27</sup> SETÚBAL, Paulo. *Os caboclos*. A Gazeta. São Paulo, 27 de janeiro de 1921.

<sup>28</sup> THIOLLIER, René. *A propósito dos caboclos de Valdomiro Silveira*. Jornal do Commercio. São Paulo, 7 de março de 1921.

<sup>29</sup> Aqui, Thiollier refere-se a João Silveira, irmão mais novo de Valdomiro.

<sup>30</sup> PICCHIA, Menotti del. *Mixuangos*. Diário da Noite. São Paulo, 25 de agosto de 1937.

<sup>31</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 192.

<sup>32</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

<sup>33</sup> ANDRADE, Mário de. “Pintor contista/ 21 maio 1939”. In: *O empalhador de passinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 56.

<sup>34</sup> ANDRADE, Mário de. Op. cit., p. 56.

Não há [...] em Valdomiro, considerando-se o conjunto de obras, o pitoresco deformante, ou seja, a singularidade que, extraída do real, fica animada de vida autônoma, artificiosa e postiça, infinita mentira composta de um sem-número de verdades selecionadas a dedo e, portanto, reificadas.<sup>35</sup>

Carmen Lydia ressalta a dificuldade de inserção de Valdomiro Silveira em uma estética literária delimitada. Percebe na obra do regionalista aspectos românticos (o lado sentimental de suas personagens, a representação da natureza) e realistas/naturalistas (a investigação de cunho científico, o autor interessando-se por botânica e ornitologia, coletando expressões dialetais etc.). Para a estudiosa, Silveira apresenta, inclusive, uma consciência crítica diferenciada dentro das possibilidades de sua formação erudita, ao problematizar a realidade cultural e social brasileira, escrevendo sobre os caipiras, um grupo social e economicamente marginalizado<sup>36</sup>.

A estudiosa reflete também sobre o linguajar caipira nas obras de Valdomiro Silveira. Para ela, a expressão linguística cabocla e o uso da norma culta do português (a formação do escritor), emparelhados, teriam resultado em uma certa artificialidade. Sob essa perspectiva, o melhor resultado literário de Valdomiro, em termos de linguagem, teria se efetivado em *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*, de 1945, obra na qual o caipira é também narrador dos contos.

#### **4. Correspondência no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.**

As cartas presentes no *Fundo Valdomiro Silveira*, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, dividem-se em quatro grupos: aquelas que ele recebeu de intelectuais brasileiros; de familiares; de colegas advogados; e missivas de terceiros. Cartas assinadas pelo escritor, preservadas no acervo, são poucas; foram remetidas a familiares, como sua esposa Maria Isabel, sua filha Júnia e a colegas de profissão, ou constituem cópias daquelas endereçadas a René Thiollier, Amando Caiuby, Pedro Uzzo, Souza Jr., entre outros intelectuais.

No *Fundo Plínio Barreto*, no IEB-USP, conserva-se, também um conjunto de cartas assinadas por Valdomiro Silveira. Elas foram difundidas na dissertação de Mestrado de André

---

<sup>35</sup> DIAS, Carmen Lydia de Souza. *Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo*. São Paulo: Editora Ática, 1984, p. 22-23.

<sup>36</sup> DIAS, Carmen Lydia de Souza. *Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo*. São Paulo: Ática, 1984, p. 4.

da Costa Cabral<sup>37</sup>. Essas missivas lançam luz sobre as publicações do escritor regionalista na *Revista do Brasil*, como o conto “Os curiangos”, em 1915, trazendo à tona aspectos da movimentação literária da época.

Os itens vinculados à correspondência ativa e passiva de Valdomiro Silveira, relativamente ao campo letrado/literário, foram por mim descritos, visando o cadastro na base de dados do IEB-USP. A pesquisa contabilizou 153 cartas subscritas por 58 remetentes. Esse conjunto representa, contudo, seguramente, uma pequena parcela da correspondência passiva de Valdomiro Silveira, de cuja totalidade não se têm atualmente notícia, nem a dimensão.

Apresento, abaixo, a listagem de correspondentes de Valdomiro Silveira, assim como o período nas quais as cartas estão circunscritas:

Escritor	Período	Nº de documentos
AMARAL, Amadeu	07/11/1912 - [08/08/1922]	13
AMBROGI, Cesídio	11/11/1921	1
ANDRADE, Mário de	19/03/1937 - 04/11/1937	4
ARANTES, Altino	30/08/1937	1
AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de	28/08/1937	1
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de	[04/03/1912] - [1921]	14
BARBOSA, Bruno	12/01/1933 - 13/05/1945	4
BARBOSA, Rui	05/07/1912	1
BARRETO, Plínio	17/07/1907 – 02/05/1938	9
BARROS, João de	29/03/1929	1
BILAC, Olavo	15/06/1897 - 29/06/1917	2
CAIUBY, Amando Franco Soares	19/08/1939	1
CAJADO, Sílvia Mendes	01/05/1928	1
CARDONA, Ibrantina	12/04/1938	1
CARDOSO, Vicente Licínio	14/10/1927	1
CARUSO, Vítor	10/1935 – [1937]	3
COELHO NETTO, Henrique	25/02/1917	1
CORREIA, Pio Lourenço	25/04/1938	1
CORREIA, Roberto	09/09/1937	1
COUTO, Ribeiro	[17/07/1917] - 28/12/1917	2
CUNHA, Euclides da	12/10/1903	1
DUARTE, Prescília	26/02/1921 - 20/01/1923	2
DUARTE, Raphael	13/06/1914 - 31/01/1921	2
ESCOBAR, Francisco	23/02/1915 - 16/02/1921	6
FARIA, Alberto	24/06/1917 - 27/01/1921	2

<sup>37</sup> CABRAL, André da Costa. *Escritores brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

FIGUEIREDO, Cândido de	06/03/1921	1
FIGUEIREDO, Jackson	25/07/1921	1
FONTES, Epiteto	18/08/1916 - 14/11/1938	3
GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz	17/04/1914 - 25/05/1914	3
GRIECO, Agrippino	11/10/1927	1
GUALBERTO, Luciano	30/05/1941	1
LEITE, Aureliano	16/08/1937	1
LÍBERO, Cásper	27/04/1925	1
LOBATO, Monteiro	24/09/1917 – 27/06/1930	10
LOPES, Augusto	10/02/1921	1
LUÍS, Washington Pereira de Souza	26/01/1920 - 16/09/1937	2
LUSO, João	16/03/1937 - 23/12/1945	3
MACHADO, Alcântara	24/03/1936 - 07/01/1941	2
MARIANO, Olegário	10/04/1935	1
MIRANDA, João Pedro da Veiga	26/10/1907 – 01/02/1926	2
MOTA, Leonardo	29/01/1926	1
MOTTA, Otoniel	16/02/1921	1
PEIXOTO, Afrânio	26/06/1920 – 03/03/1932	3
PINTO, Arnaldo Simões	08/01/1917 - 04/09/1917	4
PRATA, Ranulfo	20/08/1937	1
PRESTES, Júlio	20/03/1932	1
SEIXAS, Aristeu	21/01/1921 - 15/08/1932	5
SETTE, Mário	11/09/1937	1
SILVA, Júlio César da	28/11/1914 - 19/05/1921	3
SOUZA JÚNIOR, Augusto Gonçalves de	01/08/1939	1
TAUNAY, Afonso d'Escragnolle	06/07/1920 - 26/01/1932	4
TEIXEIRA, Gustavo de Paula	23/11/1916 - 26/09/1935	2
THIOLLIER, René	25/12/1919 – 22/06/1943	11
UZZO, Pedro	08/08/1939	1
VAMPRÉ, Spencer	09/01/1923	1
VAREJÃO, Lucillo	19/07/1922 - 08/08/1929	2
VARELA, Alfredo Augusto	[sem data]	1
VERÍSSIMO, José	12/06/1897	1

A lista evidencia a constituição de uma heterogênea rede de sociabilidade. A literatura de Valdomiro chamou a atenção de Olavo Bilac, poeta parnasiano e cronista fecundo. Por outro lado, sua produção regionalista mereceu a admiração do modernista Mário de Andrade. Dos escritores que tratavam de temáticas regionais, o contista recebeu missivas de José Veríssimo (um dos precursores do regionalismo amazônico, junto de Inglês de Souza), Mário Sete, Lucilo Varejão, Afrânio Peixoto, Veiga Miranda, Monteiro Lobato, Coelho Netto, entre outros.

#### 4.1. Mapeamento das cartas: principais temas e correspondentes.

Na composição da seleta da correspondência de Valdomiro Silveira, a pesquisa levou em conta a configuração de cinco núcleos temáticos: a) a história editorial de *Os caboclos* (1920) de Valdomiro Silveira; b) a recepção crítica das obras do regionalista, em especial *Os caboclos* (1920) e *Mixuangos* (1937); c) a colaboração de Valdomiro em jornais e revistas; d) a movimentação em torno da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras, e) apreciações críticas de Valdomiro e de seus correspondentes acerca da produção literária do período.

Em um primeiro movimento de análise, foram selecionadas missivas dos seguintes intelectuais: Monteiro Lobato (1882 – 1948), Coelho Netto (1864 – 1934), Afrânio Peixoto (1876 – 1947), Olavo Bilac (1865 – 1918), Amadeu Amaral (1875 – 1929), Euclides da Cunha (1866 – 1909), Mário de Andrade (1893 – 1945), Afonso de Taunay (1876 – 1958), Otoniel Mota (1878 – 1951), além das cartas de Valdomiro enviadas para Pedro Uzzo (1901 – 1977), Amando Caiuby (1886 – 1973), Plínio Barreto (1882 – 1958) e René Thiollier (1882 – 1968).

Monteiro Lobato, grande amigo de Valdomiro Silveira e do irmão dele, Alarico, tornou-se o editor de *Os caboclos*. O autor de *Urupês* teve significativa importância no mercado editorial de São Paulo e brasileiro. Segundo Cilza Carla Bignotto, Lobato empregou métodos diferenciados para efetuar a ampla circulação das obras que editava. Criou uma rede nacional de distribuição de livros, publicou novos autores, colocou em questão os direitos autorais, promoveu a renovação da indústria gráfica da produção livreira. De acordo com a pesquisadora, *A Revista do Brasil* foi a primeira sede de sua editora, que passou por diversas mudanças de nome: Olegário Ribeiro. Lobato & Cia (em associação com o tipógrafo Olegário Ribeiro, 1919), Monteiro Lobato & Cia (junto de Octalles Marcondes Ferreira, em 1920), Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato (falida em 1925) e Cia. Editora Nacional.<sup>38</sup>

Nas dez cartas que Lobato dirigiu a Valdomiro, é possível acompanhar a movimentação editorial da época, obter referências sobre o processo de publicação de livros (tiragens, revisão, negociação com livrarias, difusão, venda etc.). Em 15 de novembro de 1920, Lobato escreve ao amigo: “*Os caboclos* já estão com a cabeça de fora. Antes de dezembro estouram.”. Já em 16 de novembro de 1920<sup>39</sup>, noticia: “Já está à venda o teu livro. E agora? Queres distribuí-lo à

<sup>38</sup> BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918 – 1925)*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

<sup>39</sup> Data presumida por D. Júnia Silveira Gonçalves.

crítica ou fazemos nós? Já mandei para todos os jornais de S. Paulo; Faltam o Rio e o resto. Mando-te 50 exemplares”.

Em 1920, o taubateano também pede a Valdomiro contos para estampá-los na *Revista do Brasil*, periódico que comprara em 1918:

Em janeiro próximo terminaremos dar um número (*Rev. do Brasil*) um número de arromba. Um número que arrombe as portas da indiferença pública e permita uma marca desembaraçadora a essa publicação durante o resto do ano. E quero reunir nesse número só escritores de minha predileção. Ora você é dos tais. Podes mandar-me um conto?<sup>40</sup>

A recepção crítica das obras de Valdomiro Silveira é outro assunto que pode ser identificado na correspondência. Em 1897, Olavo Bilac dirige-se a Valdomiro, elogiando os contos dele. Afirma que o destinatário possuía “talento como o diabo que o carregue”. Confirma o recebimento das laudas de “Enredos”<sup>41</sup>, para publicação em *A Bruxa*. Essa narrativa reapareceria em livro somente em 1945, em *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. Bilac testemunha, ainda, os elogios de Coelho Netto, Luís Murat, Ferreira de Araújo e Guimarães Passos, evidenciando a circulação da prosa de Valdomiro no Rio de Janeiro. Conta:

No Rio, entre os que escrevem, a publicação dos seus contos tem sido uma verdadeira revelação [...] disse-me o Araújo que não supunha que nesses cafundós do Rio Pardo se aninhasse um escritor como você.<sup>42</sup>

Em 1903, Euclides da Cunha discute técnica narrativa com Valdomiro Silveira. Sugere que ele utilize o linguajar caipira apenas nas falas das personagens, deixando o vernáculo para o narrador, recurso efetivamente adotado pelo paulista em suas três primeiras obras. Insiste: “É o velho conselho que não me cansarei de te dar.”<sup>43</sup>

Por meio das cartas, podemos supor que Valdomiro Silveira enviava exemplares de seus livros para escritores, intelectuais e críticos literários, com a finalidade de divulgá-los. Afrânio Peixoto, em carta de 14 de fevereiro de 1921, tece elogios aos contos de *Os caboclos*, nos quais detecta fundamentos estéticos naturalistas/realistas:

A intervenção pessoal do escritor, seja mesmo para fazer cócegas ao leitor, com um humorismo ou ironia, faz rir, servir, mas tira o “mistério” da narrativa, “a ilusão” do fingimento... fica em conversa fiada, nunca uma “história”

<sup>40</sup> Carta de 15 nov. 1920 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>41</sup> SILVEIRA, Valdomiro. “Enredos”. In: *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. São Paulo: Martins, 1945.

<sup>42</sup> Carta de 15 jun. 1897 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>43</sup> Carta de 12 out. 1903 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

verdadeira. Até que enfim achei um autor de contos regionalistas, a meu gosto, que conta histórias “acontecidas”<sup>44</sup>

Afonso de Taunay revela, igualmente, suas impressões sobre *Os caboclos*:

Imensamente penhorado venho agradecer-lhe a remessa do seu lindo volume d’*Os caboclos* que li, e antes que reli quase todo pois tinha bem presentes as memórias os contos que nele vem. Dou-lhe os parabéns pelo aparecimento do livro e felicito-me, como público [...] <sup>45</sup>

Sobre *Nas serras e nas furnas* (1932), o mesmo historiador escreve:

Em *Nas Serras e nas furnas* vejo o nosso estilo vigoroso, a nossa veia inventiva [abundante], o nosso brilho e colorido das peças que constituem a essência d’*Os Caboclos*. Parabéns pela bela joia com que veio enriquecer as nossas letras e a nosso tempo ofereces aos nossos folcloristas e antropólogos tanta observação [...] <sup>46</sup>

Otoniel Mota, filólogo e professor, em 1921, sublinha, na obra de Valdomiro, a originalidade e o propósito realístico na representação do caipira:

Sabe que eu também manejo na mesma seara, que também estudei nossa gente e o nosso meio rústico. Bem pude compreender, pois, com que interesse acompanho o seu espírito através de suas páginas tão cheias de verdade. Mas o que nelas especialmente me sensibiliza é a sua grande simpatia para com o nosso pobre Jeca. O seu Jeca existe. Eu já me hospedei com ele semanas inteiras nas choças cobertas de folha de coqueiro ou de taquara batida. A tradução do seu livro em língua estrangeira não daria de nosso povo rústico nem uma ideia má, nem uma ideia falsa. O seu livro é, pois, um livro bom. <sup>47</sup>

Outros intelectuais como Ranulfo Prata, Bruno Barbosa, Washington Luís, Rui Barbosa e Ribeiro Couto também revelam, nas cartas, suas impressões sobre as produções regionalistas de Valdomiro Silveira.

Amadeu Amaral, poeta parnasiano e estudioso do folclore, autor de *O dialeto caipira* (1920), recorre a Valdomiro, em 1922, consultando-se sobre o significado de palavras de usos regionais: “Já que te ofereces com tão boa vontade, aí vai sua primeira consulta”<sup>48</sup>. Amadeu envia ao amigo de Santos poemas para apreciação crítica: “Com que então gostaste da ‘Palmeira e o Raio’? Pudera!”.

<sup>44</sup> Carta de 14 fev. 1921 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>45</sup> Carta de 22 jan. 1921 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>46</sup> Carta de 26 jan. 1932 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>47</sup> Carta de 16 jan. 1921 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>48</sup> Carta de [8 ago. 1922]. Amadeu solicita a Valdomiro definições de palavras como “covanca”, “tambanja”, “azulezo” e “carma”.



Essas cartas documentam também bastidores das eleições na Academia Brasileira de Letras. Amadeu Amaral, em 1916, confidencia:

Nunca pretendi ser candidato. Quando estive no Rio, em fins do ano passado, não falei sobre a Academia senão a dois ou três que me interpelaram – e a esses para dizer claramente que não tencionava apresentar-me. Com o Alberto de Oliveira, o Bilac, o Félix e outros acadêmicos influentes, com as quais estive, não troquei palavra sobre isso. Entretanto, o Emílio de Menezes, e com ele alguns amigos estranhos à Academia, manifestavam-me sempre o desejo de me ver candidato. Quando morreu o José Veríssimo, romperam, lá pelo Rio, com a agitação em torno do meu nome – fato de que só tive conhecimento depois de realizado, por um telefonema incerto no *Estado de S. Paulo*. Depois disso, já escrevi por várias vezes ao Emílio, exprimindo a minha pouca vontade de me apresentar e os meus receios de um fracasso que só servirá de fazer andar o meu pobre nome na boca do povo.<sup>49</sup>

Euclides da Cunha, em sua carta de outubro de 1903, mencionava igualmente a sua relação (tensionada) com a Academia Brasileira de Letras, para a qual tinha sido eleito no mês anterior: Reflete:

Qtº a Academia... um jornal do Rio afirmou, lisonjeando-me imensamente, que eu sou o que há de menos acadêmico neste mundo. Falou realmente, verdade. Dificilmente respirarei ao meio todo convencional, e rigorosamente dosado e medido, que forma a vida artificial de qualquer Academia. Tenho arestas, e pontas, e ressaltos, e falhas e doudas ondulações revolucionárias, que jamais se encherão e se amansarão.<sup>50</sup>

As missivas de Valdomiro Silveira para Amando Caiuby e René Thiollier tratam de eleição na Academia Paulista de Letras. Valdomiro, em 1939, informa ao candidato Caiuby, escritor regionalista, sua intenção de oferecer-lhe o voto. Nessa carta, Valdomiro corrige, em tom de brincadeira, o engano do destinatário, que grafara o seu nome com “W”: “Você não sabe que já tenho matado algumas pessoas, por haverem praticado ato igual ao seu?”<sup>51</sup>. Logo depois, Silveira escreve a Thiollier, em 1939 secretário geral da instituição:

Quero pedir-te que registes desde já o meu voto no Amando Caiuby, para preencher a vaga que vai abrir-se. Tomo esta deliberação já, por temer que haja

<sup>49</sup> Carta de 14 jul. 1916 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>50</sup> Carta de 12 out. 1903 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>51</sup> Carta de 19 ago. 1939 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

alguma reunião a que eu não compareça, por desencontro de aviso. E mandarei, sendo preciso, o voto formulado em papel à parte.<sup>52</sup>

Contudo, Caiuby não chegou a ser eleito.

Muitos aspectos da sociabilidade e da vida literária estão expressos na correspondência de Valdomiro Silveira. No conjunto epistolar, destacam-se cartas de três escritoras: Presciliana Duarte, Sylvia Mendes Cajado e Ibrantina Cardona.

Presciliana Duarte, em sua missiva de fevereiro de 1921, declara ao contista suas impressões sobre *Os caboclos*:

Ao ler – há tanto tempo já! – os seus primeiros contos, na imprensa de S. Paulo, senti meu coração dilatar-se e respirei a plenos pulmões... Era um passado inteiro que revivia a meus olhos, a infância que voltava [...]. Vieram em seguida suas belíssimas crônicas, e depois foi o anseio em que fiquei para ver sua obra em livro e coroada. Tardou tanto e veio tão linda!<sup>53</sup>

Em 20 de janeiro de 1923, ela pede a colaboração de Valdomiro para que seu livro de propósito didático figurasse entre as obras aprovadas pelo governo:

Peço-lhe, com o maior empenho, que se entenda com o Dr. Alarico Silveira ou com o Sr. Diretor da Instrução para que as *Páginas Infantis* figurem na lista oficial para leitura suplementar do 2º ano primário, conforme foi resolvido em Abril de 1922, devido ao seu influxo poderoso.

Sylvia Mendes Cajado, em 1928, envia ao escritor a tradução de que se ocupara, solicitando uma apreciação crítica, mostrando-se penalizada em face do silêncio da imprensa. Ibrantina Cardona, por sua vez, em 1938, solicita a ele que um poema de sua autoria também fosse incluído na coletânea que se preparava, em homenagem à memória do poeta Martins Fontes.

Valdomiro Silveira, em 21 de fevereiro de 1917, escreve a Coelho Netto testemunhando o “entusiasmo” e a “profundíssima” impressão que *Rei Negro: romance bárbaro*, obra do destinatário publicada em 1914, lhe causara. A narrativa, de fulgor épico, apresenta o protagonista, Macambira, um escravo-herói que se revolta contra seu senhor. Valdomiro mostrava-se na carta intrigado com a parca repercussão que o livro obtivera. Pergunta: “Explica-me tu, se podes explicá-lo, por que razão não se ocupou devidamente do *Rei Negro* a crítica indígena? A não ser que lhe causasse pavor a grandeza da tarefa, o teu silêncio parece-me significativo da clara pasmeira espiritual...”<sup>54</sup>.

<sup>52</sup> Carta de 19 ago. 1939 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>53</sup> Carta de 26 fev. 1921 ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>54</sup> Carta de Valdomiro Silveira, 21 fev. 1917., localizada pela pesquisa nos *Anais da Biblioteca Nacional* (vol. 78, 1958).

Em resposta, na missiva de 25 de fevereiro, Coelho Netto palmilha os meandros de sua obra:

[...] é um livro substancialmente brasileiro, escrito em português velho [...]. Um brutamontes, do porte de Macambira, caminhando ao passe rude, lustroso de suor e tresandando à catanga, era mesmo para causar espanto e nojo aos espíritos curiosos, que se deleitam nas leituras francesas. [...] Eu sou bárbaro e escrevo a meu modo, sem me preocupar com o “sucesso”<sup>55</sup>

Alguns escritores como Cesídio Ambrogi, Aristeu Seixas, Lucilo Varejão e René Thiollier solicitaram a Valdomiro a leitura de suas produções inéditas. Cesídio, em 1921, apresenta os originais do livro *Do meu sertão*, que acabou não sendo publicado:

Venho bater à sua porta, insinuado pelo meu ilustre conterrâneo e amigo dr. Monteiro Lobato. Sou inimigo dos preâmbulos floridos e, como o tenho na conta de intelectual distinto, dos mais distintos que conheço, venho, sem mais aquela, rogar-lhe a fineza de um obséquio. Desejava que o sr. lesse o meu livro inédito – *Do meu sertão*...<sup>56</sup>

O poeta Aristeu Seixas, em 1922, também recorre ao contista, confiando na apreciação crítica dele:

Pois bem: cumpro hoje o compromisso que, de há muito, assumi para comigo mesmo: mandar-lhe os originais, pedir-lhe que os lesse, que os anotasse, que os podasse ou, mais do que tudo isso, com uma simples opinião, fizesse que eu os não publicasse.<sup>57</sup>

Lucilo Varejão e René Thiollier, em suas cartas, também expressam o desejo de conhecer avaliações literárias de Valdomiro.

As missivas assinadas por Mário de Andrade tratam, em sua maioria, do Congresso da Língua Nacional Cantada, evento cultural ocorrido em 1937, idealizado pelo Departamento de Cultura do município de São Paulo. Nas cartas, o autor de *Macunaíma*, na qualidade de diretor do órgão público, convida Valdomiro para participar dos debates previstos, enviando teses ou comunicação. Mário encaminha a ele texto-padrão que seria discutido por filólogos, linguistas e escritores, convalidando, assim, a importância do regionalista no campo literário. O convite feito pelo Departamento de Cultura estendia-se também para a Agenor Silveira, que havia publicado obras na área da filologia.

<sup>55</sup> Carta de 21 fev. 1917 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>56</sup> Carta de 11 nov. 1921 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>57</sup> Carta de 4 ago. 1922 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

Merecem destaque, no *Fundo Valdomiro Silveira*, as cópias ou rascunhos que o escritor conservou de suas próprias cartas. Deixam entrever Valdomiro na posição de crítico, avaliando a produção literária de seus correspondentes. Dirige-se, em 1939, a Pedro Uzzo, nascido em Paraibuna, São Paulo, e residente em Santos, onde atuava como jornalista. Silveira e Uzzo nasceram e cresceram em zonas rurais do Vale do Paraíba, interior de São Paulo, devotados ambos a representar a atmosfera rústica em suas ficções. Valdomiro oferece as suas impressões sobre a obra regionalista *Penca de aratacas* do jovem (1939):

Porque eu, você e alguns poucos mais seremos, até o fim da vida literária, fieis ao amor e à recordação das coisas que vimos e ouvimos desde os primeiros anos. Há, no seu romance, capítulos que quase nos põe diante dos olhos certas figuras cuidadosamente evocadas. Um começo de arrepio nos corre à flor da pele, de instante a instante, quando o velho Moisés, gungunando xingamentos de envolta com esconjuros, prepara todo o rito da sua feitiçaria.<sup>58</sup>

Em 1939, dirigindo-se a Souza Júnior, escritor e político do Rio Grande do Sul, o paulista também deixa a sua opinião sobre o romance *noir* *Enquanto a morte não vem* (1929):

Acabei de ler o seu romance. Do começo ao fim da leitura, só a interrompi quando o tráfego costumeiro da vida m'ó arrancava das mãos: porque você, sem bulha nem matinada, sabe prender a gente como se fosse o mais prestigioso feiticeiro! O que principalmente me causa admiração, no seu *Enquanto a morte não vem*, é o instantâneo moral dos personagens, apanhado em tão precisa fotografia que não se percebe trabalho algum do romancista em retocá-los. E a par disso (melhor se diria: ainda acima disso) a cor, a robustez e a firmeza do estilo.<sup>59</sup>

## 5. Pressupostos metodológicos na organização da Seleta

Esta dissertação apresenta uma seleta de 121 cartas, buscando fornecer elementos expressivos para a melhor compreensão da posição de Valdomiro Silveira no campo literário brasileiro. Mostram a recepção crítica de suas obras e ajudam a delinear a rede de sociabilidade na qual ele estava inserido.

A Seleta de cartas divide-se em duas partes: *Correspondência Ativa de Valdomiro Silveira* e *Correspondência Passiva de Valdomiro Silveira*. No primeiro conjunto, são apresentadas algumas das poucas cópias de cartas que o escritor regionalista manteve em seu arquivo, sendo

<sup>58</sup> Carta de 8 ago. 1939 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>59</sup> Carta de 1º ago. 1939 pertencente ao *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

a maioria delas destinadas à familiares, ou colegas advogados. Para escritores, foram encontradas cópias de missivas dirigidas a Pedro Uzzo, Amando Caiuby, René Thiollier, Plínio Barreto, Pio Lourenço Correia e Souza Júnior, transcritas na Seleta. Já no segundo, conjunto mais extenso, estão organizadas as cartas assinadas por escritores brasileiros, endereçadas a Silveira.

Os pressupostos da crítica textual balizaram o trabalho de transcrição das cartas, muitas delas de difícil decifração. A transcrição optou por atualizar a grafia das palavras, de acordo com a norma vigente. As abreviações, como “Dr.”, “Sr”, “Am<sup>o</sup>”, “Mto”, “Adm<sup>o</sup>”, “V.”, entre outras, foram mantidas no estabelecimento do texto. Respeitou-se a pontuação das mensagens, exceto nos casos de erro que interferisse na compreensão do conteúdo. Os títulos de livro, jornal e peças de teatro mencionados nas cartas foram grafados em itálico, segundo o uso editorial mais corrente. Trechos sublinhados pelos missivistas foram mantidos. As palavras ou trechos das missivas que resistiram à decifração foram registrados como ilegíveis, marcados entre colchetes. Os vocábulos exibidos entre colchetes indicam possibilidades de leitura, considerando letras identificadas e o sentido da frase.

A anotação das cartas buscou contextualizar os assuntos discutidos pelos interlocutores. Forneceu informações bio-bibliográficas e históricas que pudessem auxiliar o leitor de hoje na compreensão das questões tratadas na correspondência.

A Seleta ofereceu ainda a análise sumária da materialidade das cartas. A análise documentária é um elemento importante, pois apresenta características relevantes das cartas, por exemplo, a forma original de como foram grafadas, as datas e as assinaturas, além das medidas do documento etc.

## II - SELETA

### CORRESPONDÊNCIA ATIVA DE VALDOMIRO SILVEIRA

1.	BARRETO, Plínio. [Sem data].	31
2.	CAIUBY, Amando Franco Soares. 19 ago. 1939.	33
3.	CORREIA, Pio Lourenço. 25 abr. 1938.	34
4.	SOUSA JÚNIOR, Augusto Gonçalves de. 1 ago. 1939.	35
5.	THIOLLIER, René. 19 ago. 1939.	36
6.	UZZO, Pedro. 8 ago. 1939.	37

### CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE VALDOMIRO SILVEIRA

1.	AMARAL, Amadeu. 7 nov. 1912.	38
2.	AMARAL, Amadeu. 24 jun. 1916.	39
3.	AMARAL, Amadeu. 10 jul. 1916.	42
4.	AMARAL, Amadeu. 28 ago. 1916.	43
5.	AMARAL, Amadeu. 18 abr. 1917.	44
6.	AMARAL, Amadeu. 17 ago. 1920.	45
7.	AMARAL, Amadeu. 5 nov. 1920.	46
8.	AMARAL, Amadeu. [8 ago. 1922].	47
9.	AMBROGI, Cesídio. 11 nov. 1921.	49
10.	ANDRADE, Mário de. 19 mar. 1937.	51
11.	ANDRADE, Mário de. 18 maio 1937.	52
12.	ANDRADE, Mário de. 4 nov. 1937.	53
13.	ANDRADE, Mário de. [1937]	54
14.	ARANTES, Altino. 30 ago. 1937.	56
15.	AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. 28 ago. 1937.	57
16.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. [4 mar. 1912].	58
17.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 18 mar. 1912.	59
18.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 21 out 1918.	60
19.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 22 jan. 1921.	62
20.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 25 jan. [1921].	63

21.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 29 jan. [1921].....	64
22.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 4 fev. 1921.....	64
23.	AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 11 mar. [1921]. .....	65
24.	BARBOSA, Bruno. 12 jan. 1933 .....	67
25.	BARBOSA, Bruno. 28 out. 1937. ....	68
26.	BARBOSA, Bruno. 15 mar. 1941.....	70
27.	BARBOSA, Rui. 5 jul. 1912. ....	72
28.	BARRETO, Plínio. 21 jan. 1921.....	73
29.	BARROS, João de. 29 mar. 1921. ....	75
30.	BILAC, Olavo. 15 jun. 1897. ....	76
31.	BILAC, Olavo. 29 jun. 1917. ....	77
32.	CAJADO, Sílvia Mendes. 1º mai. 1928. ....	79
33.	CARDONA, Ibrantina. 12 abr. 1938. ....	80
34.	CARDOSO, Vicente Licínio. 14 out. 1927. ....	81
35.	CARUSO, Vítor. Out. 1935.....	83
36.	CARUSO, Vítor. 28 nov. 1936.....	84
37.	CARUSO, Vítor. [1937].....	85
38.	COELHO NETTO, Henrique. 25 fev. 1917.....	87
39.	CORREIA, Roberto. 9 set. 1937. ....	89
40.	COUTO, Ribeiro. [17 jul. 1917]. ....	90
41.	COUTO, Ribeiro. 28 dez. 1917.....	90
42.	CUNHA, Euclides da. 12 out. 1903. ....	93
43.	DUARTE, Presciliana. 26 fev. 1921. ....	95
44.	DUARTE, Presciliana. 20 jan. 1923.....	96
45.	DUARTE, Rafael. 13 jun. 1914. ....	98
46.	DUARTE, Rafael. 31 jan. 1921. ....	99
47.	ESCOBAR, Francisco. 23 fev. 1915. ....	101
48.	ESCOBAR, Francisco. 2 fev. 1916.....	102
49.	ESCOBAR, Francisco. 26 out. 1916.....	104
50.	ESCOBAR, Francisco. 10 ago. 1917. ....	105
51.	ESCOBAR, Francisco. 12 nov. 1919.....	106
52.	ESCOBAR, Francisco. 16 fev. 1921. ....	108
53.	FARIA, Alberto. 27 jun. 1917. ....	109
54.	FARIA, Alberto. 27 jan. 1921. ....	112
55.	FIGUEIREDO, Cândido de. 6 mar. 1921. ....	113

56.	FIGUEIREDO, Jackson de. 21 jul. 1921. ....	114
57.	FONTES, Epiteto. 18 ago. 1916.....	115
58.	FONTES, Epiteto. 2 abr. 1921. ....	116
59.	FONTES, Epiteto. 14 nov. 1938. ....	117
60.	GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. 17 abr. 1914.....	119
61.	GRIECO, Agripino. 11 out. 1927.....	120
62.	GUALBERTO, Luciano. 30 jun. 1941.....	121
63.	LEITE, Aureliano. 16 ago. 1937.....	122
64.	LÍBERO, Cásper. 27 abr. 1925. ....	123
65.	LOBATO, Monteiro. 24 set. 1917. ....	125
66.	LOBATO, Monteiro. [10 ago. 1918] .....	126
67.	LOBATO, Monteiro. 1 ago. 1920.....	127
68.	LOBATO, Monteiro. 15 nov. 1920.....	128
69.	LOBATO, Monteiro. [16 nov. 1920]. ....	129
70.	LOBATO, Monteiro. 8 fev. 1922.....	129
71.	LOBATO, Monteiro. 27 jun. 1930. ....	130
72.	LOBATO, Monteiro. [Sem data]. ....	131
73.	LOPES, Augusto. 10 fev. 1921. ....	132
74.	LUÍS, Washington Pereira de Souza. 26 jan. 1920.....	134
75.	LUÍS, Washington Pereira de Souza. 16 set. 1937.....	134
76.	LUSO, João. 10 mar. 1937.....	135
77.	LUSO, João. 17 ago. 1937.....	136
78.	MACHADO, Alcântara. 24 mar. 1936.....	137
79.	MACHADO, Alcântara. 7 jan. 1941.....	139
80.	MARIANO, Olegário. 10 abr. 1935. ....	141
81.	MIRANDA, João Pedro da Veiga. 26 out. 1907 .....	142
82.	MIRANDA, João Pedro da Veiga. 1 fev. 1926.....	142
83.	MOTA, Leonardo. 29 jan. 1926. ....	144
84.	MOTTA, Otoniel. 16 fev. 1921. ....	145
85.	PEIXOTO, Afrânio. 14 fev. 1921. ....	146
86.	PEIXOTO, Afrânio. 3 mar. 1932. ....	147
87.	PINTO, Arnaldo Simões. 8 jan. 1917.....	148
88.	PINTO, Arnaldo Simões. 21 abr. 1917. ....	148
89.	PINTO, Arnaldo Simões. 28 jun. 1917.....	149
90.	PINTO, Arnaldo Simões. 4 set. 1917.....	150



91.	PRATA, Ranulfo Hora. 20 ago. 1937.....	153
92.	PRESTES, Júlio. 20 mar. 1931.....	154
93.	SEIXAS, Aristeu. 4 ago. 1922.....	155
94.	SEIXAS, Aristeu. 13 nov. 1922.....	156
95.	SEIXAS, Aristeu. 15 ago. 1932.....	157
96.	SETTE, Mário. 11 set. 1937. ....	158
97.	SILVA, Júlio César da. 28 nov. 1914. ....	160
98.	SILVA, Júlio César da. 20 jan. 1921.....	160
99.	SILVA, Júlio César da. 19 mai. 1921.....	161
100.	TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 6 jul. 1920. ....	162
101.	TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 30 ago. 1920. ....	163
102.	TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 22 jan. 1921.....	163
103.	TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 26 jan. 1932.....	164
104.	TEIXEIRA, Gustavo de Paula. 28 nov. 1916.....	166
105.	TEIXEIRA, Gustavo de Paula. 26 set. 1935. ....	166
106.	THIOLLIER, René. 25 dez. 1919.....	168
107.	THIOLLIER, René. 26 fev. 1921. ....	169
108.	THIOLLIER, René. 7 set. 1935.....	169
109.	THIOLLIER, René. 22 mar. 1938. ....	171
110.	THIOLLIER, René. 11 ago. 1938.....	171
111.	VAMPRÉ, Spencer. 9 jan. 1923. ....	173
112.	VAREJÃO, Lucilo. 19 jul. 1922. ....	175
113.	VAREJÃO, Lucilo. 8 ago. 1929.....	176
114.	VARELA, Alfredo Augusto. [Sem data].....	177
115.	VERÍSSIMO, José. 12 jun 1897.....	178

## I - CORRESPONDÊNCIA ATIVA de Valdomiro Silveira

### 1. BARRETO, Plínio<sup>1</sup>. 2 mai. 1938.<sup>2</sup>

VALDOMIRO SILVEIRA  
E  
AMILCAR MENDES GONÇALVES  
ADVOGADOS  
RUA CIDADE DE TOLEDO, 13  
CAIXA DO CORREIO, 96 – TELEPHONE, 2527  
SANTOS

Santos, 2 de maio de 1938.

Meu caro Plínio Barreto:

Tive ocasião de contar anteontem, na reunião mensal da Academia Paulista de Letras, como o nosso inesquecível Euclides da Cunha<sup>3</sup> se comprazia a nos ler, a beira do Rio Pardo, as páginas inéditas do seu maravilhoso livro, que era então *A campanha de Canudos* e mais tarde teve o nome trocado para *Os sertões*, com que saiu impresso. Os jornais noticiaram tal reunião, mas houve, na tomada de notas do que eu disse, algum equívoco. Quero explicar-te apenas o que se refere a pontos essenciais, e isso – por seres o grande jurisconsulto que és – para fins de direito...

Disse eu que Euclides então reunia, aos domingos e feriados, junto à ponte em reconstrução, os poucos amigos que ali tinha, e não seus poucos amigos. De fato, só morávamos em São José do Rio Pardo, ou perto, eu e Francisco Escobar<sup>4</sup>. Mais tarde houve outros, lá e em

---

<sup>1</sup> Plínio Barreto (1882 – 1958), advogado e jornalista natural de Campinas. Trabalhou em *O Estado de S. Paulo* e, em 1904, adquiriu o *Comércio de S. Paulo*. Fundou a *Revista dos Tribunais* em 1912. Ocupou o posto de redator-chefe da *Revista do Brasil* entre 1916 e 1918. No mesmo período, assinou críticas literárias. Atuou na política, após a Revolução de 1930, como Secretário da Justiça e Segurança Pública. Eleito membro da Academia Paulista de Letras em 1958, cadeira nº 21, não chegou a tomar posse. Valdomiro Silveira, nas cartas que endereçou a Plínio Barreto, comenta livros, refere-se a amigos comuns e às atividades na *Revista do Brasil*. Cf. dissertação de mestrado de André da Costa Cabral, *Escritores brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto* (2009).

<sup>2</sup> A pesquisa não localizou a resposta de Plínio Barreto.

<sup>3</sup> Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866 – 1909) nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro. Escritor, militar, engenheiro e periodista, reconhecido pela publicação de *Os sertões*, fruto de sua experiência como jornalista correspondente na Guerra de Canudos (1896 – 1897).

<sup>4</sup> Francisco Escobar (1865 – 1924), advogado mineiro. Estudioso de grego, latim e paleografia, atuou também como tradutor. Abolicionista, criou em 1888, o Clube Republicano; redigiu o *Manifesto socialista* em 1901. Amigo de Valdomiro Silveira, Amadeu Amaral, Martins Fontes e Euclides da Cunha.

São Paulo, a quem ele também leu o livro ainda em manuscrito, assim como os admiráveis artigos que ia escrevendo, e entre esses amigos eras tu um dos que ele mais prezava.

Muitas vezes se viu isto contado em conferências, ensaios ou resenhas biográficas. Nada havia que apontar ou comentar, porque era verdade. Mas apareceu ultimamente, num periódico do Rio, a afirmativa de que, naquela “obra-prima da nossa literatura”, há qualquer colaboração minha e de Escobar. É absolutamente inexato, embora Euclides votasse a Escobar amizade tão extremosa, que mais parecia culto, e a mim me dedicasse também verdadeira afeição. Sempre me limitei a ouvir, admirar e aplaudir; nunca sugeri qualquer plano de composição, jamais propus modificações de texto, não contribuí, sequer, com a lembrança de uma vírgula a mais, nem tampouco aventei a supressão de uma vírgula.

Seria, sem dúvida, belíssima coisa que eu pudesse ter colaborado num trabalho de Euclides ou de alguém como ele. Mas é sempre melhor que não corra mundo uma notícia alheia ao que se deu.

Afetuosamente,

Valdomiro Silveira.

*Cópia de carta assinada: “Valdomiro Silveira”, datada: “Santos, 2-5-38”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha, timbrado: “Valdomiro Silveira e Amilcar Mendes Gonçalves Advogados [...]”; 27,5 x 20,5 cm.*

## 2. CAIUBY, Amando Franco Soares<sup>5</sup>. 19 ago. 1939.<sup>6</sup>

Santos, 19 de agosto de 1939.

Meu caro Amando Caiuby,

como não? Tenho a alegria de responder, do mesmo modo que há tempos, a uma pergunta sua: votarei com todo o gosto no seu nome para qualquer vaga verificada na Academia Paulista de Letras. Prevenido, como fico, de que Basílio de Magalhães<sup>7</sup> vai passar para a classe dos honorários, contento-me de saber que já existe a oportunidade para o meu voto – e que você o aceita.

Há cerca de três meses não compareço às reuniões da Academia, por motivos sempre estranhos à minha vontade. Tenciono voltar logo à regularidade da frequência, mas, temendo que haja qualquer desencontro de aviso ou comunicação, já hoje escrevo ao secretário geral<sup>8</sup> declarando-lhe o meu voto.

Agora... veja quanto pôde o seu talento e a admiração que ele me inspira: não obstante a grave injúria que você me fez, escrevendo-me duas vezes o nome com W, na sua carta de 13 deste e no respectivo sobrescrito, sem hesitação lhe respondo e providencio como é necessário. Você não sabe que já tenho matado algumas pessoas, por haverem praticado ato igual ao seu?

Muito afetuosamente,

*Cópia de carta sem assinatura, datada: "Santos, 19-8-39"; Datiloscrito fita preta; papel verde; 1 folha; 31,3 x 21,8 cm.*

<sup>5</sup> Amando Franco Soares Caiuby (1886 – 1973), advogado e escritor paulista. Assim como Valdomiro, algumas de suas produções literárias retratavam o caipira, como *Sapezais e tiguerras* (1921), editado por Monteiro Lobato, com quem ele matinha amizade. Colaborou em jornais paulistas e argentinos. Algumas de suas obras: *A conversão* (1915), *Noites de plantão* (1924) e *Coração de moça* (1926).

<sup>6</sup> Não foram encontradas cartas de Amando Caiuby no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>7</sup> Basílio de Magalhães (1874 – 1957), professor e político mineiro. Algumas de suas obras: *Íris* (1899), *O café na história, no folclore e nas belas-artes* (1939) e *Estudos de história do Brasil* (1940).

<sup>8</sup> Cf. carta enviada a René Thiollier, na mesma data, confirmando seu voto em Caiuby.

### 3. CORREIA, Pio Lourenço<sup>9</sup>. 25 abr. 1938.<sup>10</sup>

Santos, 25 de abril de 1938.

Meu ilustre confrade Mota Coqueiro, aliás Pio Lourenço Correia:

Tenho estado ausente de São Paulo e de Santos nos grandes dias de festa – 25 de dezembro, 1 e 6 de janeiro –, só muito tarde vim a receber o lindo presente de Natal que você teve a gentileza de mandar-me. E como resolvi conceder-me, do fim de ano por diante, dias e dias de repouso, que o constante e excessivo trabalho de quatro anos de vida pública [resigna] cada vez mais, só agora pude gozar aquele presente, lendo a sua *Monografia da palavra “Araraquara”*.<sup>11</sup>

Sem entrar no conteúdo linguístico travado entre os doutos ao redor do vocábulo, pois só eles devem decidir afinal – e você é um deles –, admirei a finura e a clareza do seu estilo, com que estudou [o] assunto e a probidade com que se manifesta favorável a uma das teses controvertidas.

Agradecendo-lhe a remessa do volume, saúda-o cordialmente:

Valdomiro Silveira.

*Carta assinada* (esboço, apresentando rasuras): “Valdomiro Silveira”, datada: “Santos, 25-4-38”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 29,3 x 21,5 cm.

Esboço de carta, apresentando rasuras (substituição de palavras e reescrita de trechos).

<sup>9</sup> Pio Lourenço Correia (1875 – 1957), fazendeiro, político e professor natural de Araraquara, São Paulo. Assinava suas contribuições em jornais sob o pseudônimo de Mota Coqueiro. Dedicou-se aos estudos dos dialetos tupi-guarani. Autor de *Album de Araraquara* (1915), *Araraquá, Araquara, Araraquara: um pouco de história e um pouco de tupi* (1924) e *Monografia da palavra Araraquara: estudo histórico-linguístico do nome da cidade de Araraquara* (1936).

<sup>10</sup> Não foram encontradas cartas de Pio Lourenço Correia no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>11</sup> De acordo com Renato Jardim Moreira, em *Pio Lourenço Correia: Monografia da palavra Araraquara* (1953), o estudioso, através de argumentos históricos, geográficos e filológicos, estuda a origem da palavra indígena que dá nome à cidade.

#### 4. SOUSA JÚNIOR, Augusto Gonçalves de<sup>12</sup>. 1 ago. 1939.<sup>13</sup>

Santos, 1 de agosto de 1939.

Meu caro De Sousa Júnior:

Acabei de ler o seu romance. Do começo ao fim da leitura, só a interrompi quando o tráfego costumeiro da vida m'ó arrancava das mãos: porque você, sem bulha nem matinada, sabe prender a gente como se fosse o mais prestigioso feiticeiro!

O que principalmente me causa admiração, no seu *Enquanto a morte não vem*<sup>14</sup>, é o instantâneo moral dos personagens, apanhado em tão precisa fotografia que não se percebe trabalho algum do romancista em retocá-los. E a par disso (melhor se diria: ainda acima disso) a cor, a robustez e a firmeza do estilo.

Você, De Sousa Júnior, pôs-me diante dos olhos a realização de uma coisa que eu ouvia contar em menino: que os ingleses grã-finos, quando têm de estrear casimira de primeira, com destra e delicada raspção lhe tiram o excesso do brilho, que denuncia tecido até então virgem de uso. A sua composição, para mim, corresponde àquela finura dos elegantes britânicos: ao mesmo tempo que, com discrição, parece escusar-se de ser nova, é singularmente bela e forte.

Gostaria de saber coisas a seu respeito<sup>15</sup>. Possui você número em duplicata do jornal ou revista que lhe tenha publicado o retrato e contado alguma dessas coisas? Se sim, far-me-á a gentileza, enviando-me tal exemplar?

Saúdo-o muito agradecida e afetuosamente.

Valdomiro Silveira.

*Cópia de carta assinada: "Vald. Silveira", datada: "Santos, 1-8-39". Datiloscrito fita preta; papel verde; 1 folha; 32 x 21 cm.*

<sup>12</sup> Augusto Gonçalves de Sousa Júnior (1896 – 1945), escritor e político. É considerado um escritor de literatura *noir*, que mistura terror, mistério e morte, temas recorrentes de suas narrativas. Publicou *Água forte* (1921), *Castelo de fantasmas* (1927) e *Enquanto a morte não vem* (1929).

<sup>13</sup> Não foram encontradas cartas de Augusto Gonçalves de Sousa Júnior no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP.

<sup>14</sup> SOUZA JÚNIOR, Augusto Gonçalves de. *Enquanto a morte não vem*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939.

<sup>15</sup> Na sequência, trecho rasurado a tinta preta: “, além da [ilegível] [entrevista] concedida ao *Dom Casmurro*”.

## 5. THIOLLIER, René<sup>16</sup>. 19 ago. 1939.<sup>17</sup>

Santos, 19 de agosto de 1939.

Meu caro René Thiollier:

Conta-me o Amando Caiuby, em carta<sup>18</sup> a que respondo hoje, que Basílio de Magalhães vai passar para a classe dos suplementares, na Academia Paulista de Letras.

Quero pedir-te que registes desde já o meu voto<sup>19</sup> no Amando Caiuby, para preencher a vaga que vai abrir-se. Tomo esta deliberação já, por temer que haja alguma reunião a que eu não compareça, por desencontro de aviso. E mandarei, sendo preciso, o voto formulado em papel à parte.

Sabes que tenho de evitar o frio de São Paulo e por isso não compareço, há alguns meses, às reuniões da tarde? E que, contra minha vontade, não tenho podido comparecer também às da manhã? Mas vou restabelecer a frequência dos comparecimentos.

Velho am<sup>o</sup> e admor.

*Cópia de carta sem assinatura, datada: “Santos, 19-8-39”. Datiloscrito fita preta; papel verde; 1 folha; 32 x 21,5 cm.*

---

<sup>16</sup> René de Castro Thiollier (1884 – 1968), escritor e advogado nascido em São Paulo. Personalidade ligada à organização da Semana de Arte Moderna de 1922, participou, em 1924, da conhecida “viagem da redescoberta do Brasil”, a cidades históricas de Minas Gerais, ao lado de Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars e de outros. Publicou, entre outras obras, *Senhor Dom Torres* (1921), *O homem da galeria* (1927) e *A louca de Juqueri* (1938). Pertenceu à Academia Paulista de Letras, nela fundando a *Revista da Academia Paulista de Letras*, na qual divulgou parte de um romance *Folheando a vida*, que não chegou à publicação em livro. Atuou na Academia como secretário geral.

<sup>17</sup> Nas cartas de René Thiollier localizadas pela pesquisa, no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP, nenhuma dialoga diretamente com esta missiva de Valdomiro Silveira.

<sup>18</sup> A pesquisa não localizou a mencionada carta no Fundo Valdomiro Silveira, no IEB-USP.

<sup>19</sup> Amando Caiuby não pertenceu à Academia Paulista de Letras.

**6. UZZO, Pedro<sup>20</sup>. 8 ago. 1939.<sup>21</sup>**

Santos, 8 de agosto de 1939.

Meu caro Pedro Uzzo:

Como andei meses e meses por *Seca e Meca e Olivais de Santarém*<sup>22</sup>, só agora, definitivamente restituído ao meu rancho e ao meu escritório, é que posso agradecer-lhe a remessa do seu romance.

Li *Penca de aratacas*<sup>23</sup> devagar, com satisfação e, sem dúvida alguma, experimentando sensações semelhantes às do autor, quando escrevia aquelas páginas evocadoras de sua terra natal. Porque eu, você e alguns poucos mais seremos, até o fim da vida literária, fiéis ao amor e à recordação das coisas que vimos e ouvimos desde os primeiros anos.

Há, no seu romance, capítulos que quase nos põe diante dos olhos certas figuras cuidadosamente evocadas. Um começo de arrepio nos corre à flor da pele, de instante a instante, quando o velho Moisés, gungunando xingamentos de envolta com esconjuros, prepara todo o rito da sua feitiçaria. E um nó cada vez mais apertado nos constringe a garganta, sentindo as vacilações de piedade e terror que agitam o espírito da Euzébia, criatura nascida para o trabalho, para a luta e para o bem, mas arrastada vertiginosamente para tudo quanto não quererá jamais fazer, nem sequer ver...<sup>24</sup>

Sinto alegria em juntar, aos agradecimentos de que é portadora esta carta, os meus protestos de velha estima e admiração.

Confrade e amigo,

Valdomiro Silveira.

*Cópia de carta assinada: "Vald. Silveira", datada: "Santos, 8-8-39". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 31,5 x 21,5 cm.*

<sup>20</sup> Pedro Uzzo (1901 – 1977), escritor paulista. Formou-se em Odontologia, instalando-se em Santos, onde também desenvolveu sua carreira jornalística e literária. Escreveu para os jornais *Tribuna de Santos* e *Estrela Azul*. Algumas de suas obras: *Penca de aratacas* (1939) e *Suinãs* (1948).

<sup>21</sup> Não foram encontradas cartas de Pedro Uzzo no *Fundo Valdomiro Silveira*, no IEB-USP

<sup>22</sup> Alusão ao livro do folclorista cearense Gustavo Barroso.

<sup>23</sup> Romance regionalista de Pedro Uzzo, publicado em 1939.

<sup>24</sup> Referências a situações e personagens de *Penca de aratacas* (1939).



## II - CORRESPONDÊNCIA PASSIVA de Valdomiro Silveira

### 1. AMARAL, Amadeu<sup>25</sup>. 7 nov. 1912.

Caro Valdoro, recebi tua carta com a esplêndida *Água negra*<sup>26</sup> do Fontes<sup>27</sup>, a quem o Simões<sup>28</sup> havia pedido, de concerto comigo, para publicarmos na *Vida Moderna*<sup>29</sup>. Infelizmente, já não dispomos dessa revista, cuja redação deixamos, mais ou menos, nos dias em que me chegou às mãos o poema. Infelizmente? Talvez não: porque ao Fontes não lhe adianta nada pôr-se em comunicação, por assim dizer, direta com o público de S. Paulo. Penso, como sempre, que deve aparecer no Rio – e lá deve publicar o que tiver de publicar. Isso é que é o certo.

Estive, anteontem, com o Fontes, que me procurou, como sempre, com uma enorme pressa. Creio que o Simões já se entendeu com ele sobre a devolução dos versos.

Muitas lembranças ao bom Agenor<sup>30</sup> e ao nosso Heitor de Moraes<sup>31</sup>, a quem escreverei qualquer hora.

<sup>25</sup> Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado (1875 - 1929), escritor, filólogo e folclorista nascido em Capivari, São Paulo. Publicou, em 1920, *O dialeto caipira*, sendo pioneiro no estudo do caboclo paulista. Carmen Lydia de Souza Dias, em *Paixão de Raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo* (1984), traça paralelos entre Amadeu e Valdomiro Silveira, no que tange à questão dialetal. Publicou livros de poesia, considerada pós-parnasiana: *Urzes* (1899), *Névoa* (1902), *Espumas* (1917) e *Lâmpada antiga* (1924), bem como os estudos literários, *Letras floridas* (1920) e *O elogio da mediocridade* (1924). Como jornalista, colaborou em *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*.

<sup>26</sup> FONTES, Martins. *Na floresta de água negra*. In: Verão. Santos: Instituto D. Escholastica, 1917, p.42.

<sup>27</sup> José Martins Fontes (1884 -1937), poeta e médico nascido em Santos, São Paulo. Colaborou nos jornais cariocas *Gazeta de Notícias* e *O País*. Publicou diversas obras literárias de inspiração parnasiana, entre elas: *Da imitação em síntese* (1908), *Verão* (1917), *A dança* (1919) e *Granada* (1919). Valdomiro o chamava, afetuosamente, “Zezinho”.

<sup>28</sup> Arnaldo Simões Pinto (1882 - 1918), jornalista paulista. Em 1911, foi nomeado Secretário da Fazenda, mas cedeu o cargo para Amadeu Amaral. Criou, junto de Vicente de Carvalho, a *Sociedade de Cultura Artística*, em 1912, para divulgação da literatura e arte brasileiras. Dirigiu a revista de tiragem semanal *A Vida Moderna*, em 1916. Foi um dos fundadores da *Revista do Brasil*. Amigo de Amadeu Amaral.

<sup>29</sup> Revista de maior tiragem de São Paulo na época. Juliana Lopes de Moraes, em sua dissertação de mestrado *A Vida Moderna (1907 – 1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português*, informa que, até 1907, *A Vida Moderna* era denominada *Sportman*. Fundada por Luiz Couto, a partir de 1916, Simões Pinto torna-se diretor literário do periódico.

<sup>30</sup> Agenor Silveira (1880 - 1955), filólogo e poeta nascido em Santos, irmão mais novo de Valdomiro Silveira. Forma-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1905, passando a advogar em Casa Branca e Santos. Dentre suas publicações, figuram *Versos de bom e de mau humor* (1919) e *Colocação de pronomes, regras e notas explicativas* (1920).

<sup>31</sup> Heitor de Moraes (1886 - 1938), escritor e crítico literário, nasceu em Campinas, São Paulo. Viveu muitos anos em Santos, onde conheceu Martins Fontes e passou a fazer parte da boemia literária. Escreveu em *Comércio de Santos e A Cigarra*. Tornou-se, em 1922, um dos sócios comanditários da editora *Monteiro Lobato & Cia*, contribuindo, de acordo com Cilza Carla Bignotto, em *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato* (2018), com quarenta contos de réis. Algumas de suas obras: *Pátria rediviva* (1918), *Ricardo Gonçalves: páginas de saudade* (1918) e *Uma hora com Martins Fontes* (1938).

Adeus.

Abraços do amigo

Amadeu.

São Paulo, 7 de novembro de 1912.

*Bilhete assinado: "Amadeu", datada: "S. Paulo, 7.11.912". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Amadeu de Amaral Penteado"; 10,6 x 6,5 cm*

## 2. AMARAL, Amadeu. 24 jun. 1916.

24 de junho de 1916.

Meu caro Valdoro,

Acabo de receber a tua carta, que é também do Fontes, e não posso fazer a menos de responder imediatamente. Abro-me a vocês, sem sombras de reservas, acerca do negócio da Academia.

Nunca pretendi ser candidato<sup>32</sup>. Quando estive no Rio, em fins do ano passado, não falei sobre a Academia senão a dois ou três que me interpelaram – e a esses para dizer claramente que não tencionava apresentar-me. Com o Alberto de Oliveira<sup>33</sup>, o Bilac<sup>34</sup>, o Félix<sup>35</sup> e outros acadêmicos influentes, com os quais estive, não troquei palavra sobre isso. Entretanto, o Emílio

<sup>32</sup> Amadeu Amaral toma posse na Academia Brasileira de Letras em 14 de novembro de 1919, antecedido por Olavo Bilac.

<sup>33</sup> Antônio Mariano de Oliveira (1857 - 1932), poeta e farmacêutico, nasceu em Saquarema, Rio de Janeiro. Publica seu primeiro livro, *Canções românticas*, em 1877, na vertente do Romantismo. *Nas meridionais* (1884), por sua vez, já traz aspectos parnasianos. Juntamente com Raimundo Correia e Olavo Bilac, o poeta carioca constitui a grande tríade parnasiana brasileira. Publicou em *Diário do Rio de Janeiro* e na *Revista do Brasil*.

<sup>34</sup> Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865 - 1918) nasceu no Rio de Janeiro. Participou ativamente da vida política, sendo um grande incentivador do serviço militar obrigatório. Quando perseguido por Floriano Peixoto, buscou abrigo na casa do regionalista mineiro Afonso Arinos, com quem construiu relação de amizade, o recebendo, posteriormente, na Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras: *Crônicas e novelas* (1894), *Poesias* (1888) e *Tratado de versificação* (1910). Também foi tradutor. Valdomiro Silveira publicou contos em *A Bruxa*, revista produzida entre 1895 e 1897 pelo poeta e cronista carioca.

<sup>35</sup> José Félix Alves Pacheco (1879 – 1935) nasceu em Teresina, Piauí. Poeta, jornalista e tradutor. Formou-se advogado pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, tornou-se proprietário do *Jornal do Commercio*. Em 1909, como deputado, retornou para sua cidade natal. Além de sua carreira política, dedicou-se à literatura. Seu estilo de escrita transita entre o Parnasianismo e o Simbolismo. Publicou, entre outras obras: *Via crucis* (1900), *Luar de amor* (1906), *Dois charadas bibliográficas* (1932) e *Descendo a montanha* (1935).

de Menezes<sup>36</sup>, e com ele alguns amigos estranhos à Academia, manifestavam-me sempre o desejo de me ver candidato. Quando morreu o José Veríssimo<sup>37</sup>, romperam, lá pelo Rio, com a agitação em torno do meu nome – fato de que só tive conhecimento depois de realizado, por um telefonema incerto no *Estado de S. Paulo*. Depois disso, já escrevi por várias vezes ao Emílio, exprimindo a minha pouca vontade de me apresentar e os meus receios de um fracasso que só servirá de fazer andar o meu pobre nome na boca do povo, alvo inocente de intrigues e porcarias. O Emílio, porém, sistematicamente, guarda silêncio, é só me manda dizer – que fique quieto. Dos outros amigos que o auxiliam também não tenho recebido esclarecimentos para me orientar, por mais que insista com eles.

Mais ou menos isto mesmo já declarei ao próprio Oscar Lopes<sup>38</sup>, escrevendo-lhe, e tenho declarado a todos quantos me interpelam.

Assim, de boa vontade renunciarei a uma ambição que não tenho, e a qual apenas aderi às instâncias de camaradas, – e isso mesmo só depois de dados os primeiros passos em público. Acontece, porém, que só o poderei largar o fardo (o que já tenho tentado fazer), se os amigos do Rio consentirem nisso. Claro que consentiriam de bom grado, se se tratasse, para eles, apenas do desejo afetuoso de me botar na Academia. Mas não se trata, decerto, pois já têm trabalhado, já se têm comprometido, já se meteram nessa rede de complicações que acompanha esta encrenca de candidaturas – e não sei se estarão dispostos a abrir mão do assunto. Não digo isto por mera presunção. Não há ainda muitos dias, um daqueles amigos escreveu-me rapidamente, pedindo pelo amor de Deus que nem por sombras aludisse à possibilidade de renunciar.

Está visto, porém, que, com tudo isso, eles terão de ceder, desde que eu o imponha. Mas, para impor, depois do que tenho exposto a vocês, preciso de razões de peso – que possa alegar, embora sem declará-las. Você, na sua carta, dá-me a entender que o Oscar Lopes teria prazer

---

<sup>36</sup> Emílio Nunes Correia de Meneses (1866 - 1918) nasceu em Curitiba, Paraná. Mudando-se para o Rio de Janeiro, aos 18 anos, tornou-se jornalista, publicando colunas humorísticas e poesias satíricas. Nesse período, adotou vários pseudônimos, como Gabriel de Anúncio e Emílio Pronto da Silva. Mesmo sendo um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, nunca chegou a tomar posse de sua cadeira, por ter apresentado um discurso no qual dizia não entender as posturas políticas e poéticas de Salvador de Mendonça, seu antecessor, e, assim, não teve leitura autorizada pela Mesa. Como poeta parnasiano, Meneses publicou *Marcha fúnebre* (1892), *Aquidabã* (1906) e *Últimas rimas* (1917). Era conhecido por sua boemia e personalidade excêntrica.

<sup>37</sup> José Veríssimo Dias de Matos (1857 - 1916) nasceu em Óbidos, Pará. Dedicou-se ao magistério e jornalismo, escrevendo para o *Liberal* do Pará. Foi diretor da *Revista Brasileira* de 1895 até 1899, na qual surgira a ideia de fundar a *Academia Brasileira de Letras*. Publicou ficção e crítica literária. De sua produção, destacam-se: *Que é literatura? e outros escritos* (1907) e *História da literatura brasileira* (1916). Em carta para Valdomiro, em 1897, afirma que seria um prazer de tê-lo como colaborador na *Revista*.

<sup>38</sup> Oscar Amadeu Ferreira Lopes (1882 - 1938) nasceu em Fortaleza, Ceará. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde estudou Direito. Em sua trajetória jornalística, foi redator de *O País* e da *Gazeta de Notícias*, escrevendo na seção de literatura e arte. Produziu *Albatroz*, *Impunes* e *A confissão*, reunidas em *Teatro* (1911). Poeta parnasiano, com Olavo Bilac e Emílio de Meneses, fundou a *Sociedade dos Homens de Letras*.

em que eu lhe abandonasse o terreno; mas dá-o apenas a entender. Quanto ao Fontes, aparece lá como simples transmitente do que o Oscar lhe escreveu. Preciso saber se há nisto um pedido. Um pedido do Fontes terá para mim um único sinônimo – ordem. Não, não é esse o sinônimo; o sinônimo seria uma palavra que dissesse tudo isto: ordem que se cumpre com orgulho e alegria.

Compreendam bem a minha situação: Não sou candidato, se não porque me fizeram tal. Teria fugido à peça, depois de pública, se m’o deixassem. Os amigos estão enredados. Só lhes posso dizer que abram mão de tudo, com razões muito sérias.

Se há, pois, do lado do Fontes e do Oscar o desejo amigo de apelar para a minha camaradagem, renuncio com gosto, já, e da carta que escrever ao Emílio submeterei ao Zezinho<sup>39</sup> um avant-la-lettre<sup>40</sup>.

Aí está! A respeito da Academia, creio que me expliquei com clareza.

Sobre a conferência<sup>41</sup>, acho má a ocasião. Entanto, vou falar ao Nestor<sup>42</sup> a ver se o Oscar poderá vir a convite da Cultura Artística, com alguma remuneração, e tornarei o assunto por estes dias.

Com que então gostaste da “Palmeira e o raio”?<sup>43</sup> Pudera! Se te aprecias essas coisas com o coração. “O açude”<sup>44</sup> não é nada daquilo que disse o Manuel de Azevedo: água chilra. Digo-te, sem falsa modéstia, que não tenho confiança alguma nesse poemeto. Tenho vontade de mostrar-te e ao Fontes, – mas para que vocês digam, como amigo, o que acham. Fica para a primeira oportunidade.

Dize ao Fontes que ando magoado com ele, porque ele parece estar magoado comigo por causa de uma das minhas muitas incorreções... Tendo recebido uma carta desse querido amigo, vêm-me à cabeça tanta coisa para lhe dizer, tanta coisa sutil e profunda – que não respondi nada. Afinal, se ele se sentiu, teve razão. Fui um animal. Sou um animal. Mas não me conformo com esta ideia estúpida, paradoxal, infame de que tenha desgostado um amigo querido justamente por lhe querer muito bem, por levar muito a sério nossa amizade!

<sup>39</sup> Apelido do escritor José Martins Fontes.

<sup>40</sup> Expressão francesa: “antes do estado definitivo”.

<sup>41</sup> Conferência sobre Oscar Lopes.

<sup>42</sup> Nestor Vítor dos Santos (1868-1932) nasceu em Paranaguá, Paraná. Poeta simbolista, amigo de Cruz e Sousa. Dentre suas publicações, destacam-se *Signos* (1897), *O elogio da criança* (1915) e *A crítica de ontem* (1919). Grande conhecedor da literatura estrangeira e admirado por Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.

<sup>43</sup> AMARAL, Amadeu. “Palmeira e o raio”. *Espumas: A Cigarra*. 1917.

<sup>44</sup> AMARAL, Amadeu. “O Açude”. *Espumas: A Cigarra*. 1917.

Em todo caso, dá-lhe um abraço – dizendo-lhe que vai nele toda a vibração que pode por num abraço afetuoso quem não se apega ainda a esta vida de merda senão pelo coração, e cujas alegrias e amarguras só do coração lhe vem todas.

A ti também um abraço fraternal. Teu

Amadeu.

Tudo vai escrito a galope. Não repares na mistura de vocês e tus e outros primores gramaticais e estilísticos.

*Carta assinada: “Amadeu”, datada: “24- 6-916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 6 folhas; 22,4 x 17,7 cm.*

### **3. AMARAL, Amadeu. 10 jul. 1916.**

O ESTADO DE S. PAULO  
PRAÇA ANTÔNIO PRADO, 17.  
SÃO PAULO  
TODA CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA A “O ESTADO DE S.PAULO”  
CAIXA DO CORREIO, LETRA E.

São Paulo, 10 de julho de 1916.

Valdoro.

Verei se será possível ir no sábado, pelo último trem. Creio que chegarei com bastante tempo para tomar parte na festa, – ou, atendo-me ao que me interessa, para estar lá com vocês. Antes não poderei ir, porque tenho uma aula das 11 às 5 no Curso José Bonifácio, que acabamos de fundar e cuja sorte depende de todo zelo e constância da parte dos professores. Entretanto, muito e muito obrigado pela afetuosa lembrança do convite e pelo mais que me comunicas.

Conforme te prometi, falei com os homens da Cultura<sup>45</sup> sobre a conferência do Oscar Lopes. Disseram-me que, por enquanto, e por todo este ano, não será possível. O Pujol<sup>46</sup> ainda não concluiu a série sobre Machado de Assis<sup>47</sup>, há outros cavalheiros convidados e mais ou menos comprometidos, – e o tempo útil que resta é já pouco, pois a sessão cultural costuma ir, no máximo, até setembro ou outubro.

Diversos e frementes abraços ao Fontes, ao Agenor e ao Heitor. Dize ao Fontainha que me mande seus versos. E tu, manda-me um conto. Prometo não repetir o pedido dentro destes três meses mais próximos, – se agora for satisfeito, é claro.

Adeus. Todo teu, impertinente,

Amadeu.

*Carta assinada: “Amadeu”, datada: “São Paulo, 10-7-916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 2 folhas; timbrado: “‘O ESTADO DE S. PAULO’ Praça Antônio Prado, 12 São Paulo [...]” 26,7 x 21,7 cm. Envelope 12,3 x 15,3 cm., carimbo: “SÃO PAULO – SANTOS – 10 HORAS”.*

#### 4. AMARAL, Amadeu. 28 ago. 1916.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
BILHETE POSTAL  
SÃO PAULO

Valdoro,

muito obrigado pelas informações terminológicas. Mais tarde hei de abusar de novo da tua paciência, se estiveres pelos autos.

<sup>45</sup> Sociedade Cultura Artística, criada em 1912 por Simões Pinto, Nestor Pestana e Vicente de Carvalho, com o intuito de realizar a divulgação, por meio de conferências, da arte e literatura brasileiras. Em sua estreia, participaram Amaral, proferindo conferência sobre o poeta Raimundo Correia (1859 – 1911), e o músico João Gomes de Araújo. Posteriormente, participaram Olavo Bilac, Martins Fontes, Coelho Netto e Afonso Arinos. O teatro da Sociedade passou por duas inaugurações em 1922 e 1950.

<sup>46</sup> Alfredo Gustavo Pujol (1856 - 1930) nasceu no antigo município de São João Marcos, no Rio de Janeiro. Iniciou-se na carreira literária, publicando artigo criticando *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845 – 1890). Realizou conferências literárias sobre as obras de Machado de Assis, sendo um dos primeiros a estudar o escritor. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras: *O direito na confederação* (1898), *Processos criminais* (1908) e *Machado de Assis* (1917).

<sup>47</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839 - 1908), escritor carioca, fundou e foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Suas obras abrangem vários gêneros literários, como poesia, romances, contos, peças teatrais e crônicas. Algumas de suas publicações: *Ressureição* (1872), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Memorial de Aires* (1908).

Então a “Palmeira e o raio”<sup>48</sup> tiveram a nobreza de vos agradar? Sério? Qual... Depois de tua carta fui reler a poesia, e palavra que não me impressionou.

Abraços ao Fontes, ao Agenor, ao Heitor. Qualquer domingo rebento por aí, só para ver você. Adeus. Seu

Amadeu.

28 de agosto de 1916.

*Bilhete assinado por “Amadeu”, datada: “28-8-916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; timbrado: “REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL/ BILHETE POSTAL/ SÃO PAULO” 9,2 x 13,7 cm. Carimbo: “SÃO PAULO- [ilegível] HORAS”.*

## 5. AMARAL, Amadeu. 18 abr. 1917.

São Paulo, 18 de abril de 1917.

Valdoro,

as *Espumas*<sup>49</sup> vão vindo. Espero que fiquem prontas este mês. O volume terá bom aspecto, mas não sairá escoimado de erros e titicas como eu tanto desejava. Tenho sofrido com essa peste de tipógrafos, vira!

A edição é da *Cigarra*<sup>50</sup>, isto é, do Gelásio<sup>51</sup>, e será de mil exemplares.

Onde anda o Heitor? Foi ao Rio? Já voltou?

E o Fontes, teria recebido o volume que lhe mandei?

Como vai o Agenor?

Abraços a vocês todos, do

<sup>48</sup> Poema de Amadeu Amaral publicado em seu livro *Espumas* (1917). Esta carta, de 1916, indica que Amaral enviava para Valdomiro suas produções para apreciação crítica, consultando-o igualmente acerca do dialeto caipira, estudado por ambos.

<sup>49</sup> Terceiro livro de poesia de Amadeu Amaral, publicado em 1917.

<sup>50</sup> Periódico de grande circulação, fundado em 1914 por Pimenta & Comp., associando o jornalista Gelásio Pimenta e Coronel Durval Vieira de Souza. A revista estampava conteúdo diversificado, contendo desde produções literárias, charadas, passatempos, até desenhos arquitetônicos e ilustrações. As fotos, que ocupavam páginas inteiras, retratavam o cotidiano paulista. O terceiro número, por exemplo, publicado em 20 de abril de 1914, possui fotos da Semana Santa, da Sociedade Hípica Paulista e do Jockey Club Paulistano; em literatura, traz prosa de Alberto Faria, “Loura, ou Morena?”, e poema de Paulo Setúbal, “Bilhetes na praia”. A revista divulga escritos de Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e Menotti Del Picchia. A partir da vigésima sétima edição, Gelásio Pimenta aparece como único proprietário.

<sup>51</sup> Gelásio Pimenta (1879 – 1924) nasceu em Campinas, São Paulo. Jornalista, crítico de arte e fundador de *A Cigarra*, revista de grande circulação, posteriormente vinculada aos *Diários Associados*. Dirigiu também a revista *Vida Moderna*.

Amadeu.

Estas interrogações são p<sup>a</sup> responder.

*Carta assinada: "Amadeu", datada: "S.P. 18-4-917". Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; 17,11 x 11,4 cm. Envelope: 9,5 x 12, carimbo cortado.*

**6. AMARAL, Amadeu. 17 ago. 1920.**

SOCIEDADE EDITORA OLEGÁRIO RIBEIRO  
 (SOCIEDADE ANÔNIMA – CAPITAL 150:000\$000)  
 ESCRITÓRIO RUA DIREITA, 27 (SOB.)  
 TELEPH. CENTRAL 4515.  
 OFICINAS: RUA ABRANCHES, 43.  
 TELEPH. CIDADE 5441  
 SÃO PAULO  
 REVISTA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA  
 ALMANAQUE COMERCIAL BRASILEIRO  
 EDIÇÕES DE LIVROS EM GERAL  
 ESPECIALIDADE EM EDIÇÕES PARA O COMÉRCIO  
 ESTABELECIMENTO TIPOGRÁFICO

Exmo. Sr.

Valdomiro Silveira.

São Paulo, 17 de agosto de 1920.

Caro confrade:

Junto achará um prospecto<sup>52</sup> de uma coleção de pequenas novelas, que aparecerá nesta capital, sob a minha direção, por iniciativa e a expensas da conceituada Sociedade Editora Olegário Ribeiro<sup>53</sup>. Rogo que lhe preste um momento de atenção. Isto feito, estou certo de que não me negará o seu precioso apoio. Quero do ilustre confrade duas cousas: primeiro, que me autorize desde já, a incluir o seu nome na lista de autores que deve aparecer com o primeiro

<sup>52</sup> A pesquisa não localizou o prospecto mencionado.

<sup>53</sup> Sociedade fundada por Clóvis Ribeiro, Francisco Pires de Castro e Waldemar Ferreira, a qual manteve relações estreitas com a *Revista do Brasil*.



volume, daqui a poucos dias: segundo, que nos dê uma novela de sua lavra dentro de dois, de três, ou de quatro meses, como queira. Quanto às condições de trabalho – extensão, índole, etc. – consultar o prospecto. Quanto à remuneração, ela será pequena, por enquanto – apenas 300\$ por novela de 50 a 60 páginas – mas crescerá depois, com a difusão que esperamos conseguir com esta interessante série, sendo que os autores que hoje nos auxiliarem, serão preferidos quando os editores puderem fazer ofertas mais vantajosas.

Peço o especial obséquio de imediata resposta, com explícita referência aos dois pedidos aqui formulados.

Muito grato a tudo, sou, com a máxima consideração e apreço

Admirador e amigo

Amadeu Amaral.

*Carta assinada: “Amadeu Amaral”, datada: “São Paulo, Ago. 17/1920”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Sociedade Editoria Olegário Ribeiro [...]”; 28,2 x 21,5 cm. Envelope: 12,2 x 15,5 cm., carimbo: “SANTOS - [ilegível]”.*

## **7. AMARAL, Amadeu. 5 nov. 1920.**

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
CARTA BILHETE  
100 RÉIS

São Paulo, 5 de novembro de 1920.

Valdoro.

Espero que não faltarás com a tua novela. Vê lá! Muito obrigado pela generosidade com que referes à minha; mas faço questão da tua. Quero ter o prazer e o orgulho de te levar pela mão até o proscênio, curvar-me, e sumir, para gozar o triunfo cá dos bastidores.

Por estes dias remeterei a vocês um outro trabalhinho meu, uma conferência<sup>54</sup> sobre Bilac, – primeiro de uma série que pretendo fazer, se for possível.

---

<sup>54</sup> Trata-se da conferência intitulada “Um soneto de Bilac”, realizada no Clube de Jaú, em 25 de agosto de 1920.

Peço-te dizer ao Fontes que a revista *Arte*, p<sup>a</sup> a qual me mandou uns belos versos, tradução admirável de Leconte<sup>55</sup>, está encalhada e não anda nem desata, – porque o editor é pancada. Vou tratar de reaver a poesia (que já foi composta, tendo eu mesmo lido as provas) e, se o Fontes concorda, dar-lhe outro destino.

Lembranças a todos os amigos,

Amadeu.

*Bilhete assinado: “Amadeu”, datada: “S. Paulo, 5 novº, 1920”. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; timbrado: “REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL/ CARTA BILHETE/ 100 RÉIS”, 18,8 x 12,5 cm. Carimbo: SANTOS – 11 HORAS - 6 NOV”.*

### 8. AMARAL, Amadeu. [8 ago. 1922]<sup>56</sup>.

Valdoro

Saudades.

Já que te ofereces com tão boa vontade, aí vai sua primeira consulta.

Lembranças vivíssimas ao Fontes, ao Agenor, ao Heitor.

Teu

Amadeu.

---

A verificar – Valdomiro

covanca –

tambanja – vagabundo?

tabatinga – barro branco?

esbanondaleiro – é usado?

espraiado –

---

<sup>55</sup> Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894), poeta parnasiano e tradutor de origem francesa. No prefácio de seu primeiro livro, *Poèmes antiques* (1852), ataca as tendências românticas. Sua escrita caracteriza-se por ser erudita e pessimista. Outras de suas produções: *Poèmes et poésies* (1855), *La sacre de Paris* (1871) e *Poèmes tragiques* (1876).

<sup>56</sup> Data registrada no envelope, por D. Júnia Silveira.

fuchicar – esmagar – é usado?

batéia – (+ de mineração algures) é usado? em que sentido?

quissamba –

sambará – ou samburá?

gringmar –

estopenta –

azulezo – azulado.

capifuva –

nhansanan – o mesmo que jananan?

erado, adj: -

mampar (e só mampava (?) alguma fruta...)

carma (calma) – por calor. é usado?

*Carta assinada: “Amadeu”, sem data. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; 22, 5 x 17,6 cm.*

*Envelope: 9,5 x 11,9 cm., carimbo: “SÃO PAULO – SANTOS - 10 HORAS”.*

## 9. AMBROGI, Cesídio<sup>57</sup>. 11 nov. 1921.

Taubaté, 11 de novembro de 1921.

Ilmo. sr. dr. Valdomiro Silveira.

Saudações cordiais.

Venho bater à sua porta, insinuado pelo meu ilustre conterrâneo e amigo dr. Monteiro Lobato. Sou inimigo dos preâmbulos floridos e, como o tenho na conta de intelectual distinto, dos mais distintos que conheço, venho, sem mais aquela, rogar-lhe a fineza de um obséquio. Desejava que o sr. lesse o meu livro inédito – *Do meu sertão...*<sup>58</sup>, de assunto regional e de cujos versos Menotti Del Picchia<sup>59</sup> já disse, há dias, algumas palavras de generosa beleza pelas colunas d’*O Correio Paulistano*<sup>60</sup>. Desejava que o sr. lesse e me dissesse, depois, do seu valor em palavras de que eu me pudesse aproveitar como prefácio à obra.

Esperando receber do mestre admirado a honra de uma resposta nesse sentido, beija-lhe as mãos num agradecimento antecipado o de V.S.

Disc. [ilegível] e amigo

<sup>57</sup> Cesídio Ambrogi (1893 – 1974), poeta, professor e jornalista. Mudou-se com a família, ainda novo, de Natividade da Serra, onde nasceu, para Taubaté, ambas no interior de São Paulo. Reconhecido professor de Língua Portuguesa e Literatura, foi o fundador da *Sociedade Taubateana de Ensino* e da *União Brasileira de Trovadores*. Relacionou-se com diversas personalidades da época, como Gentil de Camargo e Urbano Pereira. Monteiro Lobato apelidou-os de “Os três jacarés”. Manteve boas relações com o autor de *Urupês*, quem publica muitas de suas obras. Acredita-se que a vinculação de Valdomiro com Ambrogi seja proveniente de sua relação com Lobato, com quem o professor troca extensa correspondência, divulgada por Emerson Tin em sua tese de doutorado, *Em busca do ‘Lobato das Cartas’: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários* (UNICAMP, 2007).

<sup>58</sup> *Do meu sertão* não consta na bibliografia do autor. Dos poemas comentados por Menotti Del Picchia no *Correio Paulistano*, “Trabuco à toa” pertence ao livro *Moreninhas* (1923). Possivelmente ocorreu mudança de nomes nas obras. Os demais poemas não foram localizados em suas publicações.

<sup>59</sup> Paulo Menotti Del Picchia (1892 – 1988), político, escritor e jornalista paulistano. Formou-se em Direito em São Paulo, publicando, nessa época, seu primeiro livro *Poemas do vício e da virtude* (1903). Como jornalista, fundou *O Grito* e *A Noite*. Atuou em *A Gazeta* e *Correio Paulistano*. Neste, utilizando o pseudônimo Hélios, divulgou notícias do modernismo. Participou da Semana de Arte moderna, em fevereiro de 1922. Publicou, entre outros livros, *Juca Mulato* (1917), *O homem e a morte* (1922), *O amor de Dulcineia* (1926), *A outra perna do Saci* (1926), *A tormenta* (1932) e *O árbitro* (1958). Foi localizada pela pesquisa uma carta de Isa Silveira Leal endereçada à Júnia Silveira Gonçalves, relatando o interesse de Del Picchia em publicar um livro inédito de Valdomiro: “‘E que fui à editora, outro dia, e lá fiquei conhecendo o Menotti Del Picchia, que é um dos diretores. Ele me apresentou aos outros com grandes elogios (que linda herança nos deixou Papai! Seu nome é uma aureola) e depois, conversando, mostrou-se interessado na publicação de algum livro inédito de Papai. Eu lhe respondi que não estava a par disso, pois a secretária de Papai sempre fora você. Prometi-lhe então que falaria com você, e lhe responderia. Penso que em último caso interessaria talvez uma nova edição de *Os caboclos*”. Carta de 9 jan. 1947, pertencente ao acervo do IEB-USP.

<sup>60</sup> O artigo mencionado por Ambrogi foi publicado em 24 de outubro de 1921, no *Correio Paulistano*, em “Palestra das Segundas”. Nele, Menotti Del Picchia alega não gostar do regionalismo, embora perceba a qualidade das obras de Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira e de Cesídio Ambrogi. (PICCHIA, Menotti del. Palestra das Segundas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de outubro de 1921. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972\\_1921\\_20943.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1921_20943.pdf) >. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021).

Cesídio Ambrogi  
Caixa Postal, 58.  
TAUBATÉ.

*Carta assinada “Cesídio Ambrogi”, datada: “Taubaté, 11-11-21”. Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; 24 x 16 cm. Envelope: 4,2 x 14, 6 cm., carimbo: “S. PAULO – TAUBATÉ - 11 NOV 1921”.*

**10. ANDRADE, Mário de<sup>61</sup>. 19 mar. 1937.**

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE S. PAULO  
DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA

São Paulo, 19 de março de 1937.

Caro Sr. Valdomiro Silveira.

Esta Diretoria tem a honra de enviar a V.S. o convite para o Congresso da Língua Nacional Cantada<sup>62</sup>, que se realizará neste Departamento em S. Paulo, na segunda semana do próximo julho. Pede a V.S. a gentileza de distribuir o convite que vai junto, a pessoa que se possa interessar pelo Congresso, filólogo, cantor e professor de canto, e que possa enviar teses e comunicações ao Congresso. À pessoa que aderir e quiser nos honrar com sua presença, o convite junto serve de direito de entrada às sessões e festividades do Congresso.

Saudações cordiais

Mário de Andrade.

Diretor

Rua da Cantareira, 216.

Capital.

*Carta assinada: "Mário de Andrade", datada: "19 de março de 1937". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Prefeitura Municipal de S. Paulo [...]"; 30,4 x 20, 5 cm. Convite anexo: 23 x 16 cm. Envelope: 12,2 x 23,5 cm.*

<sup>61</sup> Mário Raul Morais de Andrade (1893 – 1945) nasceu em São Paulo. Polígrafo, considerado uma das figuras principais do modernismo. Colaborou na organização e participou da Semana de Arte Moderna, em 1922. Seu livro *Pauliceia desvairada*, do mesmo ano, inaugura a literatura modernista. O Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo foi dirigido por Mário de Andrade entre 1935 e 1938, período no qual fundou a Discoteca Pública e realizou o Congresso da Língua Nacional Cantada. Outras produções do autor são *A escrava que não é Isaura* (1925), *Amar, verbo intransitivo* (1927), *Macunaíma* (1928), *Aspectos da literatura brasileira* (1943). O modernista considerava as obras de Valdomiro Silveira como verdadeiros clássicos; afirma no artigo "O pintor contista", em *O empalhador de passarinho* (1946): "Também escritores de outras regiões procuram às vezes revelar a língua das nossas massas populares regionais, e as revelam admiravelmente. Valdomiro Silveira, por exemplo, cujos livros são verdadeiramente clássicos, como expressão do dizer caipira." (1972, p. 56).

<sup>62</sup> O Congresso da Língua Nacional Cantada ocorreu entre 7 e 14 de julho de 1937, no Teatro Municipal de São Paulo, reunindo um expressivo número de estudiosos da língua e da música. O projeto, inédito no Brasil, tencionava registrar em disco a pronúncia de participantes cultos e incultos, das mais variadas "zonas fonéticas" regionais. Segundo o convite, o evento pretendia fixar as normas da dicção do canto "na língua do país", a fim de construir uma "identidade brasileira" nessa manifestação artística. Em 1938, o Departamento de Cultura publicou os *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. Valdomiro Silveira não chegou a participar do Congresso, embora a imprensa tenha noticiado a sua adesão e a de Alarico Silveira, seu irmão. Em "Alguns traços do dialeto caipira e do subdialeto da Ribeira", comunicação apresentada no Congresso pelo folclorista Augusto Graco da Silveira, há referências a Valdomiro e a Amadeu Amaral.

**11. ANDRADE, Mário de. 18 maio 1937.**

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE S. PAULO  
DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA

São Paulo, 18 de maio de 1937.

Ilmo. Sr.  
Valdomiro Silveira  
Capital.

No intuito de facilitar os trabalhos do Congresso da Língua Nacional Cantada, que o Departamento de Cultura realizará na semana de 7 a 14 de julho deste ano, esta Diretoria vem solicitar de V.S. a especial fineza de providenciar para que estejam neste Gabinete, as teses e comunicações de sua colaboração, quinze dias, ou no mínimo sete dias antes da realização do Congresso. Pede-lhe também a gentileza de avisar às pessoas que por seu intermédio se prestaram a colaborar em tão útil empreendimento. As teses necessitam estar nesta Diretoria com a antecedência pedida para serem devidamente mimeografadas e distribuídas aos Srs. Congressistas.

Na expectativa de ser atendida em seu apelo, agradecendo, esta Diretoria aproveita o ensejo para apresentar a V.S. as suas

Cordiais saudações.

Mário de Andrade  
Diretor.

*Carta assinada: Mário de Andrade”, datada: “18 de maio de 1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Prefeitura Municipal de S. Paulo [...]”; 30,4 x 20,5 cm. Envelope: 12 x 15 cm.; carimbo ilegível.*

**12. ANDRADE, Mário de. 4 nov. 1937.**

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE S. PAULO

DEPARTAMENTO DE CULTURA

São Paulo, 4 de novembro de 1937.

Ilmo. Sr. Dr.

Valdomiro da Silveira

Capital.

O Departamento de Cultura está interessado em recensear, para catalogação dos tesouros existentes no Estado de São Paulo, todas as coleções particulares, de qualquer gênero, feitas pelos cultos paulistas.

Vem, nesse intuito, solicitar de V.S. a grande gentileza de lhe indicar qual a pessoa ou pessoas de seu conhecimento, que colecionam obras de arte, objetos de arte, iconografia nacional e estrangeira, etnografia, folclore, moedas, selos, etc.

Pessoas há também que, sem serem propriamente colecionadores, guardam consigo obras de grande valor histórico, artístico ou documental. Seria também enorme favor indicar essas pessoas.

Caso V.S. se disponha a favorecer-nos com sua reposta, esta deverá ser endereçada ao Departamento de Cultura, Diretoria, rua da Cantareira, 216, São Paulo.

É inútil dizer quão preciosa será a colaboração de V.S. neste caso, contribuindo desse modo para melhor ordem e sistema na conservação documentária dos tesouros de nossa terra.

Certa de ser atendida em seu apelo, esta Diretoria apresenta a V.S. nas suas mui cordiais saudações.

Mário de Andrade

Diretor.

N.B. – Para melhor coordenação dos nossos trabalhos, solicitamos em sua resposta que a cada nome de colecionador ou pessoa possuidora de obras valiosas que indicar, seja mencionado também o gênero da coleção ou das coleções que possui e, se possível, a residência.



Carta assinada: “Mário de Andrade”, datada: “4 de novembro de 1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Prefeitura Municipal de S. Paulo [...]”; 30,4 x 20,5 cm.

### 13. ANDRADE, Mário de. [1937]

Texto contendo os principais fonemas da língua<sup>63</sup>. Organizado por Manuel Bandeira<sup>64</sup>, de acordo com Antenor Nascentes<sup>65</sup>.

Mário de Andrade.

---

Congresso da Língua Nacional Cantada  
ESTUDOS DE FONÉTICA REGIONAL

Ceará, capital Fortaleza. Rio Grande do Norte, capital Natal.  
Ele se esqueceu que a luz dos planetas é imóvel.  
Que família!  
Trás-ante-ontem adquiri um bilhete de loteria inteiro. Perdi.  
O advogado da companhia já deu o parecer.  
Quem foi que disse que eu era de Pernambuco? Eu não sou pernambucano não!  
O juiz teimou.  
Véspera de Santo Antônio tomei o bonde de Barcas próximo do Quartel General.  
Ao subir no estribo, esbarrei numa mulher vesga.  
No alto daquele morro tem um pau-d’arco pequenininho.  
Acompanhe sempre o menino: o príncipe é ruim.  
O livro em que vem apontados por sua ordem os dias dos meses com os nomes

---

<sup>63</sup> Segundo estudos de Ângela C. S. Rodrigues, em “Mário de Andrade e o projeto ‘Pronúncias Regionais do Brasil’”, o texto-padrão foi organizado a partir das sugestões de fonemas indicados por Antenor Nascentes e Manuel Bandeira. Ambos assessoraram o diretor do Departamento de Cultura na elaboração de materiais para o estudo das pronúncias regionais do país.

<sup>64</sup> Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886 – 1968) nasceu em Recife, Pernambuco; radicou-se o Rio de Janeiro. Poeta, cronista, crítico literário e tradutor, um dos nomes principais do modernismo brasileiro. Publicou, entre outras obras literárias: *A cinza das horas* (1917), *Libertinagem* (1930) e *Estrela da manhã* (1936).

<sup>65</sup> Antenor de Veras Nascentes (1886 – 1972) nasceu no Rio de Janeiro. Filólogo e linguista. Entre suas publicações: *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros* (1920), *Noções de estilística e literatura* (1929), *A ortografia simplificada ao alcance de todos* (1940) e *O linguajar carioca* (1953).

dos santos, as luas, os feriados, os jejuns, se chama folhinha.  
Por quanto o senhor vende o tordilho?  
Quem desdenha quer comprar.  
O que é que ele contou? Não sei não.  
A pesca é uma indústria das mais rendosas.  
Nesta questão estou de corpo e alma com o meu compadre.  
Tio Pio viu que a água do rio subiu muito.  
O excelente animal nasceu a 8 de março de 1882.  
Não afrouxe: feche a assembleia.  
A porteira pequena apodreceu.  
Enquanto se mantiver o ensino empregado, o colégio formará homens amáveis  
e às vezes admiráveis.  
Virgem Maria, que garoa!  
Nós já falamos no rádio. Tivemos absoluto êxito.  
O camundongo se escondeu.  
Esqueci-me de tapar as 14 caixas de paina.  
Ludgero começou uma lavoura de feijão.  
Jayme gosta de manteiga, ameixa, beiju e tapioca.  
Eu me escondi no primeiro andar.  
Não continue.

*Carta assinada: "Mário de Andrade", sem data. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 32,6 x 22,3 cm.*

**14. ARANTES, Altino<sup>66</sup>. 30 ago. 1937.**

DRS.  
MEIRELLES REIS  
RAPHAEL SAMPAIO  
ALTINO ARANTES  
ADVOGADOS  
PRAÇA DA SÉ, 3 – S. PAULO

São Paulo, 30 de agosto de 1937.

Meu caro Valdomiro Silveira,

muito grato e desvanecido, recebi a preciosa oferta de seus *Mixuangos*<sup>67</sup>, que acabo de ler com grande prazer e interesse.

Neste seu belo livro – que em nada desmerece os anteriores – v. comprova, ainda como vês, os seus apreciáveis dotes de ótimo escritor que é, e que, cada dia, mais confirma e enaltece os seus foros de alta fidalguia no mundo das Letras.

Cordiais e afetuosos cumprimentos do  
Velho am<sup>o</sup> e admirador,

Altino Arantes

*Carta assinada: “Altino Arantes”, datada: “S. Paulo, 30 de agosto de 1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Drs. Meirelles Reis Raphael Sampaio Altino Arantes [...]”; 28,2 x 21,3 cm. Envelope: 12,2 x 15,5 cm.*

---

<sup>66</sup> Altino Arantes Marques (1876 – 1965), advogado, político e escritor paulista. Atuou como deputado federal pelo Partido Republicano Paulista (PRP), de 1906 até 1911, e como governador de São Paulo até 1921, sendo seu sucessor Washington Luís. Teve participação ativa na Revolução Constitucionalista de 1932, inclusive no levante armado. Em 1950, aliado ao Partido Social Democrático (PSD), tenta eleger-se como vice-presidente da República, ficando em terceiro lugar. Além da extensa atividade política, Arantes dedicou-se à literatura. Foi presidente da Academia Paulista de Letras por catorze anos. São algumas de suas publicações: *Saudades de Portugal* (1938), *O dever dos mestres* (1942), *Cícero* (1944) e *Elogio do livro* (1951).

<sup>67</sup> Terceiro livro de contos de Valdomiro Silveira, publicado em 1937.

**15. AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de<sup>68</sup>. 28 ago. 1937.**

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO  
RUA CARLOS SAMPAIO Nº. 118  
S. PAULO

Meu caro Sr. Valdomiro Silveira

meu muito saudar.

Esta sexta-feira, 13 de agosto, foi para mim um dia propício, desses que se assinalam em pedrinha branca.

Chegou-me às mãos, graças a sua atenciosa lembrança, por intermédio do velho amigo escritor, o seu delicioso livro *Mixuangos*.

Tenho o lido devagarinho, como quem degusta um fino licor. De seu valor literário, outros disseram com autoridade. De mim, no gênero, nada conheço de melhor: o senhor como que realiza o quase milagre de aliar em castíssimo estilo, a linguagem natural, simples e tão pitoresca do nosso caipira. E isto sem artificialismo, sem [denunciar] esforço. E o colorido da paisagem, e a evocação que logo domina o leitor!

Muito obrigado pelo seu régio presente.

Felicita-o de coração o

Vicente de Azevedo.

São Paulo, 28 de agosto de 1937.

*Carta assinada: "Vicente de Azevedo", datada: "S. Paulo, 28/8/937". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha, timbrado: "Vicente de Paulo Vicente de Azevedo [...]"; 30 x 18,5 cm. Envelope: 10,2 x 15,8 cm.*

---

<sup>68</sup> Vicente de Paulo Vicente de Azevedo (1895 -?) atuou como professor universitário de Direito. Teve extensa carreira como Desembargador, Promotor Público em 1930, Chefe de Polícia em 1934 e Procurador Geral do Estado, no mesmo ano. Membro da Academia Paulista de Letras. Colaborou nos jornais *Suplemento Literário*, pertencente à *Folha da Manhã*, *O Movimento* e *A Cigarra*, neste sob o pseudônimo de Gil Vicente. Foi também crítico literário.

**16. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de<sup>69</sup>. [4 mar. 1912]<sup>70</sup>.**

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
BILHETE POSTAL  
BRAZIL CORREIOS – 50 RÉIS

Meu caro Valdomiro. – Estou fazendo uma coleção encadernada dos membros da Academia Paulista. Dos que não têm livro, serve algum artigo publicado em revista, folheto, “plaquete” ou mesmo jornal pois neste caso, como fiz com o discurso de recepção de Spencer Vampré, corto-o em forma de páginas e o encaderno com qualquer outra coisa para encher o volume. De você só tenho o “Violento”<sup>71</sup>, conto publicado na *Revista Brasileira* de 15 de julho de 1897 e que está nos [ilegível] de abrir o volume que vai ter o seu nome. Quero porém que você me mande, se assim for possível, mais escritos seus daquela *Revista* ou de outras, ou mesmo de jornais, como o “Vinó” e os “Amores tardios”<sup>72</sup>, com os quais você tão brilhantemente estreou e tirou um prêmio na *Semana*. Em último caso até razões de advogado me servirão; lá estará o “Violento” no princípio para mostrar que você é muito mais que isto. – Do Martim Francisco<sup>73</sup> obtive num sebo o *São Paulo Independente*<sup>74</sup>, raridade a que peço, por seu intermédio, que se juntem outras obras enquanto se espera o prefácio jocoso ao livro de versos do Fernando de Mattos (raridade que também se encontra no sebo Gazeau, mas que lá ficará). Não + farei encadernar portanto nem o “Violento” nem o *São Paulo Independente*, enquanto não receber resposta destes cartõezinhos.

---

<sup>69</sup> José Vicente de Azevedo Sobrinho (1875 – 1924), nasceu em São Paulo. Foi secretário da Academia Brasileira de Letras desde 1918 até a sua morte e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras. Autor de *Contos e fantasias* (1898) e *Efemérides da Academia Brasileira de Letras* (até 1920), livro publicado em 1926.

<sup>70</sup> Data estimada por D. Júnia Silveira Gonçalves no verso do bilhete.

<sup>71</sup> Conto regionalista publicado posteriormente em *Lereias* (1945).

<sup>72</sup> A pesquisa não localizou nos livros de Valdomiro Silveira os contos mencionados.

<sup>73</sup> Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1853 – 1927), advogado e jornalista nascido em São Paulo. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1875. Entre os anos 1878 e 1892, atuou como político. Com seu irmão Antônio Manuel Bueno de Andrada, fundou o jornal político *O Provinciano*. Após encerrar suas atividades políticas, trabalhou com Valdomiro Silveira, em Santos, em um escritório de advocacia. Um dos patronos da Academia Paulista de Letras. Entre seus livros: *Os precursores da Independência* (1874), *Propaganda separatista* (1887) e *São Paulo Independente* (1887).

<sup>74</sup> Obra de Martim Francisco publicada em 1887.

Nada ainda pude obter somente de Alberto Faria, Benedito Otávio, Carlos de Campos<sup>75</sup>, Erasmo Braga, F. de Paula Rodrigues, Gama Cerqueira<sup>76</sup> e Ulisses Paranhos<sup>77</sup> (7) com os quais aliás ainda não falei. Dos outros 35 (incluindo os dois mortos) já tenho volumes encadernados ou a encadernar.

José Vicente

Rua Adolfo Gordo, 26.

*Bilhete assinado: "José Vicente", datada: "[4 - 3 - 1912]". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 3 folhas; timbrado: "REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL/ BILHETE POSTAL/ BRAZIL CORREIOS - 50 RÉIS"; 9 x 14,3 cm. Carimbos: "GABINETE DE QUEIXAS - MAR 4 - 1912 - S. PAULO", "SANTOS - 10H MANHÃ - 5 MAR".*

### **17. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 18 mar. 1912.**

18 de março de 1912.

Valdoro:

Abri hoje com grande interesse o invólucro que me mandaste e nele só se me deparou um anúncio do vinho Mariani!! Terás endoidecido ou pensas que a minha mania de colecionar vocês todos denota que eu começo a ficar com o miolo mole e te queres divertir comigo?

Pois queiras ter ou não queiras, grande maroto, hei de ter na minha estante um volume com o teu nome. Mexendo em papeis velhos já ontem encontrei outro conto teu "A primeira queda", publicado no *Diário da Tarde*<sup>78</sup>, nome com que durante a revolta apareceu a *Plateia*. Com "Violento", já são dois contos, o que me autoriza a pôr na lombada:

<sup>75</sup> Carlos de Campos (1866 – 1927), advogado e político nascido em Campinas, São Paulo. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1887. Atuou como diretor do jornal *O Correio Paulistano*. Publicou *A bela adormecida* e *Um caso singular*, peças líricas.

<sup>76</sup> Luís Barbosa da Gama Cerqueira (1865 – 1936), advogado e político nascido em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Depois de formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1885, retornou à sua cidade natal, passando a atuar como redator-chefe do *Correio de São José*. De volta à São Paulo, ocupa-se da política; ajudando a fundar Partido Democrático (PD) em 1926. Membro da Academia Paulista de Letras.

<sup>77</sup> Ulisses de Freitas Paranhos (1885 – 1954), médico e escritor nascido em São Paulo. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi professor da Universidade de São Paulo e da Escola Belas Artes de São Paulo. Publicou *Psicologia da sugestão* (1910), *A anafilaxia e a sua aplicação em medicina legal* (1914), *Manual de bioterapia* (1918), *História da música* (1940) e *História das artes plásticas* (1944).

<sup>78</sup> Estampado em 10 de fevereiro de 1894, o conto foi recolhido em *Mucufos*, obra póstuma de Valdomiro Silveira, organizada por Alexandre de Oliveira Barbosa. Cf. Bibliografia

V. Silveira

Contos

Para retribuir a pilhéria do Vinho Mariani, aqui te mando o cabeçalho do *Diário da Tarde*<sup>79</sup>. Mando-te também outro conto teu, do *Correio*, “Amor na tulha”<sup>80</sup>, ao qual falta um pedaço pelo que não posso utilizar.

Mando também a notícia que a *Semana* deu a teu respeito. Esses três jornais tinham a desventura de estampar contecos meus e por isso se viam reduzidos a esses retalhos informes que aí vão.<sup>81</sup>

Mandei o Mattos ao Martim e deste já recebi a carta que arqueei entre os meus autógrafos, que os tenho preciosíssimos. Das obras dele, já tenho *S. Paulo Independente*, *Os dois almirantes*<sup>82</sup>, *Pátria morta*<sup>83</sup> e *Discurso de posse*<sup>84</sup>. Já fará muito boa figura o seu volume mas aguardo mais cousas prometidas. Dos Acadêmicos, já tenho encadernado 25, três a encadernar, nove prontos para isso e só cinco de que ainda não vi letra impressa: Alberto Faria, Benedito Otávio, Erasmo Braga, Gama Cerqueira e Ulisses Paranhos. Terás por acaso, entre teus reclames do Vinho Mariani, alguma cousa de qualquer deles?

Bom, até amanhã ou depois. É hora do almoço e a cozinheira já está a reclamar a minha presença à mesa – não sei se para apreciar os seus quitutes ou se para não dar cabo deste bloco de papeizinhos em que ela joga no bicho.

José Vicente.

*Carta assinada: “José Vicente”, datada: “18 – 3 - 912”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 6 folhas; 16,4 x 11,9 cm.*

## 18. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 21 out 1918.

José Vicente de Azevedo Sobrinho

<sup>79</sup> A pesquisa não localizou o mencionado cabeçalho.

<sup>80</sup> Conto pertencente à obra *Mixuângos* (1937).

<sup>81</sup> A pesquisa não localizou os informes anexados.

<sup>82</sup> FRANCISCO, Martim. *Os dois almirantes: alocução proferida em Santos, em 11 de junho 1905, a convite de Comissão Popular no Teatro Guarany*. Santos: Typ. Imprensa Popular, 1905.

<sup>83</sup> FRANCISCO, Martim. *Pátria morta? (de Pombal a Pires Ferreira)*. Santos: Tipografia Imprensa Popular, 1902.

<sup>84</sup> FRANCISCO, Martim. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Discurso de posse*, 1909.

São Paulo, rua Adolfo Gordo 26

21 de outubro de 1918.

Meu caro Valdomiro,

Obrigado pela tua carta e pelo voto, que está a dizer no meu bolso “comigo é 9”. As coincidências simpáticas se amiúdam entre nós. Tens por avô um dom Fernando e eu tenho por filho um Fernando, que é um lindo dom. Virás a ter, talvez, em tua terra natal, nessa cachoeira que se tornou Bocaina para comer teu umbigo, uma estátua entre os caboclos e os poetas do sertão... Mas eu já tenho, no seio da minha família, o Barão da Bocaina! És o filho mais ilustre da terra, mas o meu primo é o único titular...

Com 9 anos, em Casa Branca, assististe certamente, em 5 de julho de 1882, ao nascimento do Adalgiso Pereira<sup>85</sup>. As impressões da infância não muito fortes e deves ao fato o colocares tão bem os pronomes. Aqui, na capital, poderias ter ouvido, na manhã de sábado, 9 de janeiro de 1875, o primeiro vagido, violento, a primeira queda, tal e qual, que eu dei no mundo, em casa de meu avô Lopes dos Anjos, na rua Direita, onde hoje se ergue a “Casa Alemã”, único ponto de contato que me faz desculpar o germanofilismo do nosso caro confrade e mestre da “Carta a V.S.”<sup>86</sup>, que é você mas que poderia ser Vicente Sobrinho, mormente por ali se falar do culto da Visita e dos Cartões Postais e ter tido eu uma seção no *Correio* com este título e outra no *Estado* com o título Cartões de Visita, nas minhas [verduras].

Estas cousas que te digo não serão frutos mas sim frutas pela sua frivolidade feminina, do pedido que me fizeste. Queres um livro meu seriamente? Isso me faz pensar que eu valha a pena de ser lido e é causa de me estar aqui biografando. Pois fica à tua disposição um exemplar dos *Contos e fantasias*<sup>87</sup>, o mais virgem dos que eu tenha. Eles não foram onze mil, mas podiam entrar no céu por serem pobres de espírito. Como remetê-lo? A censura, onde há o fino gosto literário de um Ciro Costa<sup>88</sup>, deixá-lo-á passar no correio? E os livros de tua estante, onde o Martins Fontes põe luz deslumbradora, verão e se rirão de minhas rugas....

J.V.

---

<sup>85</sup> Adalgiso Pereira, professor mineiro. Foi revisor da *Revista do Brasil*.

<sup>86</sup> Poema de Vicente de Carvalho em homenagem a Valdomiro Silveira, publicado em *Poemas e canções* (1917).

<sup>87</sup> Livro publicado em 1898.

<sup>88</sup> Ciro Costa (1879 – 1937), advogado e escritor nascido em Limeira, São Paulo. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1902. Iniciou sua trajetória literária em 1900, publicando suas produções no *Diário Popular*. Fundou, junto com Olavo Bilac e Martins Fontes a Sociedade dos Homens de Letras do Brasil. Colaborou com as revistas *A Cigarra* e *Vida Moderna*. Eleito para a Academia Paulista de Letras, o escritor não tomou posse. É autor de *Sob a metralha* (1924) e *Terra prometida* (1938, publicação póstuma).



Carta assinada: “J. V.”, datada: “21 – 10 - 918”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 26,8 x 21,1 cm.

### 19. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 22 jan. 1921.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ou Rua da Gloria, 68

Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1921.

Valdomiro.

Recebi sua carta de 18 e quatro volumes de seu livro: – o meu, o do Faria, que já lhe remeti para Campinas onde se acha, o do João Ribeiro<sup>89</sup>, que mandei entregar hoje mesmo, e o de Goulart de Andrade<sup>90</sup>, que irá também hoje. Junto incluo uma lista de todos os acadêmicos. Entendo que você deve mandar a todos, pois o seu livro é simplesmente ótimo... Digo-o sem lisonja. Confesso que o esperei sem entusiasmo, pois temia que o seu estilo parecesse requintado tantos anos após. E na minha lembrança de menino (há vinte anos passados, ainda bem que o éramos!) seus contos não me haviam deixado grande traça, no exótico deslumbramento que eu vivia por Loti<sup>91</sup> ou Coelho Netto. Comecei portanto a ler agora o volume de má vontade, por obrigação, e, quando dei acordo de mim, estava perdido, com água pela cintura, sem poder mais tomar pé naquele redemoinho de contos, cada qual mais maravilhosamente simples e belo. E é um livro igual, sem altos e baixos, todo ele no alto. Sinto em você, Valdomiro, a desforra da minha geração!

---

<sup>89</sup> João Batista de Andrade Ribeiro (1860 – 1934), escritor nascido em Laranjeiras, Sergipe. Ingressou na Faculdade de Medicina de Salvador, mas não chegou a terminar o curso, transferindo-se para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Nesse período, envolveu-se com o trabalho jornalístico e, em 1885, tornou-se oficial de secretaria na Biblioteca Nacional. Posteriormente, trabalhou no jornal *Época*, de 1887 a 1888. Estudioso de filologia, é autor da tese *Morfologia e colocação de pronomes* (1886). Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1898. Atuou também como crítico literário no jornal *Imparcial*, de 1912 a 1922. Publicou, dentre outras, as obras: *Estudos filológicos* (1902) e *Compêndio de história da literatura brasileira* (1906).

<sup>90</sup> José Maria Goulart de Andrade (1881 – 1936), jornalista, engenheiro e teatrólogo nascido em Jaraguá, Alagoas. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 22 de maio de 1915. Publicou *Poesias* (1900), *Assunção* (1913) e *Cantos do Brasil novo* (1923).

<sup>91</sup> Pierre Loti (1850 – 1923), escritor francês conhecido por seus contos exóticos. Publicou: *Le roman d'un sphai* (1881), *Trois journées de guerre en Annam* (1883), *Japoneries d'automne* (1889) e *Judith Renaudin* (1898).

Como vão o Martim<sup>92</sup> e o Martins<sup>93</sup>? A este não conheço pessoalmente, mas a ambos cutuco de vez em quando com um postal sem que eles se deem por achados. E que sabe você do Vicente<sup>94</sup>?

José Vicente

Rua da Glória, 68.

*Carta assinada: “José Vicente”, datada: “Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Brasileira de Letras”; 25,5 x 19,9 cm.*

## 20. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 25 jan. [1921]<sup>95</sup>.

UNION POSTALE [ILEGÍVEL]  
RÉPUBLIQUE DES ÉTATS UNIS DU BRÉSIL  
CARTE POSTALE  
BRAZIL CORREIO – 100 RÉIS

Glória, 68 [Rio de Janeiro], 25 janeiro [1921].

“Recebi o livro do Valdomiro. Excelente. O Valdomiro é um cabra direito”. É o que me diz o Canto e Melo<sup>96</sup>, autor de outro bom livro de 1920<sup>97</sup>, e eu tenho prazer de transmitir o pitoresco elogio. Já ouvi também grandes elogios do Goulart de Andrade.

J.V.

*Bilhete assinado: “J. V.”, datada: “Glória 68, 25 janeiro”. Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; timbrado: “UNION POSTALE [ilegível] / RÉPUBLIQUE DES ÉTATS UNIS DU BRÉSIL / CARTE POSTALE / BRAZIL CORREIO – 100 RÉIS”; 9 x 14 cm. Carimbo: “SUQ. DE CAXIA – RIO - [ilegível]”.*

---

<sup>92</sup> Martim Francisco.

<sup>93</sup> Martins Fontes.

<sup>94</sup> Possivelmente Vicente de Carvalho.

<sup>95</sup> Data estimada por D. Júnia Silveira Gonçalves.

<sup>96</sup> Pedro de Castro Canto e Melo (1866 – 1934), advogado e escritor nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo na mesma turma que Washington Luís. Seus romances, pouco conhecidos, mostram o cotidiano gaúcho. É autor de *Bucólica* (1914), *Mana Sivéria* (1913) e *Relíquias da memória* (1920).

<sup>97</sup> Possivelmente *Relíquias da memória*, publicado em 1920.

**21. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 29 jan. [1921].<sup>98</sup>**

Glória, 68 [Rio de Janeiro], 29 de janeiro [1921]

Valdoro,

respondo sua carta de 27. Já que você mandou aos acadêmicos, não há necessidade de mandar o livro à biblioteca, onde eles o viriam consultar no caso de não o terem. Reserve porém dez exemplares para concorrer, no fim do ano, ao prêmio de “Obras Publicadas”.

Acho que o livro do Agenor está perfeitamente nos casos do prêmio Alves<sup>99</sup>. Não há, por enquanto, nenhum concorrente aos três prêmios para “as melhores obras sobre a língua portuguesa”, e a inscrição se encerra a 31 de março. Mando novamente o edital<sup>100</sup>. Até outra.

José Vicente.

*Carta assinada: “J. V.”, datada: “Glória 68, 29 janeiro [1921]”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 31,8 x 21,5 cm.*

**22. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 4 fev. 1921.**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ou Rua da Glória 68

Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1921.

Valdomiro.

Respondo sua carta de 1º. É estúpida a limitação de tempo que o concurso<sup>101</sup> fez, quando é ele somente aberto de cinco em cinco anos, mas que se há de fazer? E o Agenor perdeu também o concurso de Obras Publicadas em 1919, encerrado a 31 de dezembro último.

<sup>98</sup> Data presumida pela pesquisadora.

<sup>99</sup> Segundo o documento escrito por Afrânio Peixoto, o concurso premiaria, em dinheiro, os três melhores trabalhos sobre a língua portuguesa e as três melhores obras sobre divulgação do ensino primário no Brasil. Compreendia, contudo, somente as obras publicadas no período de 1º de janeiro de 1920 e 31 de março de 1921, ainda em primeira edição. Os irmãos Silveira não participaram do concurso. Monteiro Lobato, pela vez dele, chegou a concorrer com a obra *A menina do narizinho arrebitado* (1920).

<sup>100</sup> Edital anexado à carta.

<sup>101</sup> Segundo o edital: “Art. 3º - O concurso compreende as obras publicadas no período de 1 de janeiro de 1920 a 31 de março de 1921, só sendo aceitas as que tiverem a forma de livro e em primeira edição”.

Você viu, naturalmente, o folhetim do João Luso<sup>102</sup>. O Humberto<sup>103</sup> (x.x.) fez-lhe também uma referência ao excelente livro. – O Alberto Sousa<sup>104</sup> é candidato à vaga do Wenceslau<sup>105</sup> na Academia Paulista. A Academia Brasileira está dando todo o prestígio à Paulista, telegrafando e incumbindo o Ulisses de ajudá-la no *Dicionário Bibliográfico*<sup>106</sup>. Precisamos tomar a cousa a sério. O Sousa é um homem de letras de real merecimento. Precisamos também, quanto antes, preencher as vagas de Presidente e Secretário Geral, elegendo o Vicente de Carvalho e o Amadeu Amaral. Corre que o Gazeau<sup>107</sup> (o do maior sebo do Brasil) já fez testamento legando-nos toda a fortuna. Depois do exemplo do Alves<sup>108</sup>, acredito.

Como vai o Martim?

J.V.

*Carta assinada: “J. V.”, datada: “Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1921”. Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Brasileira de Letras”; 25,4 x 19,8 cm. Envelope: 10,6 x 13,3, carimbos “ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – 4 FEV 1921 – RIO DE JANEIRO”, “SANTOS – 10 HORAS - 6 FEV. 1921”.*

### 23. AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 11 mar. [1921].

Reservado

Glória, 68 [Rio de Janeiro], 11 de março [1921].

Valdomiro.

<sup>102</sup> LUSO, João. Dominicais. Folhetim do *Jornal do Commercio*. São Paulo, 30 jan. 1921.

<sup>103</sup> CAMPOS, Humberto de. *Os caboclos. Paratodos*. Rio de Janeiro, 19 fev. 1921. n. 114.

<sup>104</sup> Alberto Sousa não consta na lista de patronos ou membros da Academia Paulista de Letras.

<sup>105</sup> Wenceslau José de Oliveira Queirós (1865 – 1921), escritor e advogado nascido em Jundiá, São Paulo. Colaborou nos periódicos *Diário Popular de S. Paulo*, *Comércio de S. Paulo* e *Correio Paulistano*. Um dos fundadores da Academia Paulista de Letras. Publicou, dentre outras obras, *Versos* (1890), *Heróis* (1890), *Sob os olhos de Deus* (1901) e *Rezas do diabo* (1939, publicação póstuma).

<sup>106</sup> Alguns dicionários elaborados no âmbito da Academia Brasileira de Letras: *Dicionário de brasileirismos e Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire e *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes.

<sup>107</sup> Primeiro sebo de São Paulo, fundado em 1893 e fechado em 1981.

<sup>108</sup> De acordo com Carlos Monarcha (2014), em “Convocando os hermeneutas da república letrada: o prêmio Francisco Alves”, artigo publicado na *Revista História da Educação* da UFRGS (vol. 18, p. 149-164), o editor legou 5 mil réis para as premiações do Concurso. Disponível em: <[https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/43857/pdf\\_47](https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/43857/pdf_47)>. Acesso em: 7 jul. 2022.

Um dos concorrentes aos prêmios Alves<sup>109</sup> (letra B) apresentou um livro datado de 1919, escrevendo porém carta em que junta documento comprobatório de que o livro só foi dado a público em 1920, em obediência ao art. 3º do edital junto. É o caso dos seus *Caboclos*, datados de 1920 e aparecendo em 1921.

Ora, o Agenor não pode também provar que a sua *Colocação de pronomes* apareceu em 1920 e não em ano anterior? Previno porém a vocês que para os três prêmios para as melhores obras sobre a língua portuguesa (letra F) já há inscritos dos livros, consideráveis ao menos pelo número de páginas, *Português prático*, de Marques da Cruz<sup>110</sup> (230 páginas) e *Gramática portuguesa*<sup>111</sup> de Firmino Costa<sup>112</sup> (340 páginas).

Veja se é o caso de tentar a sorte. No fim de contas só o Agenor perderá, verdadeiramente, os dez exemplares exigidos pelo art. 5º.

Em tempo: o documento com que o autor R. Denavarro inscreveu sua obra *À margem da educação*, alegando ser ela publicada em 1920 e não 1919, é dois recibos de consignação de livraria, datados 22 janeiro de 1920.

Estude o caso, juridicamente e.... fraternalmente! E olhe o prazo.

J.V.

Rua da Glória 68.

*Carta assinada: "J. V.", datada: "Glória 68, 11 de março". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 31,3 x 21,3 cm. Envelope: 10,8 x 12 cm., carimbos ilegíveis.*

<sup>109</sup> Edital do Concurso para os prêmios "Francisco Alves" anexado à carta.

<sup>110</sup> José Marques da Cruz (1888 – 1958), escritor e historiador português. Foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Escreveu, dentre outras, as obras *Português prático* (1922-1941), *Oração a Portugal* (1929) e *Eça de Queirós, a sua psique* (1949).

<sup>111</sup> COSTA, Firmino. *Gramática portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921.

<sup>112</sup> Firmino Costa Pereira (1896 – 1939), filólogo e professor nascido em Niterói, Rio de Janeiro. Realizou pesquisas em lexicografia. Autor de *O ensino popular* (1913) e *Gramática portuguesa* (1921).

**24. BARBOSA, Bruno<sup>113</sup>. 12 jan. 1933**

A. BRUNO BARBOSA  
 J. SILVEIRA MELLO  
 ADVOGADOS  
 RUA DE S. BENTO, 58 (2º ANDAR)  
 S. PAULO

São Paulo, 12 de janeiro de 1933.

Querido Valdor:

Vai nesta o meu abraço fraternal de agradecimento pela carta tão valdórica que me enviaste a 1º do corrente. Os mesmos votos pela tua saúde e prosperidade faço eu com todos os seus, teus amigos e admiradores.

Estive aí, de fato, no dia 30/XII, mas com o tempo quase todo tomado pela visita que fui fazer às minhas cunhadas, especialmente à outra e recente viúva cujo marido acaba de falecer no Rio de Janeiro. De volta à cidade, só entre uma ponta e outra da rua 15 de Novembro, tomaram-me os amigos e simples conhecidos o tempo todo, o restante. De outra vez, não deixarei de ir vê-lo.

Depois de muito rogada, veio, um domingo destes, almoçar conosco a querida Alda<sup>114</sup>. Com aquela alegria de menina, ficou o resto do dia e, como tivesse combinado, com as minhas, ir ao cinema, pernitoou, ou posou<sup>115</sup>, e ainda a guardamos para o pavoroso almoço de segunda-feira de que julgo ter saído com fome. Prometeu voltar e a estamos esperando.

Não sei se já lhe comuniquei a minha impressão sobre o seu livro *Nas serras e nas furnas*. Já faz um ano que o li e, assim, não posso, sem novo exame, dizer o que mais me agradou, porque tudo me agradou. “O Saudade”<sup>116</sup> é um poema sem rival nas letras nacionais, entre prosadores. Onde aprendeste tanta coisa da gente rústica, ô homem esplêndido? Qual Mistral<sup>117</sup>... qual nada. Só não gostei (muito) do título, sendo de notar-se que é o único sem síntese dentre os seus livros publicados e anunciados.

---

<sup>113</sup> Antônio Bruno Barbosa (1886 – 1956), poeta e advogado cearense. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro e exerceu a profissão no Acre. Em São Paulo, atuou como juiz federal, perdendo o cargo em 1937. Publicou, entre outras obras, *Utopias* (1900) e *Mocidade* (1905).

<sup>114</sup> Filha do primeiro casamento de Valdomiro Silveira, do qual não há muitas informações. Desse matrimônio, Valdomiro teve outros dois filhos: Meroveu e Evandro.

<sup>115</sup> Na carta: “poisou”.

<sup>116</sup> Conto pertencente ao livro *Nas serras e nas furnas*.

<sup>117</sup> Frédéric Mistral (1830 – 1914) escritor de origem francesa. Fundou, com o poeta Roumanille, o movimento *félibrige*, que promoveu a língua provençal, que caracteriza suas obras épicas. Recebeu o Prêmio Nobel de

Noto que, no meu velho hábito do V., não pude retribuir, na carta inteira, o teu tutear que me é tão grato.

Saudades e lembranças a D. Isabel<sup>118</sup>, à Musa do Boqueirão e a todos os filhos, filhas, noros e genras.

Grande e afetuoso abraço do

Bruno.

*Carta assinada: “Bruno” datada: “S. Paulo, 12 de janº de 1933”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “A. Bruno Barbosa J. Silveira Mello advogados [...]”; 28 x 21,5 cm.*

## **25. BARBOSA, Bruno. 28 out. 1937.**

Rua Euclides da Cunha, 274

Santos, 28 de outubro de 1937.

Querido Valdoro:

Saúde, sobretudo, é o que deseja ao preclaro amigo quem, de doente, pode agora estimar esse supremo bem.

Escrevo-lhe de Santos para onde vim meio “increnco”<sup>119</sup> e onde acabo de ler *Mixuangos* com o enlevo que me dão as suas letras. Quanto aprendi, quanto admirei, quanto gozei!

Como pode V., criatura, aprender tanta coisa<sup>120</sup> no convívio dos rústicos? Nesses contos, quantos aspectos da vida dos nossos rudes compatriotas não estão fixados eternamente! Será que ainda são hoje os mesmos que V. tão lindamente estudou e pintou<sup>121</sup> física e psiquicamente?

Não sei o que mais me agradou, ou o que mais admirei. Em todas as páginas me detive, enlevado aqui, enternecido além, e curioso por todo o livro. Declaro que nunca li retrato como

---

Literatura em 1904 e, com o valor obtido, criou o Museu Arlaten. Algumas de suas obras: *Mirèio* (1859), *Nerto* (1884), *Discours e dicho* (1906) e *Lis óulivado* (1912).

<sup>118</sup> Maria Isabel Silveira (1880 – 1965), segunda esposa de Valdomiro Silveira. Autora de *Isabel quis Valdomiro* (1962), livro no qual narra os primeiros anos de vida dos filhos

<sup>119</sup> Na carta: “increnco” com a letra “N” acrescentada em tinta preta.

<sup>120</sup> Na carta: “cousas”, com “S” rasurado.

<sup>121</sup> Na carta: “pin”, com a continuação da palavra acrescentada em tinta preta.

o de João Corisco<sup>122</sup> nas vascas que lhe haviam de preceder a morte: “Realçava de modo assustador, na tarde flamejante a brancura do João Corisco; empalecida sempre, ganhando ora a cor desesperada de um mármore gasto, ora a lúgubre descor de uma caveira em cujas órbitas ainda não há o vácuo...”. Que horroroso<sup>123</sup> e que belo! O substantivo “descor” é um achado aí e o decassílabo – a lúgubre descor de uma caveira – prepara a pincelada seguinte das órbitas ainda não vazadas... Estou a ver o pobre...

Como pode V. aprender a partida de truque com o competente palavreado? Gostaria de ler este livro ao pé de V., perguntando-lhe as cousas... Ao cabo, estou aqui a escrever-lhe o meu entusiasmo pelo prosador corretíssimo, pelo observador agudo de tanta cousa do céu, da terra, dos ares, das selvas, dos rios, das aves e dos mais bichos do mato, de tudo isso com que a Mãe Natureza encheu a nossa terra sem igual; quero transmitir-lhe o reforço da minha admiração ao escritor que, versado nas letras desde Homero<sup>124</sup> até Flaubert<sup>125</sup>, desde Teócrito<sup>126</sup> até Verlaine<sup>127</sup>, desde Gonçalves Dias<sup>128</sup> até Martins Fontes, e acotovelando só gente fina e culta nas cidades onde vive e brilha, acha curiosidade e ternura para debruçar-se sobre as almas simples e nos fazer tantas revelações como as de “Amor na tulha”, “Mágoa oculta”, “Quarenta anos”, “Mandraca”, “Vocação”<sup>129</sup>. O que V. é e sempre foi, seu Valdoro, é um descomunal poeta, capaz de assim sentir o sentimento dos outros (e que outros!) e de no-lo transmitir com tanta sublimidade.

E eu, que de literatura regional só leio a de Valdomiro Silveira; eu, que depois de “Hora quieta”<sup>130</sup> dos *Caboclos* e d’“O Boi Saudade” de *Nas serras e nas furnas* (cito de memória) não julgava me sensibilizasse mais com essa literatura e com esse autor, aqui estou a caceteá-lo com estes desalinhavados louvores a mais dos que lhe são prodigalizados pelos que têm autoridade literária mas não a estima ao amigo igual ao entusiasmo pelo autor que sempre teve o velho e grato

<sup>122</sup> Personagem do conto “Sozinho”, narrando a sua morte solitária.

<sup>123</sup> Na carta: “horroro” acrescentado o restante da palavra em tinta preta.

<sup>124</sup> Homero, poeta épico da antiguidade clássica grega, a quem se atribui a autoria de *Ilíada* e *Odisseia*. Há discordância entre historiadores acerca de seu período de vida, e até mesmo de sua real existência.

<sup>125</sup> Gustave Flaubert (1821 – 1880), romancista francês. A publicação de seu livro mais célebre, *Madame Bovary* (1857), lhe custou um processo por ofensa da moral pública. Publicou, entre outras obras *Salammô* (1862) e *Trois contes* (1877).

<sup>126</sup> Teócrito (c. 310 – 250 a.C.), poeta grego, a quem se atribui a autoria de *Idílios*

<sup>127</sup> Paul Verlaine (1844 – 1896), poeta simbolista francês. Publicou *Poèmes saturniens* (1866), *Sagesse* (1889), *Jadis et naguère* (1884) e *Amour* (1888).

<sup>128</sup> Antônio Gonçalves Dias (1823 – 1864), poeta e dramaturgo romântico, nascido no Maranhão, autor do célebre poema, “Canção do Exílio”, de 1843. Publicou, entre outros livros, *Primeiros cantos* (1847) *Segundos cantos* (1848), *Últimos cantos* (1851) e *Os Timbiras* (1857).

<sup>129</sup> Todos os contos pertencem à obra *Mixuangos* (1937).

<sup>130</sup> Conto de *Os caboclos* (1920), narrando o reencontro romântico entre Belarmino e Juriti.



Bruno.

*Carta assinada: “Bruno”, datada: “S. Paulo, 28 de outubro de 1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 26,5 x 21 cm.*

**26. BARBOSA, Bruno. 15 mar. 1941.**

Rua Visconde de Caravelas, 47 (Botafogo)

Rio de Janeiro, 15 de março de 1941.

Meu caro Valdor:

Carregado de saudade velha, pois há quase dois anos não o vejo nem lhe vejo letras, aqui estou para pedir-lhe umas lições.

Com o intervalo de exatos vinte anos, pus-me a reler *Os caboclos* e, como para sempre fiquei enfeitiçado pelo “Hora quieta”, decorei-o. Está todo no papo! Nos longos percursos de bonde, quando não posso ler, enquanto vou contemplando a paisagem, ou vendo os vultos que passam ou pelos quais passo, repito mentalmente o seu primor de conto, saboreando-lhe as belezas que, talvez, muitos não tenham a fortuna de enxergar. Dou abraços no Belarmino, namoro-lhe a Juruti e chego a sentir o sabor daquele outro beijo que ele não pode dar...

Claro é desejo possuir bem todas as particularidades que escapam à minha plena percepção.

Vou expô-las, em feitio forense:

- a) “... que o que vem de lá de trás da serra...” Tem a expressão sentido particular? Que é que vem de lá? Por que o que vem de lá traz engano?<sup>131</sup>
- b) “... o Paulo Telheiro, aquele negro velho, naqueles tempos!...” – parece significar: negro velho, já velho então. É?<sup>132</sup>
- c) “... enquanto duravam os três dias de hospedagem...”. Deve ser referência a algum costume agrícola paulista. Percebo, apenas vagamente, ser como que umas férias aos trabalhadores... Que é, ao certo? O Vocabulário<sup>133</sup> nada diz.<sup>134</sup>

<sup>131</sup> Lê-se no conto: “- Juruti, você não ponha muita fiúza em amor ansim de primo, que as vez’ traz mais engano que o que vem de lá de trás da serra!” Esta é uma das falas “camaradas” de Juruti, aconselhando-a não se iludir com Belarmino.

<sup>132</sup> Lê-se no conto: “Mas, depois de criados, mudaram as coisas: ele [Belarmino] foi aprender ofício ao colégio (era o que dizia o Paulo Telheiro, aquele negro velho, naqueles tempos!)”.

<sup>133</sup> “Vocabulário” incluído no final da obra, indicando o sentido de palavras e de expressões utilizadas nos contos.

<sup>134</sup> Lê-se no conto: “Agora, já ele [Belarmino] estava bem estudado e botara corpo: voltara para o bairro, porque era vizinho da prima, e passeava, muito senhor de si, nas cercanias da casa dela, enquanto duravam os três dias de hospedagem e não tinha de feitorar os empregados, na roça [...]”.

- d) “Apôs aquele salta-carço...”. Apôs ou após? Conservado foi o acento (^) no Vocabulário. Parece que, no Nordeste, e expressão, com o mesmo emprego, é pronunciada “após”. Será, em S. Paulo, “apôs”?<sup>135</sup>
- e) “E só persego e mais persego...” – assim está impresso. Não será: É só, etc?<sup>136</sup>

Reli *Os caboclos* nos pequenos intervalos da intensa labuta forense e com calor entre 35 e 40 graus. Conservada, bem viva a primeira impressão, mas gostei mais ainda, provavelmente porque, com os meus quase vinte anos de S. Paulo, fiquei mais a par dos costumes, mormente com a leitura posterior dos seus dois outros volumes. Vou ver se me será possível decorar também “O saudade”<sup>137</sup>. É muito maior, quase o triplo, com parágrafos muito mais longos, mas a cadência da sua prosa e o incomparável entrosamento dos períodos a fazem quase tão fácil de reler quanto a poesia. E não sei se V. sabe que, dos 50 aos 60, ainda decoro versos com relativa facilidade.

Não sei se me suportou até aqui a “arengada”<sup>138</sup>. Responda-me, sem pressa, quando lhe der na telha e quando não estiver muito “sorongo”<sup>139</sup> com o calor e o cansaço (é biforme<sup>140</sup> aquele adjetivo<sup>141</sup>??).

Recomende-me muito a D. Isabel cuja mão beijo, à filharada, ao genrame e ao netame, como dizia Capistrano de Abreu<sup>142</sup>. Menciono especialmente os casais Amílcar e Miroel e querida Alda.

Abrace o seu velho e dedicado

Bruno.

*Carta assinada: “Bruno”, datada: “Rio, 15 de março de 1941”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27,5 x 21,2 cm. Envelope: 9,5 x 13,8, carimbo “SANTOS (S.P.) – 4ª SECÇÃO – 11-12 MAR – 1941”.*

<sup>135</sup> Lê-se no conto: “Apôs daquele salta-carço que ‘tá madurando: destes tempos p’ra cá eu ando numa esganção p’r amor de fruta, seja o que for!”. Trata-se de diálogo entre Juriti e sua mãe, que, anteriormente, a questiona: “– Adonde é que você vai, criatura, co’este solão que ‘tá fervendo?”.

<sup>136</sup> Lê-se no conto: “– Arre lá, Juruti! Isso também ansim não serve! É só pêsigo e mais pêsigo! Venha cuidar destas bages p’r a janta!”. Na terceira edição do livro, de 1962, o vocábulo recebe acento agudo.

<sup>137</sup> Conto pertencente ao livro *Nas serras e nas furnas* (1931).

<sup>138</sup> De acordo com o Vocabulário, nas páginas finais de *Os caboclos*, “arengada” significa “alegação extensa, cantiga ou conversa comprida”.

<sup>139</sup> De acordo com o Vocabulário, “sorongo” significa “adj. – atoleimado, tonto; mole, desgovernado”.

<sup>140</sup> Os adjetivos, em sua maioria, são biformes, ou seja, possuem duas formas, uma para o feminino e outra para o masculino, como ocorre em “boa” e “bom”.

<sup>141</sup> Na carta: “ajd”.

<sup>142</sup> João Capistrano Honório de Abreu (1853 – 1927), historiador cearense, interessado também pela linguística e etnografia. No Rio de Janeiro, trabalhou na Editora Garnier e, posteriormente, como oficial da Biblioteca Nacional. Devotou-se ao estudo do período colonial brasileiro e da literatura nacional. Entre suas obras, destacam-se *José de Alencar* (1897) e *Capítulos de história colonial* (1907).

**27. BARBOSA, Rui<sup>143</sup>. 5 jul. 1912.**

Santos, 5 de julho de 1912.

Meu caro Dr. Valdomiro Silveira:

Graças à gentileza de sua Exma. Senhora<sup>144</sup> tive a fortuna de ler, no livro q. agora lhe devolvo com os meus agradecimentos, alguns dos seus contos<sup>145</sup>. Permita-me cumprimentá-lo por estas encantadoras amostras do seu talento, cheias de singeleza literária, fina graça e delicado espírito de observação, que me deram momentos de muito prazer com sua despreziosa e nativa originalidade.

Sinceramente

Seu coll<sup>o</sup> e am<sup>o</sup> adm<sup>o</sup>

Rui Barbosa.

*Carta assinada: “Rui Barbosa”, datada: “Santos, 7 de julho, 1912”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27,7 x 20,5 cm.*

---

<sup>143</sup> Antônio Rui Barbosa de Oliveira (1849 – 1923), advogado, político e escritor nascido em Salvador, Bahia. Em 1866, iniciou seus estudos na Faculdade de Direito de Recife, transferindo-se em 1868 para o curso jurídico de São Paulo. Foi fundador da revista *Radical Paulistano*, junto com Luís Gama. Em 1889 atuou como diretor do jornal *Diário de Notícias* e, em 1893, do *Jornal do Brasil*, substituindo Joaquim Nabuco. Durante o mandato de Campos Sales, Rui Barbosa teve importante participação no Projeto do Código Civil. Ocupou a cadeira de presidente da Academia Brasileira de Letras de 1908 a 1918. Escreveu, dentre outras obras: *Alexandre Herculano* (1877), *O Marquês de Pombal* (1882), *Visita à terra natal* (1893) *Páginas políticas e literárias* (1919) e *Estante clássica* (1920).

<sup>144</sup> Maria Isabel Silveira

<sup>145</sup> A primeira publicação de Valdomiro Silveira, *Os caboclos*, é de 1920; assim, Rui Barbosa leu contos avulsos do escritor, estampados em fonte não especificada na carta. O “livro” mencionado talvez seja algum volume (caderno) coligindo recortes jornalísticos. Pode-se ainda supor que seja a coleção encadernada de textos assinados pelos membros da Academia Paulista, organizada por Azevedo Sobrinho.

**28. BARRETO, Plínio<sup>146</sup>. 21 jan. 1921.**

Ah! Meu caro Valdor! Até que enfim tive o prazer, há tanto almejado de ver em livro os teus contos<sup>147</sup> que me levavam a te admirar antes de saber como eram feitos e de colocar no espírito o poderoso refletor que a amizade ali costuma prender a fim de reforçar o brilho do talento alheio que se aquece no coração da gente...

Estou lendo o teu livro vagarosamente, meditadamente, aos pedacinhos, na luta permanente com a ânsia de devorá-lo de uma assentada, fazendo-lhe, [trecho ilegível] com requintes de esgrimista, as belezas inumeráveis.

Espanta-me que viva em nossos dias, de [ilegível] e desalinhada cabotinagem literária um escritor, de tão [netos quilates], como [ilegível] e esse escritor [pudesse] guardar, dormente meses a fio, no fundo de uma gaveta, sepultadas na mortalha amarela de jornais velhos, tantas joias [finas] sem pressa de as exhibir, em escrínio adequado, à boquiaberta admiração das turbas.

É fenomenal. Um escritor que resista às seduções da publicidade é mais do que um santo. Sinto que se ainda te não [ilegível] tanto, como [penso], era hora de ter afogar num oceano de abraços. Felizmente, porém, basta um, um bem apertado, um que te diga, com toda a força, o júbilo que me vai n'alma pelo teu belo triunfo. Recebe-o nestas linhas rápidas do teu

Plínio Barreto

S. Paulo, 31 de janeiro de 1921.

*Carta assinada: "Plínio Barreto", datada: "S. Paulo, 31-1-1921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 16,5 x 13,1 cm.*

---

<sup>146</sup> V. nota 1.

<sup>147</sup> Referência a *Os caboclos*.

31-1-1921

VS-C-PB-06

M, me me caro Valtaro! Sti' que  
 un fier tu - o pagar, la t'anda de  
 j'ello de ve un libro o t'ing v'ent'as  
 que un l'armonio o te admira  
 n'el de v'el'as como un'z p'ido a do  
 col'ore no n'p'isito o p'ol'oso  
 n'p'isito que - am'zula alle' c'at'ura  
 p'ur'ea a p'ur' de n'p'isito o l'uido  
 do t'ul'ente v'el'is' per se n'p'isito  
 con'cut de p'arte...

St'ou l'ando o t'ra l'iv'o v'ap'osa -  
 am'le, n' d'it'ad'ura n'le, aq' p'ed'z  
 v'el'oz, un l'uta p'ur' am'le com  
 a am'le de d'iv'and'o de un  
 am'le t'ud'z, p'os'and'o l'iv'o, am'a a n'p'isito  
 com n'p'isito de n'p'isito, n' l'el'ez,

un' v'el'is'.

Le p'arte - me per v'el'is' un' n'p'isito  
 d'iz, de p'ur'is' o de d'iv'and'o v'el'is' p'ur'  
 h'it'ad'ura, un' n'p'isito, de t'ud' n'le  
 p'ur'is'ito, como t'ing a n'le n'p'isito p'ur'  
 p'ur'is' p'ur'is'ito, de n'le n'p'isito a p'is, n'le  
 p'ur'is'ito de un' p'ur'is'ito, de p'ur'is'ito n'le  
 n'le n'le n'le n'le n'le de p'ur'is'ito v'el'is',  
 d'iz, p'ur'is'ito p'ur'is'ito de n'le n'le n'le  
 v'el'is'ito, n'le n'le n'le n'le n'le, n'le  
 n'le n'le n'le n'le n'le de n'le n'le n'le.  
 Le p'ur'is'ito n'le n'le n'le n'le p'ur'  
 n'le n'le n'le n'le n'le de p'ur'is'ito n'le  
 n'le n'le n'le n'le n'le de n'le n'le n'le  
 de n'le n'le n'le n'le n'le n'le, com  
 p'ur'is'ito, n'le n'le n'le de n'le n'le n'le  
 un' n'le n'le n'le n'le n'le n'le n'le,

p'ur'is'ito, l'uta com, un' l'uta n'le  
 t'ud'z, un' p'ur'is'ito de n'le, com t'ud'z n'le  
 p'ur'is'ito, o p'ur'is'ito p'ur'is'ito n'le n'le n'le  
 p'ur'is'ito n'le n'le n'le n'le n'le. P'ur'is'ito  
 o n'le n'le n'le n'le n'le de n'le

Prin' p'ur'is'ito

J. Paulo, 31-1-1921

**29. BARROS, João de<sup>148</sup>. 29 mar. 1921.**

[Lisboa], 29 de março de 1921.

Avenida 5 de outubro, 14.

Meu ilustre Confrade:

Grato à sua [penhorável] oferta de *Os caboclos* – venho dizer-lhe o interesse com que li os seus contos, e o muito que eles me revelaram da alma brasileira. O estilo pitoresco, mas conciso e evocador da sua obra, é admirável.

E toda a psicologia dos seus personagens, dado em traços rápidos, mas profundos, não esquece mais. Não escolho entre os seus contos: li-os todos com o mesmo encanto. Mas a água-forte da “Anna Cabriuvana”<sup>149</sup> talvez me impressionasse mais. Digo: talvez, – porque, mto sinceramente, nenhuma das páginas de *Os caboclos* me deixou indiferente e sem admiração e respeito pelo seu talento.

Fica o seu livro na minha estante modesta, ao lado dos melhores da literatura brasileira. Muito desejaria que não quisesse deixá-lo sozinho, enviando-me as suas obras a publicar.

Com devoção espiritual,

João de Barros.

*Carta assinada: “João de Barros”, datada: “1921. III. 29”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 22 x 14 cm. Envelope: 10,5 x 16 cm.*

---

<sup>148</sup> João de Barros (1881 – 1960), poeta e pedagogo português. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e trabalhou como professor de português e francês. Notório educador, publicou, entre outras obras, *A escola do futuro: notas sobre educação* (1908), *Educação e democracia* (1916). Interessou-se também pelas letras, trabalhando como redator da revista *Mocidade* de 1899 a 1905 e como diretor da *Arte e vida*, de 1904 a 1906. Estudioso da cultura brasileira, dirigiu a revista *Atlântida*, que contava com a colaboração de escritores brasileiros. Sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras a partir de 1917.

<sup>149</sup> Conto pertencente à obra *Os caboclos*.

### 30. BILAC, Olavo. 15 jun. 1897.

Meu caro e ilustre Valdomiro Silveira,

aqui tenho a sua carta de 11, acompanhando as quatro belíssimas laudas de “Enredos”<sup>150</sup>. Eu não sei fazer elogios cara a cara. Mas não estamos neste momento a encarnarmos a pose, portanto dizer-lhe daqui que você tem talento como o diabo que o carregue! No Rio, entre os que escrevem, a publicação dos seus contos tem sido uma verdadeira revelação. Ferreira de Araújo<sup>151</sup>, Netto<sup>152</sup>, Murat<sup>153</sup>, Guimarães Passos<sup>154</sup> são os primeiros a proclamar a surpresa com que viram surgir, de repente, já armado cavalheiro, já senhor de uma feição original e nossa. *O Filhote*<sup>155</sup> (viu?) publicou um conto seu: e disse-me o Araújo que não supunha que nesses cafundós do Rio Pardo se aninhasse um escritor como você.

A *Bruxa*<sup>156</sup> está suspensa por duas ou três semanas. A pobre está sofrendo de anemia. Vamos injetar-lhe sangue novo: e tenho hoje a certeza de que, dentro em breve, há de ela reaparecer restaurada, completamente e radicalmente modificada, para que não esteja mais sujeita a crises desagradáveis. Para não demorar a publicação de “Enredos” (cuja leitura acaba de me deliciar) vou dar hoje o manuscrito a Ferreira de Araújo, para que ele o faça aparecer na 1ª página<sup>157</sup> da *Gazeta*<sup>158</sup>.

<sup>150</sup> Possivelmente o conto “Enredos”, inserido no livro *Lereias* (1945), obra póstuma de Valdomiro Silveira.

<sup>151</sup> José Ferreira de Sousa Araújo (1846 – 1900) atuou, durante 25 anos, na *Gazeta de Notícias*, periódico no qual também colaborou Machado de Assis, na seção “Balas de Estalo”.

<sup>152</sup> Henrique Maximiano Coelho Netto (1864 – 1934), escritor, professor e político, nasceu em Caxias, Maranhão, radicado no Rio de Janeiro. Conviveu com o grupo de literatos do qual faziam parte Olavo Bilac, Guimarães Passos e Luiz Murat. Membro da Academia Brasileira de Letras. Atuou como deputado federal pelo Maranhão, de 1909 a 1917. Em 1893, publicou seu primeiro romance *A Capital Federal*, no qual caracterizou de maneira pitoresca a sociedade carioca. Coelho Netto publicou extensa obra, passando pelos mais diferentes gêneros literários. Entre suas produções, contam-se *Miragem* (1895), *Sertão* (1896), *A conquista* (1899), *Rei Negro* (1914) e *O polvo* (1924).

<sup>153</sup> Luís Morton Barreto Murat (1861 – 1929) nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se advogado. Como jornalista, é um dos fundadores de *Vida Moderna*, ao lado de Artur Azevedo. Publicou *Quatro poemas* (1885), *Poesias* (1892) e *Ritmos e ideias* (1920).

<sup>154</sup> Sebastião Cícero dos Guimarães Passos (1867 – 1909), poeta parnasiano nascido em Maceió, Alagoas. Em 1896 ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras. Difundiu crônicas e versos na *Gazeta da Tarde* e em *A Semana*. Publicou, em 1897, com Olavo Bilac, a obra humorística *Pimentões: rimas d’O Filhote*.

<sup>155</sup> Trata-se do livro humorístico denominado *Pimentões: rimas d’O Filhote* (1897) de Olavo Bilac, publicado pela Editora Laemmert, adquirida, em 1909, pela Editora Francisco Alves.

<sup>156</sup> Revista dirigida por Olavo Bilac (1896 – 1897). De acordo com pesquisas de Fernanda Munhão Martins Silvestre em *As crônicas de Bilac nas revistas ilustradas A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897), a revista possuía um estilo gráfico gótico, ilustrado, com gravuras de diabos e bruxos, por Julião Machado. Destacava-se também pela agressividade de seus textos.

<sup>157</sup> De acordo com o levantamento de publicações de Valdomiro Silveira em periódicos, realizado por Carmen Lydia de Souza Dias, o escritor difundiu na *Gazeta de Notícias* apenas o conto “Bocó-de-Mola”, em 1º de junho de 1897. Em *A Bruxa*, publicou “Seu Doutor”, em 13 de setembro de 1894.

<sup>158</sup> Jornal fundado em 1875 no Rio de Janeiro, por Ferreira de Araújo. Trouxe elementos inovadores à imprensa, como as entrevistas, caricaturas e clichês tipográficos. Começou, em 1880, a estampar folhetins, entre os quais traduções francesas e *O Ateneu*, de Raul Pompeia.

*O Filhote*, creio eu, ainda não recebe assinaturas. Seja como for, vou hoje mesmo providenciar para que lhe mandem, semanalmente, o pacote dos números aparecidos.

Perdoe-me a grosseria com que tenho deixado de lhe escrever sempre, agradecendo-lhe o concurso que tem prestado à prosperidade d'A *Bruxa*. Mas saiba que sou o mais acabado preguiçoso que o céu cobre. E creia, meu caro Valdomiro, na admiração sincera e na profunda simpatia do seu muito dedicado

Olavo Bilac

15 de junho de 1897.

*Carta assinada: "Olavo Bilac", datada: "15. junho. 1897". Autógrafo a tinta vermelha; papel creme; 1 folha; timbrado: "OB"; 18 x 11,5 cm.*

### **31. BILAC, Olavo. 29 jun. 1917.**

35, BARÃO DE ITAMBY

TELEPHONE – 1330 – SUL

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1917.

Valdomiro amigo – não acho a frase inconveniente, nem perigosa para a minha mortalidade e para minha glória. A minha mortalidade (que acabará no jazigo perpétuo de minha família no cemitério de São João Baptista) e a minha glória (que é tão barata como a que demora entre a Lapa e o Catete) não hão de diminuir, com a confissão clara e pública da prostituição do meu talento. O meu talento! O talento ático pesava duas mil quinhentas e noventa e duas gramas: o meu vale menos do que um metro de canteiro de grama...

A frase é tola, como a maior porção das que tenho dito e escrito. Mais um dislate meu que importa ao mundo... e à minha memória? Não me interessa que saia ou não saia essa cousa na fachada do templo que Fontes arquiteta... Mas não gosto de epígrafes. Os Partenões não têm tabuleta. Os versos do Fontes, amassados de ouro puro, não precisam de "placa" de pechisbeque. Fora o dístico tolo!

Beijos a esse amado e esquivo Fontes.

E fraternais abraços, a você ao Agenor, do velho e muito amigo,



**Bilac.**

*Carta assinada “Bilac”, datada: “Rio. 29-VI-1917.”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; timbrado: “55, E. Barão de Itamby [...]”; 17 x 13,5 cm.*

**32. CAJADO, Sílvia Mendes<sup>159</sup>. 1º mai. 1928.**

São Paulo, 1º de maio de 1928.

73, Av. Paulista.

Ilmo. Sr. Dr.

Valdomiro Silveira,

não tenho o prazer de conhecê-lo pessoalmente, mas conheço-o muito de nome, pois meu marido<sup>160</sup> tem-se na conta dos seus amigos.

Tomo a liberdade de enviar-lhe o meu trabalho<sup>161</sup> pedindo-lhe que o leia e, caso julgue bom, leitura proveitosa e agradável, a bondade de dizer algo a respeito pela imprensa paulista.

O livro está, há três dias apenas, distribuído pelas livrarias de S. Paulo, a imprensa paulistana ainda não se manifestou. O dr. Waldomiro, depois de lido o livro, quererá dizer-me sua impressão e também se aconselha que mande alguns exemplares para as livrarias de Santos?

Essas confissões e contos tiveram grande aceitação em França e mesmo no estrangeiro, como o sr. poderá ver pelos trechos de críticas que aí vão.<sup>162</sup>

Meu marido muito se recomenda e eu, desde já agradecida, peço-lhe desculpas de tamanha liberdade.

Sílvia Mendes Cajado.

*Carta assinada “Sílvia Mendes Cajado”, datada: “São Paulo, 1 – 5 - 28.”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 17 x 13,6 cm.*

<sup>159</sup> Sílvia Mendes Cajado (1889 – 1953), jornalista, tradutora e escritora nascida em Sorocaba, São Paulo. Fundou com seu filho, Otávio Mendes Cajado, a *Revista Hoje*. Traduziu obras de Dashiell Hammett, Honoré de Balzac e Eugene O’Neill. Publicou *Desvio*, pela Livraria Editora Martins, em 1951.

<sup>160</sup> Antônio Cajado de Lemos.

<sup>161</sup> Trata-se de *Palavras de um redivivo*, tradução do livro de Jacques d’Arnoux, tematizando a primeira guerra mundial. Em 5 de maio de 1928, Nemésio, publica no *Correio Paulistano*, na coluna De Toda Parte resenha a obra, referindo-se à tradutora como “intelectual da raça, que tanto honra a inteligência paulista”. Para o crítico, a tradução “guardando a bravura, o calor, o entusiasmo do original; seguindo-lhe todas as sutilezas; evocando o acendrado patriotismo das suas páginas e reproduzindo com verdade e elegância, as verdadeiras e elegantes sensações

<sup>162</sup> A pesquisa não localizou os trechos mencionados pela tradutora

**33. CARDONA, Ibrantina<sup>163</sup>. 12 abr. 1938.**

IBRANTINA CARDONA  
SÓCIA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DE S. PAULO,  
MEMBRO DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS DE NITERÓI,  
SÓCIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES DE CAMPINAS  
E DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE IMPRENSA DE S. PAULO

Mogi Mirim, 12 de abril de 1938.

Ao ilustre Patrício – Dr. Valdomiro Silveira e à nossa boa amiga e talentosa intelectual – D. Isabel – o meu abraço amigo com os votos que faço pela felicidade e a vida próspera do ilustre casal e da sua estimável família a quem me recomendo com simpatia e estima.

Remeto a inclusa poesia<sup>164</sup> de minha autoria – “Martins Fontes” – transcrita de uma revista literária em que foi publicada, cujo os bons amigos incluirão no livro a ser publicado *Em memória de Martins Fontes*<sup>165</sup>.

Muito grata e sempre amiga e adm<sup>a</sup>

I. Cardona.

*Bilhete assinado: “I. Cardona”; datada: “Mogi Mirim, 12 de abril de 1938”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Ibrantina Cardona [...]”; 6 x 10 cm.*

---

<sup>163</sup> Ibrantina de Oliveira Cardona (1868 – 1956), poeta carioca. Publicou, entre outras obras, *Heptacórdio* (1922) e *Cosmos* (1951).

<sup>164</sup> O livro mencionado não acolheu o poema de Ibrantina. Reuniu textos de Assis Chateaubriand, Epiteto Fontes, Filinto de Almeida, Heitor de Moraes, João Luso, Menotti Del Picchia, Oscar Lopes e Plínio Barreto.

<sup>165</sup> Segundo o *Correio Paulistano*, em 18 de março de 1938, para celebrar a memória de Martins Fontes, falecido em 1937, organizou-se, entre outras homenagens, a publicação de dois livros: *Em louvor de Martins Fontes*, de crítica literária, e *Em memória de Martins Fontes* (1938), escritos selecionados sobre o autor. Valdomiro e seu irmão Agenor fizeram parte da comissão organizadora do programa. Além da edição dos livros, ocorreram a inauguração de monumento em sua homenagem, no Jardim do Anhangabaú, e a impressão de mil retratos para oferecer a admiradores.

**34. CARDOSO, Vicente Licínio<sup>166</sup>. 14 out. 1927.**

Rio, 14 de outubro de 1927.

Meu caro Valdomiro Silveira.

É com muito prazer q. venho trazer os meus agradecimentos pela bondade de s/ carta de 5 deste. Outrossim pelos livros da H. Taine<sup>167</sup> q. tanto me interessam.

Junto envio um retalho de jornal<sup>168</sup>, q. dirá da solenidade da posse. Faço isso p<sup>a</sup> q. veja o m/ caro e ilustre amigo a coragem com q. defendi, entre empecilhos, a m/ originalidade de haver fechado uma vez um rendoso escritório de arquiteto por uma humilde sala de escritor em país de analfabetos. Creio, pela honestidade da empreitada, q. foi a melhor cousa q. fiz na vida.

A m/ estadia em S. Paulo foi mto pequena. Do contrário o “pulo” a Santos seria dado. O prazer seria todo meu, pois, apesar de recente, conto a s/ amizade como das melhores que possuo. Demais a figura de João Silveira<sup>169</sup> ficou-me de todo gravada na memória. Penso, cada vez mais, que foi das figuras mais originalmente sadias q. o Brasil tem produzido. E se não fosse muito pedir, seria candidato a um retrato q. sinto ficaria muito bom ao lado de m/ exemplos da [Síntese].

O meu artigo<sup>170</sup> – “leigo por leigo” – haverá de sair. Não pense q. me esqueci. Não o poderia fazer, tal o encanto q. me deu aquele livro. Seria mesmo um dos primeiros artigos... se tivesse perdido a partida do concurso, antes de emigrar por 3 anos p/ a Alemanha.

Agora, ocupado com a função de professor, adio apenas o m/ desejo.

Um grande abraço

do s/ mto ad<sup>o</sup>r am<sup>o</sup> obr<sup>o</sup>.

Vicente L. Cardoso

(68/<sup>2o</sup>. Assembleia, Rio)

---

<sup>166</sup> Vicente Licínio Cardoso (1889 – 1931), escritor, jornalista e engenheiro carioca. Formou-se pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1912, mas dedicou-se também às humanidades. Publicou *Arquitetura norte-americana* (1916), *Prefácio à filosofia da arte* (1918) *Vultos e ideias* (1923) e *Afirmções e comentários* (1925). O ensaio “Máquinas e sociedades (esboço de uma síntese)” encontra-se nas páginas de *Pensamentos brasileiros*. (Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924). Cf. tb. João Marcelo Ehlert Maia: <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/autores/24/cardoso-vicente-licinio>

<sup>167</sup> Referência a Hippolyte Adolphe Taine (1828 – 1893), filósofo e historiador francês filiado a Spinoza e Hegel. Publicou, entre outros livros, *De Personis Platonis* (1853), *Philosophie de l’art* (1882), *L’Ancien régime* (1875) e *Le régime moderne* (1893).

<sup>168</sup> Recorte jornalístico, anexado à carta, noticiando a posse de Cardoso como professor da Escola Politécnica.

<sup>169</sup> Pai de Valdomiro Silveira.

<sup>170</sup> A pesquisa não localizou o artigo mencionado.

*Carta assinada: “Vicente L. Cardoso”, datada: “Rio, 14/X/1927”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folhs; 27 x 20,5 cm. Envelope: 18,6 x 12 cm., carimbos: “14 OUT – [ilegível]”, “SANTOS – 18 OUT – [19 HORAS]”.*

**35. CARUSO, Vítor<sup>171</sup>. Out. 1935.**

## PAINEL

A estrada foge, em voltas serpentinadas,  
Na curva cor de tório do horizonte.  
Aqui, há o mesmo riozinho; a ponte,  
Ali; adiante, as tristes casuarinas.

Expira o dia... o Sol cansado desce...  
Na velha igreja, na igreja além  
Mesto bimbalha o sino, É a reza. Tem  
O sino a mesma voz que me entenece.

Contemplo a estrada e a ponte; o riozinho  
Olho e ouço-o em seu murmúrio eterno.  
Dize, quem de nós dois, ribeiro terno,  
Tem mais cuidado e vive mais sozinho...

Eis o bosque: nos claros da folhagem  
Frouxos raios de sol espiam, tardos.  
Há um perfume de rosas e de nardos;  
Rezas de ninho e canções de aragem.

Medito: como parecia ledado  
Antigamente este retiro. E hoje?  
Quando entro aqui, todo o prazer me foge...  
O spleen me assalta e sinto-me com medo.

---

<sup>171</sup> Vítor Caruso (1888 - ?), escritor e jornalista paulista. Até os dezoito anos, Caruso trabalhou como ouvires e, posteriormente, envolveu-se com as publicações na imprensa, ingressando, em 1908, no *Diário da Tarde* e no *Correio de Campinas*. Em 1916, funda a revista *Silhueta*. Posteriormente, torna-se funcionário público até 1945. Escreveu também para *O Estado de S. Paulo* e *Diário de São Paulo*. Algumas publicações: *Para ler no trem* (1911), *Versos líricos* (1911) e *Uma luz nas trevas* (1930).

Mas, já desceu o sol. Há pela estrada  
 Dos grilos e das rãs a serenata  
 E a lua cheia o seu olhar de prata  
 Timidamente entreabre, enamorada.

Vítor Caruso – 1915.

Sr. Valdomiro Silveira.

Meu grande amigo e mestre.

Nunca pensei eu que fosse o destino tão amável quanto – vá lá – justo para comigo. Eis porque: há vinte anos li o seu madrigal, essa esplendente gema do tesouro do seu intelecto que aqui vai, copiado.

Tal influxo exerceu em mim sua leitura que não me contive e escrevi este painel. Há nele reflexos do seu madrigal. E isso me satisfaz e me leva àquela afirmativa inicial: o destino foi amável e justo para comigo. Eu admirava Valdomiro Silveira com fanatismo que não explica. Vinte anos depois é essa alma de artista, esse coração que é um mundo de bondade quem se beneficia, me protege e faz com que dele me aproxime pelo resto da vida, pela gratidão, eu que já estava ligado pela simpatia. O destino não foi amável e justo para comigo?

Vítor Caruso, outubro de 1935.

*Carta assinada: "Vitor Caruso", datada: "10/1935" Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; 31,5 x 21,6 cm. Envelope: 13 x 26 cm.*

**36. CARUSO, Vítor. 28 nov. 1936.**

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
 SÃO PAULO

São Paulo, 28 de novembro de 1936.

Meu grande amigo e mestre dr. Valdomiro:

Dei à imprensa, há dias, minha novela, isso depois duma cuidadosa leitura que me depararam inúmeras imperfeições. Nunca tive paciência para rever e refundir trabalhos meus; mas, desta vez, me portei, no caso, com uma paciência beneditina e cuido haver melhorado o escrito. O próprio título, muito colegial, passou a ser – *Os filhos de outros pais...*<sup>172</sup>

Melhor, não acha?

Agora, é tempo de falar do Prefácio.

Com a lealdade, que é um de seus inconfundíveis dotes, dir-me-á se não lhe sobra tempo, agora, para isso. Não ficarei, em absoluto, magoado, desde que o sr. me faça um prefácio para o livro de versos *Colheitas de sonhos*<sup>173</sup>, a sair em junho ou julho.

Deixo isso a seu cuidado<sup>174</sup>.

Sei que tem trabalhado muito para recuperar o que a Assembleia Legislativa lhe tirou nos afanosos dias das “redações finas”.

Aceite um apertado abraço de quem lhe está preso pela gentileza e simpatia,

Vítor Caruso.

Se encontrar o Martins Fontes, abrace-o por mim.

*Carta assinada: “Vitor Caruso”, datada: “São Paulo, 28-11-36” Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; timbrado: “Assembleia Legislativa S. Paulo”; 19,5 x 16 cm.*

### 37. CARUSO, Vítor. [1937].<sup>175</sup>

Dr. Valdomiro, meu caro amigo e mestre.

Neste instante, recebo, com alvoroçada alegria, seu *Mixuangos*: e, por um capricho telepático, que só o ímã da amizade explica, mal abro o volume, o telefone [tintina], Era o Azzi<sup>176</sup>! Comunicava-me o recebimento de *Mixuangos* e desejava saber se o sr. estava em Santos, ou aqui, para lhe agradecer a dádiva.

Veja, mestre, como a afeição entrelaça, com os fios invisíveis da coincidência, as almas que se querem. Porque, justamente agora, ao receber seu livro, haveria Azzi de me telefonar?

<sup>172</sup> Novela humorística de Vítor Caruso, publicada em 1936.

<sup>173</sup> Livro de poemas publicado em 1940.

<sup>174</sup> Essa obra não traz prefácio de Valdomiro Silveira.

<sup>175</sup> Data presumida pela D. Júnia Silveira Gonçalves, no verso do envelope.

<sup>176</sup> Francisco Azzi, amigo de Valdomiro Silveira. Em seu arquivo há inúmeras cartas de Azzi.



Certo é que *Mixuangos* – perfume dessa sua alma sempre bela e sempre moça – nos fez vibrar, simultaneamente a mim e ao Azzi.

O sr. meu querido mestre, com o seu novo livro, vem prestar um serviço inestimável às nossas letras hodiernas, tão mal joeiradas da “literatura de carregação”.

Um livro de Valdomiro Silveira é um sucesso infalível, é um documento de que as letras ainda não morreram, e, que ao contrário, vibram e esplendem na inteligência solar do autor de *Caboclos*.

Vou entregar-me, hoje mesmo, à dádiva da leitura de *Mixuangos* e, então, com o espírito referto de impressões lindas, lhe escreverei<sup>177</sup> relatando o bem que essa leitura me fez.

Abraços do

Amigo e discípulo

Vítor Caruso.

*Carta assinada: “Vitor Caruso”, datada: “[1937]” Autógrafo a tinta azul; papel creme; 3 folhas; 22 x 16 cm. Envelope: 9,5 x 17 cm.*

---

<sup>177</sup> Não foi encontrada essa outra carta de Caruso.

### 38. COELHO NETTO, Henrique<sup>178</sup>. 25 fev. 1917.

Rio, 25 de fevereiro de 1917.

Meu caro Waldomiro,

aqui vai, em linhas rápidas, a explicação que pedes<sup>179</sup>.

*O Rei Negro*<sup>180</sup> é um livro substancialmente brasileiro, escrito em português velho, denso, referido como as nossas brenhas e povoado de seres elementares. Há nele pesada bruteza como nas construções primitivas, feitas de macéria. Não o compus para recâmaras galantes. Um brutamontes, do porte de Macambira<sup>181</sup>, caminhando a passo rude, lustroso de suor e tresandando à catinga, era mesmo para causar espanto e nojo aos espíritos curiosos, que se deleitam nas leituras francesas ou nas imitações relíssimas em que se pavoneiam certos des[val]gadores sabidos das didascálicas socráticas.

O “negro” irrompeu dos matos crespos como um hamadrias<sup>182</sup> e passou nas letras à maneira de um fenômeno. Não me surpreendeu tal êxito e o mesmo espero para *Os bárbaros* e também para *Terra virgem*<sup>183</sup>, apesar da florescência poética do último. Felizmente no palmo de terra que Deus me deu cultivo um pouco de tudo, para todos os gostos: tenho canteiros de flores e talhões onde se entouxam repolhos. Mas para meu gozo, lá bem no fundo, na encosta da montanha, cresce, ramalhudo e sonoro, espesso arvoredado, onde vou buscar sempre que me sinto com forças, um tronco rijo, ressumando seiva, e nele falquejo uma figura robusta. Ando agora a detorar um jequitibá formidável. A obra será truculenta. E ficarei contente e bem compensado do trabalho, que vai ser árduo, se souber que dois ou três leitores do teu valor examinaram a brutalidade. Estamos ainda no período de “titanismo” e quando deviam todos desbravar a espessura, mais viçosa do que a do *Ramayana*, mostrando-se ao mundo assim como aparecem a Israel os emissários que foram a Canaã<sup>184</sup>, andam por aqui os pisa-flores literários, d’olhos languidamente revirados falando em falsetes, besuntados de carmim e bistre, com raminhos de avenca na costura dos casaquinhos cuidados. Eu sou bárbaro e escrevo a meu modo, sem me

---

<sup>178</sup> V. nota 152.

<sup>179</sup> Em 21 de fevereiro de 1917, Waldomiro Silveira escreve a Coelho Netto, transmitindo suas impressões sobre *Rei Negro*. Questiona o silêncio da crítica, já que considerava a obra “um dos mais notáveis romances escritos no Brasil”. Cf. Nos *Anais da Biblioteca Nacional* (vol. 78, 1958, p. 299-300).

<sup>180</sup> COELHO, NETTO. *Rei Negro*. Porto: Livraria Chardron, 1914.

<sup>181</sup> Personagem principal de *O Rei Negro*, escravo que se revolta contra seu senhor.

<sup>182</sup> Espécie de borboleta (*Hamadrya amphionome*) que possui voo errático com som de estalidos.

<sup>183</sup> A pesquisa não localizou informações sobre *Os bárbaros* e *Terra virgem*.

<sup>184</sup> Região que hoje corresponde ao território do Estado de Israel. De acordo com a Bíblia, essa região era a prometida de Deus a seus seguidores.

preocupar com o “sucesso”, tão requestado por esses pelintraços, [gabolas] que se onanizam em elogios em todas as colunas que se encostam. Assim, com tal feitio, não posso agradar. Do Fontes tenho lido... o silêncio. Que é feito desse esplendor, que me deslumbrava e que me deixou à escuras? Agradeço-te as felicitações. Começa a anoitecer, meu amigo. Terei eu luar na noite que vem vindo? Enfim...

Até breve! O meu monstro lá irá ter, levando notícias minhas. Saudades ao quieto Zezinho, Teu, com o coração agradecido.

Coelho Netto.

*Carta assinada: “Coelho Netto”, datada: “Rio, 25 de Fev. 1917.”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “CN”; 25,7 x 20,2 cm. Envelope: 11 x 14,6 cm., carimbo: “SUC. D. CAXIAS – RIO – [ilegível]”.*

**39. CORREIA, Roberto<sup>185</sup>. 9 set. 1937.**

PALACE HOTEL  
ENDEREÇO TELEGRÁFICO “PALACIO”  
TELEFONES  
PALACE 22-1967  
ANEXO 22-5196  
Avenida Rio Branco

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1937.

Meu caro Valdomiro:

Chegando, hoje, a esta cidade, depois de uma ausência de quase dois meses, encontrei no hotel onde continuo a hospedar-me o volume de *Mixuangos*, que você teve a bondade de ofertar-me. Não quero retardar o agradecimento que lhe devo por este ato de tão grande gentileza. A sua lembrança encheu-me de alegria e é com vivo reconhecimento que lh’a agradeço.

Vou ler *Mixuangos*, vagorosamente, como quem aprecia um licor raro e delicioso. Tenho a certeza de encontrar ali o mesmo encanto que relembro dos seus livros anteriores. A sua arte, sóbria e original, não envelhece. Cada nova criação que lhe sai das mãos parece trazer o selo de uma beleza inédita e mais perfeita.

Queira, pois, aceitar, meu caro Valdomiro, os meus sinceros agradecimentos e, com eles, o preito da minha constante amizade e invariável admiração.

Roberto Correia.

*Carta assinada: “Roberto Correia”; datada: “Rio de Janeiro, 9 de setembro, 1937.” Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Palace Hotel [...]”; 26,5 x 20,5 cm. Envelope: 10,2 x 15 cm., carimbo cortado.*

---

<sup>185</sup> Roberto Correia (1876 – 1941), escritor baiano. Trabalhou como tipógrafo no *Jornal do Brasil* e *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro. Em 1901, funda a sociedade literária Nova Cruzada. Quando retorna para Bahia, sua terra natal, trabalha como professor até 1937. O escritor é conhecido por suas poesias satíricas. Algumas obras: *Partituras* (1903), *Leitura para crianças* (1915) e *Dindinha lua* (1933).

**40. COUTO, Ribeiro<sup>186</sup>. [17 jul. 1917].<sup>187</sup>**

Meu amigo e mestre

Valdomiro Silveira

Saudações.

Há de me perdoar se apenas hoje<sup>188</sup> lhe mando as minhas felicitações pela passagem do seu aniversário natalício. Há de me perdoar. Levo agora uma vida atribulada, que raros instantes me deixa para as manifestações serenas da amizade. Domingo estive em Santos, mas, não tive tempo de ir visitá-lo. Em compensação, mandei-lhe um abraço pelo Octacílio<sup>189</sup>. Queira portanto receber, com a timidez da minha desculpa, o ardor jovem dos meus votos de felicidade.

Com mais outro abraço,

Couto.

*Carta assinada: “Couto”, sem data. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27,5 x 21 cm. Envelope: 13 x 10 cm.*

**41. COUTO, Ribeiro. 28 dez. 1917.**

São Paulo, 28 de dezembro de 1917.

Valdomiro Silveira incomparável:

Escrevo-lhe para desafogar-me da emoção que me produziu o seu conto “Saudades do Natal”<sup>190</sup>, publicado pelo *Estadinho* de 24<sup>191</sup>. Não digo que é estupendo por saber que esse adjetivo, desoriginalizado pelo uso abusivo, lhe faz mal aos nervos. Entretanto, ouça isto, pelo

---

<sup>186</sup> Rui Ribeiro Couto (1898 – 1963), poeta e advogado santista, ligado ao movimento modernista. Iniciou sua trajetória literária aos 15 anos, publicando versos em jornais de Santos, onde também venceu os Jogos Florais organizados por Valdomiro Silveira e Martins Fontes. Em 1934, entra para a Academia Brasileira de Letras. Em 1958, na França, conquista o prêmio “Les Amitiés Françaises”, com a obra *Le jour est long*. Publicou, entre outras obras, *O jardim das confidências* (1921), *Canções de amor* (1930) e *Largo da matriz* (1940).

<sup>187</sup> Data atestada, no envelope da carta, por Junia Silveira Gonçalves.

<sup>188</sup> No documento, a palavra substitui “agora”, rasurada.

<sup>189</sup> Octacílio Gomes (1893 - ?), jornalista. Um dos vencedores dos Jogos Florais, em Santos, na categoria poesias satíricas. Sua trajetória jornalística engloba participações em *A Vida Moderna* e *D. Xicote*.

<sup>190</sup> Conto de Valdomiro Silveira, publicado posteriormente em *Os caboclos* (1920).

<sup>191</sup> A pesquisa consultou, no acervo do *O Estado de S. Paulo*, as edições de 24 de dezembro de 1915, 1916 e 1917. O conto não aparece estampado nessas edições.

menos: juro que não conheço em nossa literatura, imprevisto como aquele seu “tá chorando” Tocou-me profundamente a sensibilidade. O sr. soube de tal maneira unir as frases, as perguntas, que aquele – “tá chorando” – foi como o fecho de um colar, fecho de ouro, fecho luzente como uma lágrima<sup>192</sup>.

O sr., meu amigo, – como o Moisés do poema cristão – faz e sabe fazer jorrar com a<sup>193</sup> varinha de condão do seu estilo, e por um simples toque em nossas almas de pedra, a água clara, a água pura, a água divinamente boa da nossa emoção... Obrigados. Albertino Moreira<sup>194</sup>, um “novo” que escreve contos regionais, e dá-me a honra de ser meu companheiro de quarto, manda-lhe um abraço comovido, de discípulo e admirador.

Eu faço vaga ideia do que sejam *Os caboclos*. Uma vaga ideia. Uma ideia muito vaga...

Estas cousas todas, que eu não tenho jeito de lhe dizer de viva-voz (porque continua o sr. a me aparecer, por um fenômeno vulgar de psicologia, como o professor de Direito Comercial e não como Valdomiro Silveira, uma das imagens da minha Notre Dame interior), estas cousas que só lhe sei escrever. E é tudo sincero. Olhe: não fiz rascunho...

X

X X

Boas festas. E os meus votos de felicidade se estendem a toda sua santa família.

X

X X

Parabéns pelo golpe que o sr. vibrou no “[belmirismo]”.

X

X X

Amanhã devo ir à casa de um doente, onde mora também um rapaz que se curou da asma com umas tais ervas, no Paraná. Vim tomar nota do nome do medicamento, para lhe enviar as informações todas. Quero que o sr. fique bem.

X

X X

<sup>192</sup> O conto narra a história do casal Valério e Doninha, que, por nada, se separaram. Em meio às festividades da Missa do Galo, Valério começa a se lembrar de vários momentos que passou com sua amada, emocionando-se com a recordação de uma noite de Natal: “A Doninha acercou-se do Valério, amorosa e comovida. Houve curiosidade e perguntas, sobre o que era, sobre o que não era: e houve logo respostas: - É o Valério! É o Valério! Risos abafados, segredar confuso e rápido: - Mas o que é que aconteceu? – ‘tá chorando...’ (1962, p. 116).

<sup>193</sup> O artigo “o”, riscado, foi substituído por “a”.

<sup>194</sup> Albertino Moreira (1892 - ?), advogado e escritor. Formou-se, em 1920, em Direito, em São Paulo. Atuou como redator do jornal santista *A Tribuna*. Algumas de suas obras: *Voo nupcial* (1920) e *Boca pio* (1955).

Não acha que esta carta está muito extensa? Pois então, ponto final. Ainda uma nota: qualquer dia lhe mandarei as minhas impressões sobre o Alarico<sup>195</sup>. Ando embasbacado com tanta cultura e tanta bondade.

Um abraço infinito de seu

Ribeiro Couto.

Ainda um minuto:

No *Correio Paulistano* vou muito bem, porque o João espontânea e generosamente se está interessando por mim. R.

*Carta assinada: "Ribeiro Couto", datada: "S. Paulo, 18-12-17" Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 27,5 x 21 cm.*

---

<sup>195</sup> Alarico Silveira (1875 – 1943), irmão mais novo de Valdomiro Silveira. Em 1920, foi Secretário do Interior de São Paulo no mandato de Washington Luís e, posteriormente, secretário da Presidência da República.

#### 42. CUNHA, Euclides da. 12 out. 1903<sup>196</sup>.

Lorena, 12 de outubro de 1903.

Meu caro Valdomiro,

A tua carta ontem, li-a com a mágoa irremediável de um remorso; e foi com as mãos ambas sobre o peito, recalçando um contrito mea-culpa, que a reli. Depois, amaldiçoei rijamente a minha alma desconfiada de caboclo; e lamentei que o meu arbúnculo genealógico demasiado exíguo não me permita conhecer o desajeitado tapuia ancestral que me presenteou por atavismo com essa instabilidade de ânimo – para fulminá-lo a zaragunchadas de epigramas... Porque é exato meu velho amigo, é bem exato que andei por aí a remascar cavilosamente não sei quantos desapontamentos – e a imaginar referências afrontosas de fazer rir as pedras! – do mesmo passo que envesgava para a tua Tebaida de Casa Branca um sanguíneo olhar zanaga de amaríssimo arrufo!... Conheces a história, pelo Escobar. Felizmente este nosso excelente companheiro, este vosso incorruptível irmão mais velho, sabe mtº bem, e já t'º revelou talvez, que o motivo essencial da zanga residia desculpavelmente nas exigências de uma velha estima e de uma grande admiração. Conto, por isto, com o teu perdão; e, de[be]lados<sup>197</sup> os moinhos de vento da nossa (nossa não, minha!) briga adoravelmente quixotesca, posso travar contigo as relações antigas com o que só tenho a lucrar, e muito.

Qtº à Academia... um jornal do Rio afirmou, lisonjeando-me imensamente, que eu sou o que há de menos acadêmico neste mundo. Falou realmente, verdade. Dificilmente respirarei no meio todo convencional, e rigorosamente dosado e medido, que forma a vida artificial de qualquer Academia. Tenho arestas, e pontas, e ressaltos, e falhas e doudas ondulações revolucionárias, que jamais se encherão e se amansarão (aí vai no tonitroante da frase um exemplo!). Mas (agora me prendo ao fio de linha de um motivo fragílimo) fui candidato porque, na indiferença faquiriana da nossa gente pelas nossas letras, – a Academia Brasileira é um centro de arregimentação e de resistência. Sou um convencido da sua necessidade e da sua oportunidade. Tanto que já prefiguro futuros companheiros, pelos quais espero quebrar todas as lanças; você e o Vicente de Carvalho<sup>198</sup>. Tomo tão a peito a [empresa], que faço o máximo

---

<sup>196</sup> Trata-se de transcrição de carta de Euclides da Cunha, possivelmente realizada por Valdomiro Silveira. O documento original não se encontra preservado no Fundo Valdomiro Silveira, no IEB-USP. A carta de Euclides guarda relações arquivísticas com a missiva de Valdomiro dirigida a Plínio Barreto em 2 de maio de 1938 (cf. Correspondência Ativa, carta 1, na Seleta).

<sup>197</sup> Na carta: “delados”.

<sup>198</sup> Vicente Augusto de Carvalho (1866 – 1924), poeta nascido em Santos. Trabalhou, como Valdomiro Silveira, no escritório de advocacia de Martim Francisco. Em 1909, entrou para a Academia Brasileira de Letras, mas não



empenho na publicação do teu primeiro livro. Entendo que deves publicá-lo sem demora, tão seguro estou de um sucesso franco, principalmente se resumires aos diálogos o dizer sertanejo, e deixares livre e mondado nas narrativas o vernáculo<sup>199</sup>, que manejas com tão raro brilho.

É o velho conselho que não me cansarei de te dar.

Responda-me, e diga-me algo sobre este último ponto.

Recomenda-me mtº ao Dr. João Silveira<sup>200</sup>, transmite ao Agenor um parabém pela admirável restauração que li na *Paulópolis*<sup>201</sup>; e acredita sempre no teu

Euclides da Cunha.

P.S. – Não tenho notícias do Escobar. Manda-m’as também, se as tiveres. Marcamos, ele e eu, um encontro aqui. Mas fui chamado a S. Paulo. Desencontramo-nos. Aguardava uma carta dele que me orientasse sobre o novo paradeiro; mas até agora, nada.

*Cópia de carta assinada: “Euclides da Cunha”, datada: “Lorena, 12-10-903”. Datiloscrito fita preta; papel verde; 1 folha; 32 x 21,5 cm.*

---

chegou a tomar posse por não prestar homenagens ao seu antecessor Arthur Azevedo. Foi membro da Academia Paulista de Letras. Algumas de suas obras: *Ardentias* (1885), *Relicário* (1888), *Rosa de amor* (1901), *Poemas e canções* (1909) e *A voz do sino* (1916).

<sup>199</sup> Técnica narrativa efetivamente adotada por Valdomiro Silveira. Apenas em *Lereias* (1945) encontra-se o próprio caipira como narrador.

<sup>200</sup> João Batista da Silveira, pai de Valdomiro Silveira.

<sup>201</sup> Revista *Paulópolis, artes, ciências e letras*, lançada em 1903. Teve como redatores Horácio Rodrigues e Veiga Miranda.

**43. DUARTE, Presciliana<sup>202</sup>. 26 fev. 1921.**

Ilmo. Sr. Dr. Valdomiro Silveira.

Ao ler – há tanto tempo já! – os seus primeiros contos, na imprensa de S. Paulo, senti o meu coração dilatar-se e respirei a plenos pulmões... Era um passado inteiro que revivia a meus olhos, a infância que voltava, a certeza de que uma arte nova, espontânea, sentida, se havia iniciado em nossa Pátria! Vieram em seguida suas belíssimas crônicas, e depois foi o anseio em que fiquei para ver sua obra em livro e coroada. Tardou tanto e veio tão linda! “Constância” e “Avinha Má”, esses dois contos só por si já bastariam para consagrar seu nome e encerram mais em sua profunda psicologia do que muitos e estirados romances que andam por aí a correr mundo!

E “Velha dor”, que parece um desdobramento às tintas vivas e seguras do “Desespero de amor”:

“Quando um home da minha casta resolveu de verdade querer uma dona, seja ela quem for, não hai nada que possa co’ele; ele é fraco p’ra ela, mas porém é forte de mais contra os outros, contra tudo.”

“Camunhengue” fez-me reviver o doloroso quadro de um caso ocorrido com um dos cento e tantos caboclos compadres de meu Pai. Muitos veem e sentem aquilo que só os privilegiados sabem fixar e traduzir para arrancar lágrimas e aplausos!

Li e reli o seu livro magistral e, se pudesse, fá-lo-ia ler em voz alta ao nosso povo, procurando assim despertar-lhe o amor às letras, com a compreensão de que num livro pequenino pode estar concretizada a sua vida, com a sua linguagem os seus amores e os seus sofrimentos; e vê-lo-ia, talvez, bater palmas e dar uma risada gostosa, quando soassem as últimas palavras de “Por mexericos”...<sup>203</sup>

Meus entusiásticos parabéns, extensivos à sua Consorte e minha destinada amiga D. Isabel, e os protestos de meu sincero reconhecimento.

Presciliana Duarte de Almeida.

Lençóis, 26 de fevereiro de 1921.

---

<sup>202</sup> Presciliana Duarte de Almeida (1867 – 1944), escritora mineira, publicou obras didáticas, livros infantis e poesia. Em 1897, fundou *A Mensageira*, considerada a primeira revista com conteúdo feminista do país, que circulou até 1900. Pode-se encontrar algumas de suas produções assinadas sob o pseudônimo Perpétua do Vale. Em 1909, tornou-se a membro e uma das fundadoras da Academia Paulista de Letras, cujas reuniões ocorriam em sua casa. É considerada uma figura importante de luta pelo espaço da mulher na literatura. Entre suas produções: *Sombras* (1906), livro lançado em Santos, *Páginas infantis* (1908), *O livro das aves* (1914) e *Vetiver* (1939).

<sup>203</sup> Todos os contos citados por Presciliana Duarte pertencem ao *Os caboclos* (1920).

Carta assinada: “Prisciliana Duarte de Almeida”, datada: “Lençóis, 26 de fevereiro de 1921”. Autógrafo a tinta azul; papel creme, pautado; 4 folhas; 16,5 x 12,5 cm.

#### **44. DUARTE, Prisciliana. 20 jan. 1923.**

Ilmo. Sr. Dr. Valdomiro Silveira.

Quer o destino que a sua palavra mágica, pela qual se expande toda a poesia e sentimento da alma cabocla e se evola o perfume das selvas grandiosas do Brasil, se transforme ainda na varinha de cordão para o meu pobre livrinho infantil! Seja! Peço-lhe, com o maior empenho que se entenda com o Dr. Alarico Silveira ou com o Sr. Diretor da Instrução para que as *Páginas infantis* figurem na lista oficial para leitura suplementar do 2º ano primário, conforme foi resolvido em abril de 1922, devido ao seu influxo poderoso. Como a inclusão de meu livrinho foi tardia, sem que mesmo dela tivessem ciência os Diretores dos Grupos Escolares, somente agora no princípio de 1923 poderei aferir as vantagens desse bafejo oficial, sem o qual ficará condenado o meu trabalho, a despeito de todo o apreço que posso merecer do professorado. Dá-se o seguinte: ainda há poucos dias ouvi de um Inspetor Escolar, o Sr. Ezequiel Ramos, que os professores são soberanos e adotam os livros que querem (dos aprovados, está claro); mas a verdade é que os Diretores dos Grupos só adotam os que estão na lista oficial porque, do contrário, não podem obter do Almojarifado financiamento dos livros para as crianças pobres. Quem me esclareceu sobre este ponto foi o Sr. Dr. Zenon de Moura, Delegado Regional do Ensino, naquela ocasião em que aí estive. Pois bem: tenho a boa vontade do professorado, não há muito que o Prof. Frontino Guimarães<sup>204</sup> espontânea e entusiasticamente exaltava meu trabalho escolar e declarava que “devia entrar em todas as listas”. Se, pois, a minha obra não é inteiramente destituída de valor, é natural e justo que eu procure, pelo menos, conseguir contrapesar as despesas da última edição, a concluir-se esta semana, e que fiz por contar com a colaboração obtida na lista oficial. Confio na sua palavra mágica e fico descansada. Já lhe disse pessoalmente e repito: “quem dá é que fica obrigado”. Desculpe-me tamanhas importunações, na certeza de que muito maior que elas é o meu reconhecimento sem limites!

Muitas saudades da sua gentil esposa, que espero ir em breve visitar, e recomendações de meu marido.

---

<sup>204</sup> Frontino Guimarães, redator da *Revista Moderna*, em 1892.

É motivo de júbilo para mim ter mais uma vez ensejo de reiterar-lhe os protestos da viva e profunda admiração que me inspira o seu raro e fecundo talento de “Príncipe da prosa”.

Prisciliana Duarte de Almeida.

São Paulo, 20 de janeiro de 1923.

Rua da Bela Cintra, 50.

*Carta assinada: “Prisciliana Duarte de Almeida”, datada: “S. Paulo, 20 de janeiro de 1923”. Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; 22,7 x 17,7 cm.*

**45. DUARTE, Rafael<sup>205</sup>. 13 jun. 1914.**

REDAÇÃO DA REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES DE CAMPINAS  
E. S. PAULO – BRASIL

Campinas, 13 de junho de 1914.

Ilmo. Exmo. Sr.

Meu caro Valdomiro Silveira,

cumprimentos muito saudosos a ti e à Exma. Família, em nome de toda minha família.

Só agora venho, por estas linhas, trazer-te nossos parabéns pela boa nova de se achar o casal enriquecido com mais um galante petiz<sup>206</sup>. Negócios vários têm me trazido embaraços em pôr em dia a minha correspondência com os amigos. Estive durante um mês substituindo o meu am<sup>o</sup> Dr. Heitor Penteado<sup>207</sup>, que por doente me passou a prefeitura, e esse cargo tem uma soma considerável de serviços presentes e inadiáveis. Agora, mais folgado, venho cumprir com grande satisfação esse dever de amizade, assegurando ao teu mimoso bebê todas as venturas que poderia desejar a meus próprios filhinhos.

Uma coincidência curiosa: antes de receber teu cartão, estive com o Dr. F. Escobar que se acha aqui em tratamento da alterada saúde. Eu não me lembrava dele, fora visitá-lo por dever de ofício, pois é ele prefeito municipal de Poços de Caldas. Logo, porém, que o vi, reconheci-o, e referi-me ao am<sup>o</sup> que mo apresentou um ao outro, isto é, a ti. Está o homem acabado, parece que traz os pulmões muito combalidos.

Ao lembrar teu nome, teve palavras muito carinhosas e merecidas.

Mas... regressando à casa – é aqui que está a coincidência – minha mulher disse-me que havia uma boa nova. E eu fui dar com o teu cartão.

É curioso, porque tão raramente nos carteamos, não é?

No dia 19 deste retiro-me com a família para a roça, onde vou cuidar da colheita, já iniciada desde 27 do p. p. mês.

---

<sup>205</sup> Rafael de Andrade Duarte (1867 – 1958), político e jornalista. Atuou como vereador e prefeito de Campinas, sua cidade natal. Como jornalista, dirigiu a *Revista do Centro de Ciências e Letras de Campinas*. É fundador do Grêmio Artístico Rafael Duarte.

<sup>206</sup> Nascimento do filho caçula de Valdomiro, Miroel Silveira (1914 – 1988).

<sup>207</sup> Heitor Teixeira Penteado (1878 – 1947), político e advogado paulista. De 1901 a 1910 atuou como promotor público de Campinas e, depois, prefeito da mesma cidade, sucedido por Rafael de Andrade Duarte. Filiado ao Partido Republicano Paulista, em 1920, tornou-se Secretário da Agricultura do governo de Washington Luís.

Porque não me hás de tu mandar algum conto para a nossa *Revista*<sup>208</sup>? E o Agenor, que é feito dele? Porque também ele não escreve alguma coisa para o Centro<sup>209</sup>?

Bem. Recomendamos a D. Isabel, dá um beijinho em teus galantes filhinhos e aceita um abraço do

Rafael Duarte.

*Carta assinada: “Raphael Duarte”, datada: “Campinas, 13 de junho de 1914”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Redação da Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas [...]”; 28 x 21,7 cm.*

#### **46. DUARTE, Rafael. 31 jan. 1921.**

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL  
CAMPINAS

31 de janeiro de 1921.

Meu caro Valdomiro,  
afetuosas saudações.

Já me havia chegado a notícia da saída do teu volume<sup>210</sup> de contos, por um artigo<sup>211</sup> aqui publicado no *Comércio de Campinas*, pelo Dr. Sílvio Floreal<sup>212</sup>, e essa notícia aguçou-me sobremodo a curiosidade, meu grande desejo de me achar ao teu lado, através das páginas do teu livro, e palpitava-me, cá por dentro, que, mais dia, menos dia, o livro ia chegar-me com o

<sup>208</sup> Patrícia Michele Gomes, em sua dissertação de Mestrado *A Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (1902 – 1916)* (2009), afirma que a *Revista do Centro* surgiu com o intuito de reunir os trabalhos lidos nas sessões do próprio Centro.

<sup>209</sup> De acordo com Patrícia Michele Gomes (v. nota 196), o Centro era um conglomerado científico e intelectual, criado em Campinas, no fim do século XIX, principalmente em virtude da fundação do Ginásio de Campinas, reconhecida instituição de ensino que reuniu intelectuais e escritores. A ideia de torná-lo um instituto partiu de reuniões na residência do escritor Coelho Netto, que foi um dos primeiros redatores da *Revista do Centro*, ao lado de Henrique Barcellos.

<sup>210</sup> *Os caboclos* (1920).

<sup>211</sup> Artigo de autoria de Sílvio Floreal, “Os caboclos”, publicado no *Comercio de Campinas* em 25 de junho de 1921. Na publicação, Floreal considera o regionalista como “[...] inteiriço no caráter e perfeito no intelecto”. Avalia *Os caboclos* como uma obra que muito vai ensinar sobre o Brasil aos brasileiros.

<sup>212</sup> Domingos Alexandre (1918 – 1929), jornalista e escritor. Utilizava o pseudônimo de Sílvio Floreal. Em Santos, sua cidade natal, trabalhou como servente de pedreiro e redigia os manifestos da classe trabalhadora, com a finalidade de levar para os jornais da cidade. Tinha grande interesse pela literatura. Escreveu os livros *Atitudes* (1922) e *Ronda da meia-noite* (1925).

grande valor de ser oferecido por letra do próprio autor. E, de feito, chegou-me ontem, e andou de mão em mão, porque minha mulher, minhas cinco filhas, o genro e um futuro genro, todos aprenderam, com o chefe da casa, a ter em devido carinho e em alto apreço o nome de Valdomiro Silveira, por tudo o que dele lhes conto com a mesma e velha amizade e grande admiração.

Li hoje de manhã os 2 primeiros contos<sup>213</sup>, e os irei lendo, nas minhas horas de repouso, com o grande prazer com que devorei os 2 primeiros. Muito desejo saber se cedeste a edição, ou se ela te pertence, no seu líquido. Li e gostei também muito da carta<sup>214</sup> do Agenor anteposta aos contos. Achei de imenso valor o elucidário no final<sup>215</sup>, muito útil para os que leem e não conhecem grande parte das expressões roceiras que nele se contém, tão clara, e legítima. Nossa imprensa da Terra pouco vale, são jornais que vivem sempre em luta inglória, se eu puder, pelo tempo e pela capacidade, hei de escrever alguma cousa a respeito<sup>216</sup>, que mais não seja, para dar notícias do livro. Ando sobrecarregado de trabalho e de canseira; a Prefeitura de Campinas tem muito que fazer, pelas múltiplas ramificações que o cargo em si contém.

Adeus, meu caro Valdomiro,

Receba um grande abraço do velho e mtº particular amº

Rafael Duarte.

*Carta assinada: “Raphael Duarte”, datada: “31.1.921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Gabinete do Prefeito Municipal Campinas”; 20,1 x 15,5 cm.*

---

<sup>213</sup> “Cena de Amor” e “Por mexericos”.

<sup>214</sup> Carta de Agenor Silveira a Monteiro Lobato, de 23 de julho de 1920, ocupa o lugar do prefácio no livro. O remetente afirma que Valdomiro Silveira podia ser considerado precursor do regionalismo no Brasil.

<sup>215</sup> Em todas as suas obras, Valdomiro Silveira acrescenta um vocabulário das expressões caipiras utilizadas nos contos, buscando elucidar seus significados.

<sup>216</sup> A pesquisa não localizou artigo de Rafael Duarte focalizando obras de Valdomiro Silveira.

**47. ESCOBAR, Francisco. 23 fev. 1915.**

Poços de Caldas, 23 de fevereiro de 1915.

Caríssimo Valdoro,

Trouxe-nos sua carta a alegre notícia de que já estás V. no meio dos seus, forte e bom. Como decorrera um mês sem notícias suas, fiquei com cuidados a supor que V. ainda se achava no Rio a tratamento.

Foi por isso que escrevi a seu pai e à D. Isabel.

Felizmente vejo que tudo lhe correu bem.

Uma alegria nunca vem só... sua carta trouxe-me também o belo soneto de que pedi uma cópia.

Posso estar com a visão tomada pela amizade, e, daí, ofender-lhe a modéstia, porque V. teima em não querer ser um poeta; mas devo dizer que o seu soneto é daqueles que ficam perpetuamente na literatura e bastam para criar uma reputação de artista. Foi assim com o famoso soneto de Arvers<sup>217</sup>.

O que me parece uma extravagância sua é o considerar a poesia uma ginástica. Não há dúvidas que o tem sido para uma legião de versificadores cuja obra tem a arte dos fetos inviáveis; morrem logo que nascem. Mas não o é para quem tem a alma de um grande artista, como V. e, deixe-me acariciar-lhe o nome querido, o Euclides. Este, porque também tinha a sua teima: só a prosa lhe merecia cuidados e desvelos. A poesia... uma ginástica, nada mais. Bendita a ginástica que cria modelos de eterna beleza, como os atletas que a estatuária grega nos legou!

Prossiga, pois, nos exercícios dessa maravilhosa ginástica; não guarde, porém, consigo, novamente, os novos e belos sonetos que dela resultaram.

Não sei quando voltarei a S. Paulo. Segundo o Arnaldo só devo aparecer-lhe depois da cicatrização dos ferimentos que o seu escarpelo me fez. E isso ainda levará tempo. Talvez nos vejamos por aqui antes de m/ ida a S. Paulo. E o tempo está excelente para V. vir com a família passear alguns dias em Poços. Lá embaixo, ao que dizem, revira um calor torrencial, como me

---

<sup>217</sup> Alexis Félix Arvers (1806 – 1850), poeta francês, formado em direito. Seu soneto mais conhecido, “Sonnet d’Arvers”, integra a obra *Mes heures perdues* (1833). Ganhou diversas traduções; tematiza o amor não correspondido.



dizia um bacharel, hoje juiz de direito de uma terra que tem a honra de ser a pátria do atual presidente de Minas<sup>218</sup>. Prêmio de saber e merecimento... Abençoado país!

O livro do Dickens<sup>219</sup> que prometi a D. Isabel é o dos contos de Natal<sup>220</sup>. Aconselhe-a a ler *As viagens de Gulliver* do famoso Swift<sup>221</sup>. Não contém dificuldades e é uma das obras capitais de literatura inglesa. Que estes ingleses, quando escrevem como Carlyle<sup>222</sup>, não há quem os traduza. Abraços e saudades do m<sup>o</sup> aff<sup>o</sup> e velho

am<sup>o</sup> Escobar.

*Carta assinada: "am<sup>o</sup> Escobar", datada: "P de C, 23.2.915". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 28 x 21,7 cm.*

#### **48. ESCOBAR, Francisco. 2 fev. 1916.**

Poços de Caldas, 2 de fevereiro de 1916.

Caro [Comp<sup>e</sup>] Valdoro.

Estava hoje para contar-lhe o meu desapontamento com a resolução da Superiora em relação à Júnia, quando recebi a sua carta. Aquilo mesmo ela m'ó disse pessoalmente. E para dar-me uma grande prova de sua consideração para comigo, disse-me que, por uma só vez, consentiria Júnia sair conosco, mas que não repetiria a concessão, para não dar a outros o mesmo direito. Diante da venerável disciplina religiosa, só me cumpre obedecer. Entretanto, irei amanhã visitar a Júnia.

Levarei as meninas e faremos um passeio... Dentro da chácara do colégio, cuja disciplina é mais inflexível que Minos, juiz de Averno.

---

<sup>218</sup> Delfim Moreira (1868 – 1920), político natural de Cristina, Minas Gerais. Atuou como prefeito de Minas Gerais de 1914 a 1918 e presidente do Brasil de 1918 a 1920.

<sup>219</sup> Charles John Huffam Dickens (1812 – 1870), escritor inglês. Entre suas obras: *The pickwick papers* (1836-1837), *Nicholas Nickleby* (1838-1839), *The chimes* (1844), *The haunted man* (1848) e *Bleak house* (1853).

<sup>220</sup> *A Christmas Carol*, livro de Charles Dickens, publicado em 1843.

<sup>221</sup> Jonathan Swift (1667 – 1745), escritor irlandês, conhecido pela prosa satírica. Algumas obras: *A tale of a tub* (1704), *Gulliver's travels* (1726) e *A modest proposal* (1729). *As viagens de Gulliver* foi publicado em 1726; narra a história de vida e as viagens do médico Lemuel Gulliver.

<sup>222</sup> Thomas Carlyle (1795 – 1881), historiador e escritor satírico escocês. Escritor polêmico, inspirou Dickens para escrever a obra *A tale of two cities* (1836). Algumas obras: *Signs of the time* (1829), *The french revolution: a history* (1837) e *The life of John Sterling* (1851).

Também estava no programa desta carta o dizer-lhe quanto tenho dos seus contos últimos, publicados no *Estadinho* e na *Rev. do Brasil*<sup>223</sup>.

Até que afinal o Amadeu e o Plínio fizeram com que V. voltasse do grande mergulho que deu, há anos, no tanque da advocacia e com tamanho fôlego que os de cá de fora já desanimavam de o ver voltar à tona... da arte, já se vê; que as boas letras, dentro da maltratada profissão, V. sempre as cultivou com dignidade e brilho.

Mas que simpática nos vem a *Revista do Brasil!* (Um pouco poucochiho mal revista...). Faz vir vontade à gente de figurar em meio de tão guapa e luzida companhia. Não fosse o belo *Elogio da mediocridade*<sup>224</sup> com que o Amadeu nos enfunou de soberba, a esta hora eu estaria aterrado com a imprudência da promessa, que fiz ao Plínio, de mandar-lhe alguma coisa, também.

– E o nosso querido Martins Fontes outra vez a caminho da Europa! Prá muito tempo? Dê-lhe um afetuoso e grande abraço e diga-lhe que a notícia de sua partida deixou-me triste.

Não é sem certa mágoa que a gente vê partir-se de nossa terra uma criatura que, com mais alguns outros, nos faz crer que o Brasil unido é capaz de produzir grandes e admiráveis espíritos e que, portanto, não é um país perdido.

Ele que não se deixe ficar lá por muito tempo e que nos traga o Bilac, debaixo de vara. De ambos precisamos muito, todos nós, nesta hora tão angustiada de nossa vida nacional.

Muitas lembranças de m/ mulher a V. e aos seus. Abraços de seu mº admº e velho amº

F. Escobar.

Vem ao casamento do D. José Bonifácio? Consta que é a 22 deste. Se tiver de vir avise que providenciarei para o mesmo dia o batizado de seu afilhado<sup>225</sup>.

*Carta assinada: “F. Escobar”, datada: “P. de C. 2.2.916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 28 x 21,8cm. Envelope: 15,5 x 12,5 cm., carimbos: “SANTOS – [17 HORAS] – [ilegível] FEV 1916”, “[ilegível] MOGYANA EXPRESSO [ilegível]”.*

<sup>223</sup> Em janeiro de 1916, Valdomiro Silveira publicou o conto “Desespero de amor”, n° 1. vol. 1.

<sup>224</sup> AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade: estudos e notas de literatura*. São Paulo: Empresa Editora Nova Era, 1924.

<sup>225</sup> Filho de Escobar.

**49. ESCOBAR, Francisco. 26 out. 1916.**

Poços de Caldas, 26 de outubro de 1916.

Boníssimo e querido Valdor,

Tenho o dever de comunicar a V. que mandei ao Manuel Azevedo uma procuração para requerer em S. Paulo uma exibição de autógrafos dos meus caluniadores. A diligência, de [menos] importância, eu não a confiei a V. para não distraí-lo das inúmeras ocupações que o prendem a Santos. Também seria uma crueldade minha dar-lhe essa massada quando ali em S. Paulo, sem incômodo algum, o nosso bom Maneco ou o Plínio se encarregaria facilmente dessa tarefa. O seu nome figurará na procuração que terei de dar aqui a um outro amigo para o fim de levar a termo o respectivo processo, cujas razões finais ficarão a seu cargo, pois, deste modo incumbir-se-á V. de uma parte da tarefa e eu poderei gloriar-me por ter a meu lado o grande Valdor e na minha defesa o seu incomparável amparo e patrocínio.

Recebeu o telegrama em que lhe agradei o oferecimento que me fez dos seus serviços?

Eu devia tê-lo confirmado por carta. Adiei o cumprimento desse dever a princípio por ter viajado e depois... não sei de outros motivos além de minha incorrigível impontualidade e da sua infalível magnanimidade. V. há de sempre ser um grande coração e um altíssimo espírito, e eu hei de sempre ser um humilíssimo pecador cheio de defeitos, menos o da ingratidão.

Dê-nos notícias dos seus, a Júnia principalmente, se sarou e se reconstituiu.

Vou a S. Paulo no dia 3 e levarei os seus livros.

Recomende-me a sua boníssima mulher e com ela aceite af<sup>tes</sup> lembranças de Francisca.

O seu afilhado está cada vez mais vivo e robusto. É um gigante de 14 meses.

Abraços e abraços

Do velho comp<sup>o</sup> gratíssimo

F. Escobar.

*Carta assinada: "F. Escobar", datada: "P. de C. 26.X.916". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 22,5 x 17,5 cm. Envelope: 10,8 x 13 cm., carimbos: "POÇOS DE CALDAS – MINAS GERAIS – 26 OUT", "SANTOS – (S. Paulo) – 15 HORAS – 27 OU 1916".*

**50. ESCOBAR, Francisco. 10 ago. 1917.**

Poços de Caldas, 10 de agosto de 1917.

Caríssimo Valdor,

Ontem e anteontem esperei-o, aqui, trazendo Júnia de volta para o colégio. Resolveu não trazê-la mais? Há algum doente em casa? Que houve, afinal? Estou incomodado pela falta de notícias. À espera sua, tenho guardado um romance espanhol de Ortega Munilla<sup>226</sup> – escritor que teve muita voga ali por volta de 1880. Os seus romances sentiam muito a influência de Zola<sup>227</sup>, que estava então no apogeu da fama, e que, sendo um mestre, não podia deixar de exercer forte ascendente sobre os artistas das gerações que lhe seguiram até 1890, mais ou menos.

Ortega não escreveu muito, ao que me parece, pois, não o vejo senão raramente nos catálogos, mas os romances que dele conheço são bem feitos.

Nesse, que vou mandar a V., caso não venha por estes dias, há belas páginas realistas, em que se descreve maravilhosamente a vida de um vilarejo espanhol que padece o mais valoroso dos martírios: a sede de justiça.

O mais das vezes, a água com que nos matam esta sede não passa de um licor infecto e envenenado. Sabe-o V. de sobra...

Não contei a V. ainda o que me sucedeu em S. Paulo quando lá V. me deixou. O frio úmido e excessivo, que ali reinou em princípios de junho, quase me entrevou. Tive que fugir às vinte receando ficar subjugado pelo reumatismo. Dois dias depois regresssei. Fica assim explicado o porquê não fui a Santos abraçá-lo e ao Martins Fontes, realizando a visita tantas vezes prometida.

Cumprirei a promessa, acreditem V. e ele, tanto mais depressa quanto possível.

Ao Fontes peço dizer que senti imenso não ter assistido ao seu grande triunfo artístico no último sarau da Cultura. O abraço que lhe quisera dar, de profunda admiração e entusiasmo, dou-o daqui por intermédio: dos seus braços paternos e queridos, através dos quais ele sentirá bater dois corações que lhe querem tanto bem.

---

<sup>226</sup> José Ortega Munilla (1856 – 1922), escritor realista espanhol. Iniciou sua carreira como jornalista e ficou conhecido pela sua escrita humorística. Algumas obras: *La cigarra* (1879), *El saltério* (1881), *Idílio lúgubre* (1887) e *Don Juan Solo* (1889).

<sup>227</sup> Émile Edouard Charles Antoine Zola (1840 – 1902), escritor e jornalista francês. Inicia sua carreira literária com contribuições em jornais. Seu primeiro romance, *La confession de Claude*, com características naturalistas, é publicado em 1865. Outras obras: *Thérèse Raquin* (1867), *Le capitaine Burle* (1882) e *L'argent* (1891).

Aos de V. e da sua santa companheira me recomendo muito, enviando abraços à filharada. Francisca, os filhos e afilhado fazem o mesmo.

O velho compre e gratíssimo am<sup>o</sup>

Escobar.

*Carta assinada: "Escobar", datada: "P. de C. 10.VIII.917". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 27 x 21,2 cm. Envelope: 15,5 x 8,5 cm, carimbo: "SANTOS – 17-H-TARDE – [ilegível] AGO".*

### 51. ESCOBAR, Francisco. 12 nov. 1919.

Boníssimo [Comp<sup>e</sup>] Valdoró

Ontem à noite em casa do Plínio contou-me D. Cecy que V. fazia anos. Veja a coincidência: sem saber desse feliz acontecimento, deu-me ontem na cabeça mandar-lhe o Francisco de Holanda<sup>228</sup>– *Pintura Antiga*<sup>229</sup>–. Conheci um trecho desse livro célebre, nas letras portuguesas, pela História do Mendes dos Remédios<sup>230</sup>. Da nova edição publicada, só havia dois exemplares na livraria Globo. Comprei um e remeti-lhe e outro. A edição não é grande coisa, mas é interessante pelas estampas que reproduzem vários desenhos do F. Holanda que se conservou inédito mais de três séculos. Uma das suas conferências sobre Camões, o Nabuco afirmou que só conheceu a obra de Holanda, através de uma tradução francesa, porquanto, em Portugal, ainda continuava inédito. Valendo-me de Mendes dos Remédios escrevi-lhe que o Veiga de Vasconcellos havia editado a obra em 1897. Essa informação que Nabuco, de Washington, me agradeceu numa carta muito gentil, valeu para ele uma retificação, porque sua conferência<sup>231</sup>, publicada no *Jornal do Commercio*, foi reproduzida em livro com mais aquele engano. Pois é esse o livro que V. receberá hoje com surpresa e prazer. Surpresa porque com certeza o meu longo silêncio já o teria habituado a supor-me um esquecido ou um ingrato.

<sup>228</sup> Francisco de Holanda (1517 – 1585), pintor e ensaísta português. É considerado uma das figuras mais importantes do Renascimento em Portugal. Deixou importante contribuição para a história da arte.

<sup>229</sup> Livro de Holanda publicado em 1548.

<sup>230</sup> Joaquim Mendes dos Remédios (1867 – 1932), professor e escritor português. Formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, em 1892. Estudou literatura portuguesa e foi nomeado reitor da mesma universidade em 1918. Posteriormente, de 1925 a 1950, coordenou a Faculdade de Letras. Algumas obras: *Os judeus em Portugal* (1895), *História da literatura portuguesa: desde as origens até a atualidade* (1902) e *Filosofia elementar* (1916).

<sup>231</sup> A pesquisa não identificou a mencionada conferência.

Prazer porque é um livro que condiz tão bem com o seu amor pelos livros bons e da nossa velha língua.

E assim, reconcilio-me com o seu bem querer por intermédio de Holanda que me apadrinha, perante V. e perante aos seus, das graves faltas de m/ correspondência...

A m/ vida incerta (por falta de colocação) e atribulada, neste último ano, por moléstias várias, em casa, justifica-me dessas faltas.

Aqui estou de passagem para o Rio onde trabalho por colocar-me. Irei hoje à noite e lá o m/ endereço é, provisoriamente, à Rua S. Salvador, 14, Botafogo – É casa de um amigo.

Quisera passar por aí mas não posso.

Perdoe-me o não ir visitá-lo, agora, e ao Heitor mais ao Fontes, tão generosos todos, tão bons todos para mim.

Abraços a V., à afilhada, aos filhos e af's saudações à D. Isabel.

O velho compre mtº amº mtº grato

F. Escobar

12 de novembro de 1919.

PS. Já vi com o Plínio o livro<sup>232</sup> do Agenor. Vou levá-lo para o Rio. Ele quem receba meus parabéns pelo sucesso e abraços pelo valor da obra que representa o labor formidável de longo tempo e de muitos estudos. Já a ninguém mais é lícito ignorar que o Agenor é hoje um dos maiores sabedores da língua. Sabedor e Mestre!

*Carta assinada: "F. Escobar", datada: "12.XI.919". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 26 x 20, cm.*

---

<sup>232</sup> *Colocação de pronomes: regras e notas explicativas*, obra de Agenor Silveira, publicada em 1920.

**52. ESCOBAR, Francisco. 16 fev. 1921.**

São Paulo, 16 de fevereiro de 1921.

Prezadíssimo Valdor.

Em trânsito para aqui, li o lindo artigo<sup>233</sup> do nosso querido Azzi sobre os *Caboclos*. Que coisas tão finas e tão sentidas ele soube dizer sobre o livro que para mim é o maior sucesso literário do momento. Achei o artigo do Azzi melhor que o de João Luso<sup>234</sup> e mando-lhe daqui, pelo grande bem que me fez, um longo abraço. Mas que pena que ele não escreva sempre e não cultive o seu grande talento de expressões como prosador e crítico.

Está aí uma feição que eu não lhe conhecia. Foi preciso que V. resolvesse sair de seu injustificável ineditismo para que o Azzi por sua vez se revelasse um ótimo crítico.

Do triunfo que foram *Os caboclos* e do encanto que a sua leitura produziu sobre todos nós ninguém dirá melhor que o Azzi, a quem, por isso mesmo, fico querendo mais bem do que já lhe queria... ainda que neste bem entre uma pontinha de inveja pelo não ter, como ele, o mesmo talento de expressão e o mesmo vigor de pensamento.

Infelizmente, nem *Os caboclos* fazem faiscar a velha pederneira que é este seu velho afetuosíssimo

[Comp<sup>e</sup>] e grato

Escobar

(Até por aí mt<sup>o</sup> breve)

*Carta assinada: "Escobar", datada: "S. Paulo, 16.II.921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 22,8 x 17,7 cm.*

<sup>233</sup> AZZI, Francisco. "Um grande artista". s/ind. de periódico. Casa Branca, jan. 1921.

<sup>234</sup> LUSO, João. Dominicais. Folhetim do *Jornal do Commercio*. São Paulo, 30 jan. 1921.

**53. FARIA, Alberto<sup>235</sup>. 27 jun. 1917.**

Campinas, 27 de junho de 1917.

Meu caro Valdoro,

Saudades e abraços.

A *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*, [ilegível] esta a que ora presido, necessita para um de seus números, a aparecerem em agosto e setembro, da bela página, de tua lavra que seja inédito (algumas das *Lereias* deve ter na pasta). Sairá entre prosas e versos, pinturas e músicas, tudo igualmente inédito, do José de Alencar, Machado de Assis, Epitácio Pessoa, Mário de Alencar<sup>236</sup>, Afonso Celso<sup>237</sup>, Afrânio Peixoto, Escragnolle Dória<sup>238</sup>, Antônio Austregésilo, Rodrigo Galvão, João Ribeiro, Manuel Costa, Gilka Machado<sup>239</sup>, Alberto de Oliveira, Afonso Lopes de Almeida<sup>240</sup>, Visconde de Taunay e

---

<sup>235</sup> Alberto Faria (1868 – 1925), jornalista, professor e folclorista carioca. Começou ainda cedo sua carreira jornalística, redigindo, aos 12 anos o pequeno jornal *O Arauto*. Já em Campinas, foi diretor do *Correio de Campinas* entre 1895 e 1896. No ano seguinte, funda o *Cidade de Campinas*, jornal que dirigiu até 1904. Em suas colunas, sempre polêmicas, o intelectual fazia críticas literárias e debates com escritores. Algumas obras: *Cartas chilenas: crítica* (1913), *Aérides: crítica e folclore* (1918) e *Acendalhas: literatura e folclore* (1920).

<sup>236</sup> Mário Cóchrane de Alencar (1872 – 1925), advogado e escritor carioca. Filho do escritor José de Alencar. Demonstrando grande interesse pela literatura, colaborou no jornal *Correio Mercantil* e dirigiu, na Faculdade de Direito de São Paulo, o jornal *A Luta*. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1905. Seu primeiro livro de poesias, *Lágrimas*, foi publicado aos 15 anos, em 1888. Outras obras: *Versos* (1902), *Alguns escritos* (1910) e *Se eu fosse político* (1913).

<sup>237</sup> Afonso Celso (1860 – 1938) advogado e escritor mineiro. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se em 1880, e iniciou sua trajetória política aos 21 anos. Fundou o *Jornal do Brasil* e a Academia Brasileira de Letras. Dedicou-se aos variados gêneros, como romance, conto e poesia. Algumas de suas publicações: *Prelúdio* (1877), *Poemetos* (1880), *Trovas de Espanha* (1889) e *Lampejos sacros* (1915).

<sup>238</sup> Luís Gastão d'Escragnolle Dória (1869 – 1945), professor e escritor carioca. Formou-se, em 1890, na Faculdade de Direito de São Paulo, mas não seguiu carreira. Atuou como professor de história. Foi diretor do Arquivo Nacional do Brasil de 1917 a 1922. Algumas obras: *Dor* (1904), *Cousas do passado* (1909) e *Romão de Mattos Duarte o benfeitor dos expostos* (1916).

<sup>239</sup> Gilka da Costa de Melo Machado (1893 – 1980), escritora carioca. Inicia sua carreira literária ainda jovem, publicando, aos 22 anos, a obra *Cristais partidos* (1915). Junto da também escritora Cecília Meireles funda a revista *Festa*. Algumas de suas produções: *Estudo de alma* (1917), *Meu glorioso pecado* (1928) e *Sublimação* (1938)

<sup>240</sup> Afonso Lopes de Almeida (1888 – 1953), escritor e advogado carioca. Formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, em 1918 mudou-se para o exterior. Publicou crônicas, poemas e artigos sobre sua vida como estrangeiro. Membro da Academia Carioca de Letras. Algumas de suas obras: *Terra e céu* (1914), *No ano primeiro da era nova* (1923) e *Gênio rebelado* (1923).



outros (dos mortos – Gregório de Matos<sup>241</sup>, Tomás Antônio Gonzaga<sup>242</sup> e Castro Alves<sup>243</sup>). Não é das que [ilegível] tal companhia de [vultos e sombras].

V. se me obtém algo também do Agenor. Um conto caipira, teu, e uma imitação quinhentista, dele, aproximados no órgão de nosso grêmio, variando-lhe curiosamente o aspecto, seria de ótimo efeito: curiosa e interessante, pois não?

Do Martins Fontes, nababo avaro, creio que não se arranca nem uma merdinha de coisa poética...

Que pena!

Alberto.

*Carta assinada: “Alberto”, datada: “Campinas, 27 de julho de 1917”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27,3 x 21 cm. Envelope 9,6 x 12 cm., carimbo: “27 JUL. 917”.*

---

<sup>241</sup> Gregório de Matos (1636 – 1696), poeta e advogado baiano. Autor de poemas satíricos, apelidaram-no de “O Boca do Inferno”. Não chegou a publicar sua obra em vida.

<sup>242</sup> Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810), poeta português, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1768. Após trabalhar alguns anos em Portugal, passou a atuar como ouvidor geral em Vila Rica, hoje Ouro Preto, Minas Gerais. Preso por envolver-se na Inconfidência Mineira, foi transferido para o Rio de Janeiro. Morreu em Moçambique. A ele é atribuída a autoria das *Cartas chilenas*, publicadas em 1863. Auto de *Marília de Dirceu* (1792).

<sup>243</sup> Antônio Frederico Castro Alves (1847 – 1871), poeta baiano. Iniciou seus estudos em Direito, em 1864, no Recife, transferindo-se, depois, para a Faculdade de Direito de São Paulo. Publicou *Espumas flutuantes* (1870).

VS-C-AF-01  
 Campesina, 27 de Junho de 1917  
 Meu caro Valdeiro,  
 saudades e sempre.

A Revista de Arte de S. Paulo, Arte e Vida, agora  
 agora está a que ora precede, necessita para um de seus  
 praxionários, a apresentação dos seguintes trabalhos,  
 de bella pagina, de boa linha e que seja interessante e  
 guana dos leitores de seu jornal. Serão estes por  
 ora e mais, portanto, necessarios, tendo igualmente credito  
 de José de Alencar, Archêdo de Almeida, Espirito Santo,  
 Maria de Alencar, Affonso Celso, Affonso Camargo, Lu  
 guilla Costa, D. Antonio de Albuquerque, Rodrigo Lacerda,  
 José de Alencar, Affonso Camargo, F. de A. Almeida,  
 de Oliveira, Affonso Lopes de Almeida, Visconde de  
 S. Francisco e outros (os nomes seguintes de Affonso, de  
 Affonso de Almeida, Affonso de Almeida). Não é de  
 que se declarem tal compatibilidade de vultu e sentido.

Ve se não obtiver algum trabalho de Affonso. Um  
 certo critério, tem a mesma importância, que a de  
 apresentar-se no organo de seu jornal, com  
 seu curriculum e perfil, assim de alguma effec  
 tiva e interessante, por não?

De Affonso de Almeida, sempre seu, e  
 sempre seu, e sempre seu, e sempre seu.

Seu amigo  
 Affonso

VS-C-AF-01  
 Lacerda: Sr.  
 Dr. Valdeiro Silveira,  
 Santos.

Stamp: 27 JUN 1917 DEPARTAMENTO DE ARMAZEM

**54. FARIA, Alberto. 27 jan. 1921.**

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
BILHETE POSTAL  
50 RÉIS

Campinas, 27 de janeiro de 1921.

Caro Valdor,  
saudades.

Chegaram-me *Os caboclos*, enviados pelo José Vicente, a cujas mãos tinham ido parar. Agradeço já a oferta carinhosa. Em breve realizarei a leitura desses belos contos regionais, velhos conhecidos meus, na maior parte. Quer isto dizer que vou renovar um gozo intelectual, acrescido do novo gozo idêntico (resultante do saboreio dos inéditos). Agora, estou concluindo o exame de obras de 1919, concorrentes ao prêmio Academia Brasileira, pelo geral insignificantes. Entre eles há um romance naturalista (ainda!), do escritor santense – *Voo nupcial*, por Albertino Moreira<sup>244</sup>. De sua aluvião descritiva, destacam-se umas páginas admiráveis, 103 a 107, referentes à chegada da empresa de cavalinhos no vilarejo.

Lembranças ao Agenor.

Sempre amigo.

Alberto Faria.

*Bilhete assinado: “Alberto Faria”, datada: “Campinas, 27 de janeiro de 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 9 x13,7 cm.*

---

<sup>244</sup> Albertino Moreira (1892 -?) advogado e escritor mineiro. Em 1920, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em Santos, foi redator de *A Tribuna* e vereador, de 1926 a 1928. Publicou *Voo nupcial*, pela editora da Revista do Brasil, de São Paulo, em 1919. Outros de seus romances: *Pouso da estrada* (s.d) e *Boca pio* (1955).

**55. FIGUEIREDO, Cândido de<sup>245</sup>. 6 mar. 1921.**

REPÚBLICA PORTUGUESA  
 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DOS CULTOS  
 GABINETE DO SECRETÁRIO DIRETOR GERAL

6 de março de 1921.

Exmo. Sr. e meu distinto confrade,

por tradição digna de fé, já eu sabia dos serviços que à V. S<sup>a</sup>. deve a literatura em geral e a regionalista em especial, e, recebendo agora *Os caboclos* que V. S<sup>a</sup>. teve a generosidade de me enviar, não só me proporcionou o ensejo de verificar diretamente aqueles serviços, senão também o dever de confessar e agradecer rendidamente a cativante sensibilidade do autor.

Embora eu já possuísse, publicada e inédita, boa parte do vocabulário dos *Caboclos*, sinto o dever e tenho a satisfação de considerar V. S<sup>a</sup>. um dos meus mais autorizados e prestadios cooperadores lexicográficos.

Por isto e pelo valioso presente, queira V. S<sup>a</sup>. aceitar meu cordial agradecimento, com os protestos da elevada consideração, com que me digo

Cr<sup>o</sup> mto obr<sup>do</sup>

e admirador de V. S<sup>a</sup>.

Cândido de Figueiredo.

*Carta assinada: "Cândido de Figueiredo", datada: "6 - III - 1921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "República Portuguesa Ministério da justiça e dos cultos [...]"; 16,9 x 13,9 cm.*

---

<sup>245</sup> Antônio Pereira Cândido de Figueiredo (1846 – 1925), escritor, jornalista e filólogo português. Membro associado da Academia Brasileira de Letras. Assim como Valdomiro, estudou o dialeto caipira. Dentre suas obras, destacam-se *Lisboa no ano 3000* (1892), *Novo dicionário da língua portuguesa* (1899), *Gramática sintética da língua portuguesa* (1916) e *O problema da colocação de pronomes (suplemento às gramáticas portuguesas)* (1917). Agenor Silveira, autor de *Colocação dos pronomes (regras e notas explicativas)* (1920) mereceu a admiração de Cândido de Figueiredo.

**56. FIGUEIREDO, Jackson de<sup>246</sup>. 21 jul. 1921.**

JACKSON DE FIGUEIREDO  
ADVOGADO  
RIO DE JANEIRO

21 de julho de 1921.

Ilustre Sr. Valdomiro Silveira.

Há três dias entregou-me o Sr. José Vicente o seu volume d'*Os caboclos*, que eu aliás já tinha adquirido e lido [com]<sup>247</sup> renovada admiração, pois devo dizer que não é de agora que o admiro. Desde que me informaram – e ainda vivia no Norte – qual o nome todo do Valdomiro a quem Vicente de Carvalho falava nos *Poemas e canções*<sup>248</sup>, procurei saber melhor quem era o amigo do poeta, a quem, seguramente, mais amo, entre os grandes líricos do Brasil contemporâneo.

O sr. retardou demasiado a publicação da sua obra, deste modo, que se pode chamar de decisiva. Será um grande nome das nossas letras logo que os seus livros se façam populares. Mas já esse trabalho poderá estar feito, com evidente vantagem para o nosso ambiente literário.

Dadas certas circunstâncias n'*O Jornal*<sup>249</sup>, em que comumente colaboro, evito falar de livros, da ordem do seu, recentemente publicados. Mas pode ser que venha a encontrar ocasião de dizer publicamente tudo o que eu penso dele, ou deles, pois espero que a publicação da série continue.

Sou seu admirador muito  
grato Jackson de Figueiredo.

Av. Pedro Ivo, 160.

P.S. Mando-lhe um opúsculo que publiquei ultimamente e mais um volumezinho de que sou simples editor. J.

*Carta assinada: "Jackson de Figueiredo", datada: "21/7/921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Jackson de Figueiredo Advogado Rio de Janeiro"; 21,8 x 15 cm.*

<sup>246</sup> Jackson de Figueiredo Martins (1891 – 1928), poeta sergipano. Um ano após a publicação de seu primeiro livro *Bater de asas* (1908), iniciou seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia. Convertendo-se ao catolicismo, fundou a revista *A Ordem*, em 1921. Nos jornais *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*, publicava artigos políticos. Algumas de suas obras: *Zíngaros* (1910), *Crepúsculo interior* (1918) e *Em defesa de Sergipe* (1918).

<sup>247</sup> Na carta: "lido renovada admiração".

<sup>248</sup> Livro de Vicente de Carvalho, publicado em 1908 pela editora Carozo Filho & C. Na obra, há um poema em homenagem a Valdomiro Silveira.

<sup>249</sup> Diário matutino fundado em 1919 e extinto em 1974, já que não conseguiu se manter após a morte do dono Assis Chateaubriand.

**57. FONTES, Epiteto<sup>250</sup>. 18 ago. 1916.**

São Paulo, 18 de agosto de 1916.

Exm<sup>o</sup>. Sr. Dr. Valdomiro Silveira.

Vênia.

Bem que não haja a honra de, pessoalmente, conhecer-vos, ilustrado Mestre, daí que assim vos chamando, venha, com esta, roubar-vos alguns minutos de atenção. Não me culpeis a mim pelo que faço: a audácia, que me impele, é filha, apenas, da admiração que vos tenho. A ela, e tão somente, cabem as responsabilidades do meu ato. Longamente vacilei primeiro que a escrever-vos me abalançasse, e foi sabendo-vos grandemente bondoso que me decidi – e, já agora, não titubeio.

A dobrado fim visa quem vos escreve: pedir-vos permissão para vos dedicar uma de suas tentativas literárias, e solicitar-vos, sobre a mesma, a autorizadíssima opinião. De ambos estes pedidos qual não sei vos seja mais penoso a atender: se o para consentirdes que o vosso glorioso nome encime, como um ramo rútilo de louros, o insucesso flagrante de um ensaio intelectual, se o para perderdes, numa abreviada análise do mesmo, alguns minutos de vosso precioso tempo. Trata-se de um trabalho já de vós conhecido, e de que, talvez, vos lembreis – “O boqueirão justificado”<sup>251</sup>–. Publicado em *Polyanthéa*, o tipógrafo se incumbiu de lhe desconjuntar, visivelmente, a monótona trivialidade.

Dirigindo-me ao burilador impecável de contos regionais, não sei dizer-vos com justeza, da comoção que me domina, nem da alta honra com que se vangloria, ao falar-vos, o mais humilde de vossos patrícios, o mais exaltado de vossos admiradores.

Epiteto Fontes

R. Conselheiro Nébias, 142.

*Carta assinada: “Epiteto Fontes”, datada: “S. Paulo, 18 de agosto de 1916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 18 x 11,6 cm. Envelope: 9,5 x 12 cm., carimbo: “SANTOS – 17-H. TARDE – 19 AGO”.*

<sup>250</sup> Epiteto de Marsillac Fontes (1896 - ?), poeta e engenheiro paulista. Além de sua carreira como engenheiro, Epiteto sempre demonstrou interesse pelas letras e frequentou a boemia paulistana. Recebeu prêmios e escreveu para diversas revistas literárias brasileiras. Concorreu, inclusive, nos “Jogos Florais”, certame literário organizado por Valdomiro Silveira e Martins Fontes, que objetivava descobrir novos talentos da literatura. São obras de sua autoria *Amor de sogra* (1938) e *Martins Fontes, irmão de Assis* (1938).

<sup>251</sup> Obra não localizada pela pesquisa.

## 58. FONTES, Epiteto. 2 abr. 1921.

São Paulo, 2 de abril de 1921.

Dr. Valdomiro Silveira.

Meu amado mestre;

Para o encanto de algumas horas, um meu camarada, q. já aprendera comigo a admirá-lo, trouxe-me a ler uma série de livros novos. E tão arredio ando eu de literatura e jornais, que certo não imaginará em que suspiro e enlevo tive em mãos *Os caboclos*. Para mim, não foram revelação, mas motivo de imenso, desmedido orgulho: – orgulho justificado e múltiplo de patricio, amigo e de um discípulo.

Valdomiro era para todos nós uma formidável árvore subtropical: conheciam-se lhe apenas as flores admiráveis, porque a mesma irregularidade do clima em estações mal definidas, não permitia que se amadurassem os florados imensos. Mas ninguém descreu da seiva ascendente e criadora; todos a sentiam palpitante e um dia – há sempre um dia de soberano desprendimento na vida dos homens e das árvores – ela deixou cair, p<sup>a</sup> a inveja de todas as árvores, e delícia de todos os homens – um fruto magnífico, no meio de uma grande messe.

Perdoe Valdomiro Silveira, Valdomiro o incomparável, no desacerto de minhas imagens, o calor de meu entusiasmo. Mas *Os caboclos* são joias do mais fino labor. Disse joia, e mal; digo escrínio – e não basta. Não me satisfaz.

Ah! bem haja, mau grado meu, essa maravilhosa língua portuguesa, que, à feição da Fortuna, abre os seus tesouros a uns, tudo sonhando aos outros. Eu, nem expressões me ocorrem e, quando, na ânsia da perfeição, julgo ter em mãos pepita, entre os dedos elas se me estorroam, afinal, em migas de baritina e sílica.

Muito se tem exaltado a simplicidade<sup>252</sup> da Arte de Valdomiro. Tenho para mim, porém, que ela é infinitamente complicada. E a prova de que afirmo está em que muitos o seguem como alunos, ninguém o imita como Artista. “Simples”, e mal se resume muita crítica.

---

<sup>252</sup> Para exemplificação, no próprio prefácio da primeira edição de *Os caboclos* (1920), seu irmão Agenor Silveira, em carta para Monteiro Lobato, escreve: “Trazia Valdomiro a público cenas inéditas da roça, tipos, costumes, paisagens e aspectos inteiramente novos do sertão, servindo-se para isso de um estilo próprio e inconfundível, e de uma arte superior, cuja simplicidade impressionava”. (1962, p. 10). René Thiollier, em “A propósito dos Caboclos”, artigo no *Jornal do Commercio* em 7 de março de 1921, reitera: “É singelo – como diz Agenor. E, na sua singeleza, no bruhido da sua frase de uma limpidez brilhante, não há um traçozinho, - um epíteto, uma imagem, que amavelmente nos não revelem o desvelado apuro do seu delicado bom gosto”. A. Fernandes, por sua vez, publica no *Diário de Pernambuco*, em 22 de março de 1921: “Em todos os demais trabalhos [contos] essa naturalidade e essa ingenuidade tem o mesmo e pronunciado acento. E só por ser um livro natural e ingênuo,

Simples também é um raio de sol. Nada há mais simples: mas que prodigiosas, infinitas vibrações [para] a harmonia de cores que o entretecem, e que o espectro revela na palheta do íris.

Quando a ciência dos nossos dias, começa de rejeitar, por absurda, a teoria dos corpos simples, no mundo material, como aceitá-la no das ideias, infinitamente mais complicado, por isso que imaterial e imponderável? Uma gota de orvalho, uma coluna jônica, um sorriso de mulher são coisas simples, dizem, e escondem, no entanto, mundos de frescura, de geometria, e de mistério. A simplicidade só existe à superfície das coisas, para os olhos superficiais. Certo sei que a crítica indígena, com chamar-lhe simples, só quis elogiar o mestre. Mas há elogios que insultam. Esse é um deles. Daí o meu protesto, de discípulo, que ainda o não pôde ser.

[Demos] que lhe chamassem de translúcido, luminoso, cristalino; simples é que não; simples é negação de profundo, sendo cristalino.

Ademais, a Arte a quem não n'a entende, é como luz para o cego de nascença: sente-lhe o calor, a vibração, mas não se extasia no seu deslumbramento.

Receba, meu grande abraço e meu êxtase de deslumbrado.

Afetuosamente

Epiteto

Rua Maria Antônia, 79.

*Carta assinada: "Epiteto", datada: "São Paulo, 2 de abril de 1921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 3 folhas; 29,3 x 21,5 cm.*

## **59. FONTES, Epiteto. 14 nov. 1938.**

S. Paulo, 14 de novembro de 1938.

Meu amado Valdomiro Silveira.

Um bom dia santista!

---

um 'livro de boa fé' como diria Montaigne, só por isto, esse livro teria o seu traço inconfundível...". Outro crítico, Xavier Marques, acentua esse traço, no Jornal *O Imparcial*, em 26 de julho de 1921: "Mas então é o próprio autor a advertir que foi excessiva na linguagem dos contos, a proporção do regionalismo linguístico, de caipirismo, ou se o quiserem, de dialeto. E francamente, é esta a única restrição que sofre o alto apreço em que tenho o seu estilo de contista simples, conciso e vigoroso, em uma obra que tem legítimos títulos à sua incorporação na literatura nacional."



De regresso do Rio, encontrei o tesouro de sua carta (6.9.38). E não sei de palavras com que lhe conte de minha mágoa por lhe ter erradamente escrito o nome glorioso.<sup>253</sup> Essa “crueldade” nós a devemos a Vicente de Carvalho. Quando menino, frequentando a casa encantadora do grande Poeta, perguntei-lhe por que motivo escrevia em *Poemas e Canções*<sup>254</sup> – Carta a W.S.<sup>255</sup>. Não era Valdomiro? Com uma solicitude, que eu não merecia, e uma bondade, que não esquecerei – o lírico maravilhoso discorreu longamente provando o acerto daquele W. Não me foi possível, através do tempo, olvidar a lição perfeita. Isto lhe conto, Mestre luminoso e amigo, não para justificar-me mas para dizer ao seu coração, entre muitos, a razão por que me perdoará.

Um literato francês, que por aqui anda, pediu-me permissão para traduzir a plaquete “Martins Fontes”. Queira Deus o faça, não por mim que nada quero e nada conto, mas pelo nosso Zezinho. Foram páginas escritas para *In Memoriam* em uma noite de profunda saudade. De muitos recantos do Brasil, e de Portugal, Argentina, Uruguai chega-me à ressonância de emoção que a figura evocada desperta.

Sabe Valdomiro – e peço a vosmicê que o saiba – que eu só ia a Santos para rever três amigos fulgurantes e imensos: Valdomiro, Zezinho e o Mar.

*Os caboclos, Nas serras e nas furnas e Mixuângos* são reservas incontestáveis de beleza, ímpares e únicos em nossas letras. Quando virão os outros? Por que não aproveita os intervalos do escritório, licença obtida do patrão, para lançar os grandes livros?

Três cartas minhas deixou sem resposta: jura que não as perdeu entre os [minutos] de agravos.

Qual é o endereço do Agenor?

Minhas homenagens à exma. dona Isabel e creia-me, através dos anos e da vida, o mais fiel dos Servidores e amigos, o mais comovido e crescente admirador

Epiteto Fontes

R. Francisco Leitão, 411.

*Carta assinada: “Epiteto Fontes”, datada: “S. Paulo, 14 de nov.º 38”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 18,3 x 17,3 cm. Envelope: 9,7 x 18,5 cm., carimbo ilegível.*

<sup>253</sup> Em muitas cartas e jornais de seu acervo, Valdomiro Silveira corrige, em tinta preta bem marcada, seu nome com “V”.

<sup>254</sup> Livro de Vicente de Carvalho, publicado em 1909.

<sup>255</sup> Poema pertencente ao livro de Vicente de Carvalho. Na primeira edição, o título consta como “Carta a W.S.”, explicando a confusão de Epiteto Fontes.

**60. GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz<sup>256</sup>. 17 abr. 1914.**

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO  
RUA AUGUSTO SEVERO, 28.  
PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1914.

Exmo. Sr. Dr. Valdomiro Silveira.

Em sessão de 11 do corrente e sob proposta do Sr. Dr. Vieira Fazenda<sup>257</sup>, a Comissão Executiva do Primeiro Congresso de História Nacional<sup>258</sup>, por unanimidade de Sufrágios, elegem V. Ex<sup>a</sup>. para relator da tese 8<sup>a</sup> “Da influência estrangeira em nossas letras”, da Seção de História Literária e das Artes.

Tão alevantados são os fins do Primeiro Congresso de História Nacional que espero não recusará V. Ex<sup>a</sup>. o seu valiosíssimo concurso tratando da referida tese.

A Comissão Executiva do Primeiro Congresso de História Nacional conta com o auxílio de V. Ex<sup>a</sup>. certa do seu patriotismo, pois esse certâmen vai ser principalmente uma bela e eficaz demonstração do amor pátrio.

Aguardando a resposta, que confio seja benévola, e no mais curto prazo possível, peço a atenção de V. Ex<sup>a</sup>. para as regras 5<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> das bases do Congresso.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Ex<sup>a</sup>. meus protestos de elevado apreço.

O Presidente da Comissão

Dr. B. F. Ramiz Galvão.

*Carta assinada: “Dr. B. F. Ramiz Galvão”, datada: “Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1914”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folhas; timbrado: “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [...]”; 32,5 x 22 cm.*

<sup>256</sup> Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846 – 1938), médico e escritor gaúcho. Formou-se Medicina no Rio de Janeiro em 1866 e, posteriormente, foi diretor da Biblioteca Nacional e dirigiu, de 1872 a 1883 os *Anais da Instituição*. Algumas de suas produções: *O púlpito no Brasil* (1867), *Galeria de história brasileira* (1900) e *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega* (1909).

<sup>257</sup> José Vieira Fazenda (1874 – 1917), médico e historiador carioca. Escreveu diversos artigos históricos sobre o Rio de Janeiro no jornal *A Notícia*. Algumas publicações: *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro* (1904) e *Os provedores da Santa Casa da Misericórdia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro* (1912).

<sup>258</sup> Com os estudos nacionalistas em voga, o evento promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), de acordo com a historiadora Lucia Maria Paschoal Guimarães (UERJ) no artigo “Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX” (2005), buscava sistematizar os estudos históricos disponíveis. Valdomiro Silveira não consta como participante do Congresso.

**61. GRIECO, Agripino<sup>259</sup>. 11 out. 1927.**

GABINETE DO MINISTRO DA VIAÇÃO

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1927.

Meu caro Valdomiro:

Quem aí vai é o meu amigo Tito Bezerra de Meneses, filho de um ilustre médico e sobrinho do mesmo comum amigo José Geraldo Bezerra de Meneses, grande entusiasta dos teus contos, espírito de luz e flama a quem deve a revelação dos teus sertanejos e das tuas paisagens maravilhosas. Esse rapaz, bom e culto, irá aí trabalhar na filial do Banco do Brasil.

Como ele nunca se separou da família, conforta-o aí com o teu coração e a tua bondade. Apresente-o também ao Fontes e a outros bons camaradas paulistas. Abraços do teu

Agripino Grieco.

*Carta assinada: "Agripino Grieco", datada: "Rio, 11-10-927". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Gabinete do Ministro da Viação"; 27,3 x 21 cm.*

---

<sup>259</sup> Agripino Grieco (1888 – 1973), crítico literário e escritor nascido em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Desde muito novo interessou-se pelas letras e criou vínculos com intelectuais, como Olavo Bilac, Machado de Assis e Rui Barbosa. Publicou seu primeiro livro de poemas, *Ânforas*, em 1910, recebendo menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Escreveu sobre a obra de Valdomiro Silveira no jornal *A Manhã*, em 28 de junho de 1927. É autor, dentre outras obras, de *Estátuas mutiladas* (1913), *Fetiches e fantoches* (1921), *Caçadores de símbolos* (1923) e *Gente nova do Brasil* (1933).

**62. GUALBERTO, Luciano<sup>260</sup>. 30 jun. 1941<sup>261</sup>.**

PROF. LUCIANO GUALBERTO

LENTE CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA

SÃO PAULO

Meu caro Waldomiro Silveira.

Bom dia.

Recebi sua carta, tão amiga, tão afetuosa, que me deu grande contentamento. As polainas do René Thiollier estiveram no meu consultório e me falaram sobre a má vontade que poderia, de futuro, haver contra a Academia de São Paulo por parte da Brasileira. Estava já eleito, mas como desejo entrar para o Cenáculo de vocês com a maior cordialidade, desisti em benefício do embaixador.

Agora vem a vaga do Basílio de Magalhães e já estou com a eleição garantida, pois já assinaram 17; com você e o Freitas Guimarães<sup>262</sup>, o Cassiano, Aristeu, Altino e Godofredo e outros já tenho maioria absoluta.

Agradeço a sua assinatura e, sobretudo, a sua carta fraternal. Um grande abraço, com extensão ao Agenor.

Do coração

Luciano.

30 de junho de 1941.

*Carta assinada: "Luciano", datada: "30-5-41". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folhas; timbrado: "Prof. Luciano Gualberto [...]"; 10,8 x 16,7 cm. Envelope: 14 x 16 cm., carimbo: "SANTOS – TRÁFEGO NOITE – S. PAULO – 2 VI 41".*

<sup>260</sup> Luciano Gualberto (1883 – 1959), médico e poeta carioca. Publicou *Poemas* (1944).

<sup>261</sup> Provavelmente, Gualberto não sabia do falecimento de Waldomiro Silveira, ocorrido no dia 3 do mesmo mês.

<sup>262</sup> José de Freitas Guimarães (1873 – 1944), advogado e escritor mineiro. Amigo de Waldomiro Silveira.

**63. LEITE, Aureliano<sup>263</sup>. 16 ago. 1937.**

BANCADA PAULISTA  
SECRETARIA  
EDIFÍCIO GUINLE  
11º ANDAR – SALAS 1116/18  
AVENIDA RIO BRANCO, 137  
TELEPHONE 23-1324  
RIO DE JANEIRO

Caro Valdomiro Silveira.

Aqui no Rio, certa vez, falando-se no seu nome, um dos nossos expoentes, parece-me que Levi Carneiro<sup>264</sup>, teve esta frase:

– Esse, que era notável, morreu para a literatura. A política matou-o...

Recebendo, neste instante, o seu novo livro<sup>265</sup>, vou levá-lo à Câmara, para que todos vejam que, quando se é como você um verdadeiro artista, a própria política respeita...

Meus parabéns! E meus agradecimentos cordiais pelo prazer que me vai dar o seu livro.

Rogo-lhe transmitir as minhas homenagens à sua Senhora.

Seu afetuosamente,

Aureliano Leite.

[Rio de Janeiro], 16 de agosto de 1937.

*Carta assinada: “Aureliano Leite”, datada: “16-08-1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Bancada Paulista Secretaria [...]”; 17 x 11,1 cm. Envelope: 12,2 x 18,3 cm.*

<sup>263</sup> Aureliano Leite (1886 – 1976), advogado e político mineiro. Por ter atuado na Revolução Constitucionalista de 1932, foi deportado para a Europa. Regressando ao país, Leite foi eleito deputado por São Paulo até 1937. Algumas de suas obras: *Dias de pavor* (1924), *Brio de caboclo* (1929), *Memórias de um revolucionário* (1931) e *Pequena história da Casa Verde* (1939).

<sup>264</sup> Levi Fernandes Carneiro (1882 – 1971), professor e político carioca. Recebeu diversos prêmios na área das ciências jurídicas e foi fundador, em 1932, da Ordem dos Advogados do Brasil. Publicou *Do judiciário federal* (1905), *A nova legislação da infância* (1930) e *Pela nova constituição* (1936).

<sup>265</sup> *Mixungos*, livro de Valdomiro Silveira publicado em 1937.

**64. LÍBERO, Cásper<sup>266</sup>. 27 abr. 1925.**

A GAZETA

DIRETOR-PROPRIETÁRIO: DR. CÁSPER LIBERO – SECRETÁRIO: MIGUEL FLEXA – GERENTE: FRANCISCO MORAES FILHO

São Paulo, 27 de abril de 1925.

Exmo. Sr. Dr. Valdomiro Silveira

Santos

Muito saudar.

Comemorando o 20º aniversário de sua fundação e inaugurando, na passagem dessa efeméride, a nova máquina de impressão recém-importada da Alemanha, A *GAZETA*<sup>267</sup> pretende publicar, em princípios de maio entrante, uma edição especial, com a colaboração de alguns dos nomes mais representativos da intelectualidade brasileira. Entre estes, figura, evidentemente, o de V.S., cujo concurso não queremos e nem podemos dispensar, para maior brilho do número excepcional que projetamos dar à publicidade. Nessas condições, tomamos a liberdade de pedir-lhe uma produção inédita – naturalmente remunerada – de modo, porém, que os respectivos originais, nos sejam entregues até o dia 10 do mês vindouro, o mais tardar. Rogamos-lhe, outrossim, remeter-nos ao mesmo tempo, uma de suas mais recentes fotografias, a fim de que possamos ilustrar, como é nosso desejo, a colaboração que tiver a gentileza de enviar a esta folha.

Sem outro motivo, subscrevemo-nos, com apreço e admiração,

De V.S.

A *GAZETA*

Cásper Libero.

---

<sup>266</sup> Cásper Líbero (1889 – 1943), jornalista paulista. Após formar-se na Faculdade de Direito de São Paulo, fundou o *Última Hora*, no Rio de Janeiro, e a *Agência Americana*, em São Paulo. Em 1918, criou *A Gazeta*, que trazia inovações em técnicas de gravura e impressão gráfica. Teve posição de liderança na Revolução Constitucionalista de 1932. Figura de grande prestígio na comunicação, Cásper Líbero presidiu a Federação Nacional da Imprensa em 1940.

<sup>267</sup> *A Gazeta*, jornal de grande circulação, fundado por Adolfo Campos de Araújo em 1906. Com o falecimento de Araújo, Casper Líbero comprou o jornal em 1918, reformulando-o, para torná-lo o primeiro jornal em cores do país. Outra grande inovação do jornalista foram as colunas dedicadas exclusivamente aos esportes, *A Gazeta Esportiva*. O falecimento de Casper Libero, em 1943, fez com que a revista estagnasse e, anos depois, se extinguisse.

É obséquio fazer seguir com urgência uma carta idêntica, endereçada ao Dr. Martim Francisco<sup>268</sup>.

*Carta assinada: “Casper Libero”, datada: “São Paulo, 27 de abril de 1925”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “A Gazeta [...]”; 28,5 x 21 cm.*

---

<sup>268</sup> Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1853 – 1927) nasceu em São Paulo. Advogado e escritor. Fundou, com Valdomiro Silveira, escritório de advocacia em Santos

**65. LOBATO, Monteiro<sup>269</sup>. 24 set. 1917.**

Caçapava, 24 de setembro de 1917.

Amigo Valdo,

Quando aí te propus editar os Contos<sup>270</sup>, conhecia pouco da trama do negócio. Julgava que estes 25 milhões de brasis lessem um pouco mais e que a literatura tipo 1, 2 e 3 recebesse das editoras paga, se não digna do mérito, pelo menos decente. Verifiquei que a [ilegível] indecente. O comum é darem eles – Alves<sup>271</sup> e outros – 10% sobre o preço do livro à proporção da venda, caso não adquiram propriedade da edição por uns mil réis que raro chegam a conto (O Euclides<sup>272</sup> recebeu 200\$ pelos *Sertões*<sup>273</sup>!). De modo que, tudo ponderado, inclusive os 30% que levam os livreiros pela consignação, faço-te esta indecorosíssima proposta: ou 500\$ pela propriedade da 1ª edição, ou 10% sobre o preço do vol. à medida que forem vendidos, entendida como tiragem de 2000 exemplares a 3\$000 o volume. Que vergonha, hein? Acho que deves recusar com indignação. Todavia se por mal-entendida [ilegível] ao ponto de aceitar a irrisória proposta, o livro que tanta falta faz a uma literatura virá iluminar as estantes de todas as criaturas de bom gosto. Responda com indignação.

Lobato.

*Carta assinada “Lobato”, datada: “Caçapava, 24. set. 917”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 30 x 11 cm.*

<sup>269</sup> José Bento Renato Monteiro Lobato (1882 – 1948) nasceu em Taubaté, São Paulo. Escritor, contista, tradutor e precursor da literatura infantil no Brasil. Formou-se em 1904 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Comprou, em 1918, a *Revista do Brasil*, iniciando sua carreira como editor. Fundou, em 1920, a Monteiro Lobato & Cia, importante empreendimento comercial interrompido em 1925. Algumas de suas obras: *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919), *A menina do narizinho arrebitado* (1920) e *Geografia da Dona Benta* (1935).

<sup>270</sup> Contos de Valdomiro Silveira que posteriormente formariam *Os caboclos* (1920), publicados pela editora de Lobato.

<sup>271</sup> Anteriormente denominada Livraria Clássica (1854). Sob direção de Francisco Alves de Oliveira, a Editora e Livraria Francisco Alves (1882) é considerada a mais antiga editora ainda em funcionamento no Brasil. Publicou, entre outros livros, *O Ateneu*, de Raul Pompeia e *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

<sup>272</sup> Referência a Euclides da Cunha.

<sup>273</sup> Livro de Euclides da Cunha, publicado em 1902, que trata da Guerra de Canudos, acompanhada de perto pelo autor. A obra denuncia o massacre que resultou na morte de aproximadamente 20 mil pessoas, narrando a dura repressão contra Antônio Conselheiro e seus companheiros.



**66. LOBATO, Monteiro. [10 ago. 1918]<sup>274</sup>**

REVISTA DO BRASIL  
SCIÊNCIAS – LETRAS – ARTES  
CAIXA POSTAL, 1373  
S. PAULO

Valdomiro,

O próximo nº da *Revista*<sup>275</sup> vem ótimo. Carlos Chagas<sup>276</sup>, Afrânio<sup>277</sup>, Vicente de Carvalho, Martim Francisco (diário) et. Só baitas!

Por isso precisavam que tu entrasses para o farrancho com um dos teus contos macotas e o Agenor com uma batelada de versos humorísticos. Aquela história do Urbano e do [Silva] não está inédita? Veja se ele nos manda com o teu conto. Esperamos até o dia 18 deste.

E abraça-te esperançado o

Lobato.

*Carta assinada “Lobato”, datada: [10-08-18]. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; timbrado: “Revista do Brasil Sciencias Letras Artes [...]”; 27,5 x 21 cm.*

<sup>274</sup> Data presumida por D. Júnia Silveira Gonçalves, registrada na própria carta.

<sup>275</sup> *Revista do Brasil*, criada em 1916 por Júlio de Mesquita e dirigida também por Monteiro Lobato, que a compra em 1918. Plínio Barreto atuava como redator-chefe. Já em sua primeira edição, a *Revista do Brasil* apresenta-se como nacionalista. Foi vendida por Monteiro Lobato para Assis Chateaubriand, em 1925. A carta refere-se ao número 32 do periódico (volume VIII, de 1918). Nessa edição, Carlos Chagas publica “A doença do barbeiro”; Afrânio Peixoto, “A antiga e a nova medicina: higiene”; Vicente de Carvalho, “Luizinha (comédia)” e Martim Francisco, “Viajando”. Há também colaboração de Mário de Alencar, Rodolfo Teófilo, Alberto Faria, Antônio Salles, Miguel Osório de Almeida, Roquette Pinto e outros. Não foram encontradas colaborações de Valdomiro Silveira.

<sup>276</sup> Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1879 – 1934) nasceu em Oliveira, Minas Gerais. Médico sanitário e cientista. Descobriu o protozoário *Trypanosoma cruzi* e a doença *Tripanossomíase americana* (*Doença de Chagas*, em sua homenagem). Colaborou na *Revista do Brasil*, divulgando matérias sobre a questão sanitária.

<sup>277</sup> Júlio Afrânio Peixoto (1876 – 1947) nasceu em Lençóis, Bahia. Foi médico e escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras. Iniciou-se na literatura com o livro *Rosa mística* (1900), que posteriormente rejeitou. Publicou *A esfinge* (1911), os romances regionalistas *Maria Bonita* (1914), *Fruta do mato* (1920) e *Bugrinha* (1922), entre outros. Assinou estudos sobre obra de Camões e Euclides da Cunha.

**67. LOBATO, Monteiro. 1 ago. 1920.**

REVISTA DO BRASIL  
CAIXA, 2-B  
S. PAULO

São Paulo, 1 de agosto de 1920.

Agenor.

Recebi a tua carta. E aqui ficaram prontas para tratar com o V. o negócio, que será: darem-te o custo da tiragem mais 20% do valor do livro. O Azambuja<sup>278</sup> aparece sempre por cá e conversamos a respeito.

O Correia<sup>279</sup> leu a tua carta. *Os caboclos*<sup>280</sup> já estão adiantados, e em mto fiz uma pequena revisão. A 2ª será do autor.

Adeus. Abraços de

Lobato.

*Carta assinada "Lobato", datada: "SP. 1.8 - 920". Autógrafo a tinta preta; papel verde; 1 folha; timbrado: "Revista do Brasil [...]"; 21,2 x 14,7 cm.*

---

Valdo.

Bravo! Com o concurso desse Friedenreich<sup>281</sup> aí de Santos, mais o de S. Bernardo, organizo meu time<sup>282</sup> de conquistar a taça da Hegemonia Literária de S. Paulo em três tempos. Bravo!

Que venha o Rolando<sup>283</sup> e o [Gunga], e os versos de Agenor quanto antes, para termos revisão perfeita.

---

<sup>278</sup> Darcy Pereira de Azambuja (1903 – 1970) nasceu em Encruzilhada do Sul, Rio Grande do Sul. Advogado e escritor. Publicou *Romance antigo* (1940) e *Coxilhas* (1957).

<sup>279</sup> Viriato Correia (1884 – 1967) nasceu em Pirapemas, Maranhão. Jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras. Como jornalista trabalhou no *Correio da Manhã*, *Folha do Dia* e *Jornal do Brasil*. Fundou dois jornais, *A Rua* e *Fafazinho*. Destacou-se na produção de narrativas históricas. Assim como Lobato, também se dedicou à literatura infantil, publicando *História do Brasil para crianças* (1934), *Cazuza* (1938) e *As belas histórias da história do Brasil* (1948). Ao lado de Coelho Netto e Afrânio Peixoto, publicou *O mistério* (1920), primeiro romance policial brasileiro, editado por Monteiro Lobato.

<sup>280</sup> Primeiro livro de Valdomiro Silveira, publicado em 1920 pela editora de Monteiro Lobato.

<sup>281</sup> Arthur Friedenreich (1892 – 1969) nasceu em São Paulo. É considerado a primeira estrela do futebol brasileiro.

<sup>282</sup> Na carta: "team".

<sup>283</sup> Poema de Martins Fontes que figurou o volume XVI da *Revista do Brasil*, publicada em janeiro de 1921.

Adeus.

Lobato.

*Cartão assinado “Lobato”, datado: “SP. 1.8-920”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 9,4 x 12,5 cm.*

**68. LOBATO, Monteiro. 15 nov. 1920.**

São Paulo, 15 de novembro de 1920.

Valdomiro.

Em janeiro próximo tencionamos dar um número (*Rev. do Brasil*), um número de arromba. Um número que arrombe as portas da indiferença pública e permita uma marca desembaraçadora a essa publicação durante o resto do ano. E quero reunir nesse número só escritores de minha predileção<sup>284</sup>. Ora você é dos tais. Podes mandar-me um conto?<sup>285</sup> Nem que seja coisa publicada, a sair em livros futuros. Preciso dá-lo ilustrado, e era bom que viesse quanto antes a fim de cuidarmos dos desenhos. *Os caboclos* já estão com a cabeça de fora. Antes de dezembro estouram.

Escrevi hoje ao Fontes sobre versos para esse [número] de janeiro e peço-te que o auxilies na obtenção destes.

Adeus,

Lobato.

*Carta assinada “Lobato”, datada: “S. Paulo 15. Nov. 920”. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; 27,5 x 21,5 cm. Envelope: 11,3 x 14 cm., carimbo: “SANTOS – 10 HORAS – 14 JAN.”.*

<sup>284</sup> Além de Valdomiro Silveira, os outros escritores divulgados nesse mesmo número foram Alberto Rangel, Amadeu Amaral, Martins Fontes, Agenor Silveira e Baptista Cepelos. Na mesma edição, Lobato anuncia que a revista passará a ser dirigida também por Amadeu Amaral e Afrânio Peixoto.

<sup>285</sup> O conto publicado é “Gunga-Muquixe”, que faz parte de *Nas serras e nas furnas* (1931).

**69. LOBATO, Monteiro. [16 nov. 1920].**

Valdomiro

Já está à venda o teu livro<sup>286</sup>. E agora? Queres distribuí-lo à crítica ou fazemos nós? Já mandei para todos os jornais de S. Paulo; Falta[m] o Rio e o resto. Mando-te 50 exemplares. Adeus. Arranquei hoje dez dentes e estou tímido.

Lobato.

*Carta assinada “Lobato”, data presumida por D Júnia Silveira. Autógrafo a tinta preta; papel creme, pautado; 1 folha; 27 x 20,8 cm. Envelope: 12 x 15 cm., carimbo: “AG. DE SANTOS – 20 HORAS – 16 NOV”.*

**70. LOBATO, Monteiro. 8 fev. 1922.**

MONTEIRO LOBATO & C<sup>a</sup>  
EDITORES – SÃO PAULO

ESCRITÓRIO E DEPÓSITO:  
RUA SANTA IFIGÊNIA, 3-A  
(EM FRENTE À IGREJA)

TELEPHONE 6278 – CIDADE  
CAIXA, 2-B

São Paulo, 8 de fevereiro de 1922.

Ilmo. Sr. Dr. Waldomiro Silveira  
Santos.

Amigo e sr.

Endereçamos-lhe a presente para informar-lhe que pelo balanço de nossa casa em 31 do dezembro pp. verificamos ainda existir em estoque<sup>287</sup> 257 exemplares de seu livro *Caboclos*,

---

<sup>286</sup> *Os caboclos* (1920).

<sup>287</sup> Na carta: “stock”.

todos encadernados. – Nesta conta não estão incluídos os que estão espalhados por todas as livrarias do Brasil, à consignação.

Sendo o que se nos oferece no momento comunicar-lhe, nos firmamos, com subida consideração e apreço,

De V.S.

Amos. Attos. Obrdos.

Monteiro Lobato & Cia.

*Carta assinada por “Monteiro Lobato & Cia”, datada: “São Paulo, 8 de fevereiro de 1922”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Monteiro Lobato & Cia Editores São Paulo [...]”; 27,8 x 21,5 cm. Envelope: 12 x 15 cm., carimbo: “SANTOS – 10 HORAS – 9 FEV”.*

### **71. LOBATO, Monteiro. 27 jun. 1930.**

New York, 27 de junho de 1930.

Valdomiro,

Esta manhã pensei muito em você, sem que aparentemente houvesse uma causa determinante. Talvez porque ontem estive estudando as origens e variações da palavra *wise* – e quem pode pousar a ideia nessa palavra sem se recordar do Valdomiro?

Logo depois recebi jornais daí com a notícia da morte do João. Venho trazer meu abraço de pêsames, bem apertado – e fico na dúvida se o fato da manhã não foi provocado também por qualquer misterioso telismo.

Do cada vez mais saudoso

Monteiro Lobato.

3505 Broadway, New York City.

*Carta assinada “Monteiro Lobato”, datada: “New York, 27 de junho, 1930”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27,7 x 24,5 cm.*

**72. LOBATO, Monteiro. [Sem data].**

REVISTA DO BRASIL

CAIXA, 2-B

S. PAULO

Valdo.

Tu és bom demais. És irmão de Agenor, e basta.

Quando ocupará a *Revista* com um conto? Olha que ela os paga a 70.000 réis por cabeça.

Não queres aproveitar o ensejo para ficar rico?

Lobato.

*Carta assinada "Lobato", sem data. Autógrafo a tinta preta; papel verde; timbrado: "Revista do Brasil [...]"; 21,4 x 15,9 cm*

**73. LOPES, Augusto<sup>288</sup>. 10 fev. 1921.**

Santos, 10 de fevereiro de 1921.

Prezado Mestre.

Respeitosos cumprimentos.

Não escondo a timidez, com que dirijo a V.S. estas linhas desataviadas, timidez de bisonho discípulo, ante o mentor impecável, do admirador entusiasta em presença do objeto de seu culto.

Embarça-me a ideia de que a pupila severa de V.S. não encontre, nestes gregotins traçados com mão trêmula, senão expressões triviais, lugares comuns sovados, feios salamaleques de etiqueta [cediça]... Creia, porém, na sinceridade deste, para muitos, chavão incolor: a gentileza da oferta de seu primeiro livro encantou-me sobremaneira.

A literatura regional – contritamente o confesso – sempre me inspirou incoercível quizília. Tinha-a, para mim, como caricatura sem arte, uma algaravia, em que o nosso português, casta linguagem aparece espostejada<sup>289</sup> em caçange d’[ilegível]. A leitura d’*Os caboclos* converteu-me desta heresia, pois verifiquei, prazeroso, que a culpa da obcecação caboclista dos nossos atuais autores de romance, não cabe ao mestre perfeito, ao pioneiro, ao bandeirante garimpeiro, que iniciou o movimento explorador do veio aurífero do dialeto falado em nosso “hinterland”. No interior do país, na terra roxa do café, existem pitorescos modismos de falar, que, além de revelarem a inata acuidade e sentimentalmente sadio “humor” do caipira, concorrem para opulentar o nosso mavioso idioma – isto demonstra à saciedade o livro de V.S.

*Os caboclos* são uma obra-prima, no gênero. Que frescura, que vida estuante e forte na sóbria pintura dos quadros! Quem sentir, como eu, a ingênua emoção dos contos – “Espera de amor” – “Hora quieta” – a graça mordaz de “Mexericos” – “Valentia” – a piedosa ternura de “Mamãe” – a suave melancolia de “Faiscador de Carumbé” – o deslumbramento ao mesmo tempo realista e fantástico de “Os curiangos”<sup>290</sup> (que vale, só por si, um livro, e lembra Edgar

---

<sup>288</sup> Álvaro Augusto Lopes (1896 -?), jornalista catarinense. Foi redator de *A Tribuna*, jornal santista que, com frequência, divulgava contos e discursos de Valdomiro. Trabalhou também na Prefeitura Municipal de Santos.

<sup>289</sup> Em seus contos, Valdomiro Silveira utilizava a linguagem castiça, para o narrador, e o dialeto caboclo, na fala das personagens.

<sup>290</sup> O conto narra a história de Pedro Mariano, um menino que se torna zelador de cemitério. Seu amor por Valência deixa de ser correspondido a partir do momento em que a moça descobre sua profissão e sonha que Mariano a enterra viva em um caixão azul. Após o falecimento de Valência, Mariano começa a ver, delirante, vários curiangos, que passam a atacá-lo. O paralelo entre a obra de Poe e o conto de Valdomiro pode ser observado na relação entre o corvo (poema “O corvo” de Poe), pássaro associado à morte ou ao mau agouro, e o curiangos, pássaro de hábitos noturnos e voo silencioso.

Poe<sup>291</sup>), não poderá negar ao autor de tais maravilhas o merecido lugar de destaque, entre os nossos maiores prosadores.

Parabéns, caro mestre!

Agradecendo a delicada lembrança, seu

Com sinceridade e respeito

Admº. e muito obrgo.

Augusto Lopes.

*Carta assinada “Augusto Lopes”, datada: “Santos, 10 de Fevereiro de 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 19 x 14,8 cm.*

---

<sup>291</sup> Edgar Allan Poe (1809 – 1849), escritor e crítico literário estadunidense. Temas de mistério e horror são comuns em suas narrativas. Foram consideráveis suas contribuições para o conto norte-americano e a ficção policial. Algumas publicações: *The narrative of Arthur Gordon Pym of Nantuket* (1838), *Tales of the grotesque and arabesque* (1840), *The gold bug* (1843) e *The raven and other poems* (1845).



**74. LUÍS, Washington Pereira de Souza<sup>292</sup>. 26 jan. 1920.**

PALÁCIO DOS CAMPOS ELÍSEOS

São Paulo, 26 de jan. de 1920.

Ao ilustre colega Dr. Valdomiro Silveira.

Washington Luís agradece muito penhorado a remessa de seu livro – *Os caboclos* – que já leu todo, tendo nele encontrado velhos conhecidos, muitos dos quais renovaram a emoção sentida quando pela primeira vez os avistou.

Muito obrigado por mim, e muitas felicitações pela literatura nacional.

*Carta assinada: “Washington Luis” (no corpo da mensagem), datada: “São Paulo, 26 de jan. de 1920”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Palácio dos Campos Eliseos”; 10,3 x 13 cm.*

**75. LUÍS, Washington Pereira de Souza. 16 set. 1937.**

Paris, 16 de setembro de 1937.

Ao prezado amigo Dr. Valdomiro Silveira, inteligente e consciencioso fixador do presente paulista, gratíssimo pela remessa de seu livro *Mixuangos*.

Washington Luís.

*Carta assinada “Washington Luís”, datada: “Paris, 16 de setembro 1937”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 27 x 21 cm. Envelope: 11 x 14,5 cm., carimbo: “SANTOS – 6 OUT”.*

---

<sup>292</sup> Washington Luís Pereira de Souza (1869 – 1957), político nascido em Macaé, Rio de Janeiro. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1891 e iniciou sua extensa carreira política em 1897. No Partido Republicano Paulista (PRP), ocupou diversos cargos, como deputado estadual (1904-1906), secretário estadual de Justiça (1906-1912) e presidente [governador] do estado (1920-1924), todos em São Paulo. Elegeram-se presidente da república em 1926 e, em fins de seu mandato, indicou o paulista Júlio Prestes para o substituir, em 1929, suscitando a reação do estado de Minas Gerais, uma vez que estava em voga a “política do café com leite”, na qual um político mineiro deveria assumir o cargo. Viveu exilado na Europa até 1947.

**76. LUSO, João<sup>293</sup>. 10 mar. 1937.**

São Pedro, 10 de março de 1937.

Meu querido Valdomiro,

Passsei por S. Paulo como gato sobre brasas e ainda mal restabelecido duma gripe como até hoje nenhum felino ou humano deve ter experimentado. Só assim se explica que eu o não procurasse para lhe dar uma [roda] de abraços pela sua carta magnífica e pela nossa velha e, graças a Deus, cada vez mais [enternecida] afeição. Comoveram-me deveras as palavras com que você exprimiu a sua impressão da palestra sobre “O primeiro Amadeu”. Ter-lhe-[ia] passado por baixo dos olhos a anterior, “feita” também na Academia e intitulada “Adolpho Araújo, poeta sem livro”<sup>294</sup>? Nesta, justamente, há uma referência a você, como velho pioneiro e ainda hoje príncipe do conto regional. A tal respeito – e a muitos outros, espero bem – falaremos em algum dos dias que eu aí me demorarei de regresso ao Rio.

Com os nossos melhores cumprimentos à sua senhora e a todos os seus, aqui lhe manda um abraço apertadíssimo o seu de outrora e de sempre

João Luso.

Várias pessoas aqui me têm falado de você com admiração e carinho. L.

*Carta assinada: “João Luso”, datada: “S. Pedro, 10.3.37”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 26 x 19,2 cm. Envelope: 10 x 15,5 cm., carimbo: “S. PEDRO – 12 MAR 1937”.*

<sup>293</sup> Armando Erse de Figueiredo (1874 – 1950), escritor de origem portuguesa naturalizado brasileiro. Além de João Luso, usava os pseudônimos Leopoldo Maia e Clara Lúcia. Foi diretor do *Jornal de Santos*, em 1898, e secretário de Rui Barbosa na capital carioca. Participou do mesmo círculo social e literário de Valdomiro. Escreveu a peça *Nó cego*, premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1911; sócio correspondente da instituição em 1932. São de sua autoria as obras *Contos da minha terra* (1896), *Ao sol e à neve* (1909), *O despenhadeiro* (1925), *Ares da cidade* (1935) e *Vocês, criminosos* (1938).

<sup>294</sup> As duas palestras de João Luso estão publicadas em seu livro *Orações e palestras* (1941). Na última, “Adolpho Araújo, o poeta sem livro”, Luso menciona Valdomiro Silveira como o criador do conto regional paulista.

**77. LUSO, João. 17 ago. 1937.**

ACADEMIA BRASILEIRA

17 de agosto de 1937.

Valdomiro querido,

abraço-te de todo coração pelo teu belo e grande livro. Dele falaremos mais devagar. Por hoje, apenas isto: não irá contra os teus princípios intelectuais ou afetivos – a história do nosso Fontes<sup>295</sup> não deve continuar a influir, porque hoje a conheces tal qual é – a apresentação de *Mixuangos* à Academia? Se lês de vez em quando as resenhas das sessões, saberás que essas entregas são feitas, no expediente, com as palavras que o portador haja por bem proferir no momento. Trata-se de comunicações curtas, naturalmente, mas cujos termos dependem da admiração de cada um pela obra em questão. Portanto, responde: [Ter-te-á] agradável enviar-me o livro, com uma dedicatória singela à Ilustre Companhia? E não preferirás, por qualquer motivo ou consideração, que seja outro o portador?

Grandes saudades e abraços a todos os teus. Sempre e cada vez mais de coração,

João Luso.

*Carta assinada: “João Luso”, datada: “17.8.37”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Brasileira”; 20 x 14 cm. Envelope: 11,4 x 14,5 cm.*

---

<sup>295</sup> O falecimento de Martins Fontes ocorre em 25 de junho de 1937, aproximadamente dois meses antes do envio da carta de João Luso e no mesmo ano da publicação de *Mixuangos*.

**78. MACHADO, Alcântara<sup>296</sup>. 24 mar. 1936.**

ALCÂNTARA MACHADO  
ALMEIRINDO M. GONÇALVES  
RUA NOGUEIRA MARTINS  
ADVOGADOS  
RUA SENADOR FEIJÓ, 12-1º  
TELS. 2-1917 e 2-2098

[São Paulo], 24 de março de 1933.

Reuniu-se hoje,

meu caro Valdomiro Silveira, a nossa Academia<sup>297</sup>. Deliberou celebrar o centenário de Paulo Eiró, em uma sessão pública, designando v. p. fazer o elogio ao desventurado poeta santamarense<sup>298</sup>. *Noblesse oblige*<sup>299</sup>: ele é o seu patrono. E talento obriga: ninguém poderá, com mais elegância e discernimento, evocar-lhe a obra e a figura. O Dr. José Gonçalves já escreveu sobre o caso ao Agenor. Tem ele uma documentação q. me parece completa. Eu também conservo entre os meus guardados alguns versos do coitado. Não deixe, em todo o caso, de ler uma conferência<sup>300</sup> proferida pelo Amadeu Amaral na Societ. de Cultura Artística

---

<sup>296</sup> José Alcântara Machado de Oliveira (1875 – 1941), advogado e escritor paulista. Membro da Academia Paulista de Letras e presidente da instituição entre os anos de 1919 a 1935. Em 1931, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, e, após a morte de Amadeu Amaral, ocupa o cargo de presidente. São algumas de suas produções: *O hipnotismo* (1895), *Suicídios na capital de S. Paulo* (1905), *Alocuções* (1921) e *Vida e morte do bandeirante* (1929).

<sup>297</sup> Academia Paulista de Letras.

<sup>298</sup> Valdomiro Silveira publicou “Paulo Eiró” em *A Tribuna*, de Santos, em 1936.

<sup>299</sup> Expressão francesa: “a nobreza obriga”.

<sup>300</sup> Texto recolhido em *Conferências (1912 – 1913)*, publicado pela editora da Sociedade de Cultura Artística (1914). Trata-se de elocução focalizando Raimundo Correia, proferida em 16 de setembro de 1912.

publicada<sup>301</sup> no *Estado*, nº 30 e 31 de maio de 23. Encontrará outros [ilegível] em J. J. Ribeiro (cronologia, 2º volume) e em D. Vampré<sup>302</sup> (*Memórias de Academia*<sup>303</sup>, 77).

A Academia renasce e prospera com entusiasmo crescente. Para a vaga de Gama Cerqueira<sup>304</sup> assuntamos o nome a Manuel Carlos<sup>305</sup>. Para a de Veiga Miranda<sup>306</sup>, entrará, se aceitar o convite, o Plínio Barreto. Dois nomes de primeira grandeza. “Ça ira”. Falta-nos apenas, p. completar a constelação, o Martins Fontes. A aquisição deste fica a seu cargo. Um abraço do

Mto am.

Alcântara Machado.

*Carta assinada: “Alcântara Machado”, datada: “24.3.36”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Alcântara Machado Almeirindo M. Gonçalves [...]”; 23,5 x 16 cm.*

<sup>301</sup> Em *O Estado de S. Paulo*, na edição de 30 de maio de 1913, consta o anúncio do sarau literário-musical na Casa de Cultura Artística, realizado no Salão Germânia. A parte musical ficou sob direção do músico João Gomes Júnior. Os poemas foram recitados por Ricardo Gonçalves e Roberto Moreira (página 2, 1913). Não há referência a Amadeu Amaral. (Artes e Artistas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de maio de 1913. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19130530-12581-nac-0002-999-2-not>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021). Na edição de 31 de maio, o jornal divulga a programação do evento, que aconteceria no mesmo dia. (Artes e artistas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de maio de 1913. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19130531-12582-nac-0002-999-2-not>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021).

<sup>302</sup> Spencer Vampré (1888 – 1964), advogado e político paulista. Diretor da Faculdade de Direito de S. Paulo em 1938 e membro da Academia Paulista de Letras. Publicou *Das sociedades anônimas. Comentários às consolidações das leis sobre sociedades anônimas e em comandita por ações* (1914), *O que é Código Civil* (1916), *Guia fiscal das sociedades anônimas* (1919) e *Memórias para a história da Academia de São Paulo* (1924). Quando Valdomiro Silveira faleceu, em 1941, Vampré homenageou-o em conferência na Academia Paulista de Letras. No discurso, além de dados biográficos do autor, ressalta a importância da obra valdomiriana, ao enriquecer “as letras de nossa terra”. A conferência encontra-se publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 4 partes, entre 27 de agosto e 7 de setembro.

<sup>303</sup> VAMPRE, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1924.

<sup>304</sup> Luís Barbosa da Gama Cerqueira (1865 – 1936), político e advogado carioca. Foi um dos fundadores do Partido Democrático (PD) e deputado federal em 1927 e em 1934.

<sup>305</sup> Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz (1885 -1967), poeta e professor paulista. Dedicou-se à magistratura e exerceu docência na Faculdade de Direito de São Paulo. Publicou *Poesias* (1934), *Noção ontológica do processo* (1936) e *Notas sobre a competência por conexão* (1937).

<sup>306</sup> João Pedro da Veiga Miranda (1881 – 1936) engenheiro, escritor e político nascido em Campanha, Minas Gerais. Após formar-se na Escola Politécnica de São Paulo em 1904, atua como professor de italiano em Ribeirão Preto, interior paulista. Fundador da revista política *O Comentário* e da revista literária *Paulópolis*, junto de Horácio Rodrigues. Dedicou-se, também, ao estudo literário do poeta Álvares de Azevedo. Seu livro *Mau olhado* (1918), reeditado por Monteiro Lobato em 1925, se passa na zona rural de São Paulo, dialogando com as obras de Valdomiro. É autor de *Dulce* (1904), *Pássaros que fogem* (1908), *Maria Cecília e outras histórias* (1930) e *Os faiscaidores* (1931). Este, consta com uma apreciação crítica do primeiro livro de Valdomiro Silveira.

**79. MACHADO, Alcântara. 7 jan. 1941.**

2 2/3, r. Frederico Steidel.

São. Paulo, 7 de janeiro de 1941.

Meu caro Valdomiro Silveira.

Antes de tudo, recebam v. e todos os seus os meus votos muito sinceros de felicidade (se é que ela existe...) durante o ano que agora se inicia.

Estou sinceramente empenhado em levar avante a ideia o Rubens do Amaral<sup>307</sup>, que espousei com entusiasmo: fazer da Academia Paulista o centro de toda atividade literária do Estado, articulando [ilegível] a maioria dos intelectuais q. vivem pelo interior trabalhando e produzindo em estímulo e em esperança de recompensa. A Academia terá como seus delegados os centros ou associações locais da cultura. Primeiro, em Santos, Campinas, Ribeirão Preto. Depois, paulatinamente, nas outras cidades. Como se realizará meu objetivo? O tempo dirá: promovendo e patrocinando em S. Paulo a apresentação dos homens de letras do interior... levando ao interior as palavras acadêmicas... abrindo as páginas na *Revista*<sup>308</sup> às produções dos intelectuais q. por aí vegetam... da beleza da iniciativa ninguém duvida. O de que se duvida (não faltam [desanimados] e críticos) é do resultado. Mas seja qual for a sorte que nos espera e dos q. pensam q. devemos tentá-la.

Ora, ninguém mais indicado do q. v. para nos dizer qual, [dentre] as associações santistas de cultura, está em condições de representar a Academia e de ajudá-la na sua insigne q. vamos empreender.

É o que lhe pede

o cumpre e muito seu

Velho amigo e admirador

Alcântara Machado.

---

<sup>307</sup> Estanislau Rubens do Amaral (1890 – 1964), jornalista e escritor paulista. Fundador dos periódicos *O Sabiá*, *A Liberdade* e *Correio de S. Paulo*. Em 1909, tornou-se diretor d'*A Cidade de São Carlos*, periódico de sua cidade natal. Em 1910, residindo em Santos, atuou como redator de *A Tribuna*. Posteriormente. Fez parte de vários periódicos, como *Diário da Manhã*, *Parafuso* e *Vida Moderna*. Algumas de suas obras: *A campanha liberal* (1930), *Terra roxa* (1934) e *União Soviética – inferno ou paraíso* (1954).

<sup>308</sup> *Revista da Academia Paulista de Letras*.

V. tem ouvido o “Quarto de Hora da Academia Paulista”, que vem sendo irradiado todas as segundas-feiras, às 21 horas, pela Rádio Cultura? Quando nos dará o prazer a sua colaboração nesse trabalho de difusão cultural?

*Carta assinada: “Alcântara Machado”, datada: “S. Paulo, 7 de janeiro de 1941”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 19 x 14,8 cm. Envelope: 10 x 15,5 cm., carimbo: “S. PAULO – 7 I 41”.*

**80. MARIANO, Olegário<sup>309</sup>. 10 abr. 1935.**

ACADEMIA BRASILEIRA

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1935.

Meu prezado amigo Valdomiro Silveira.

Um grande abraço. Tenho o prazer de pôr em contato com V. o meu amigo Estevão Cruz<sup>310</sup> que vai a S. Paulo em serviço da editorial de *O Globo*<sup>311</sup> de Porto Alegre.

Pretendendo o Cruz conhecer as grandes figuras mentais de S. Paulo, lembrei-me do admirável evocador das serras e das furnas, na esperança de que, desse contato, surja um novo livro para a delícia dos apaixonados do gênero regional de que é V., sem louvor, uma das mais altas expressões.

Peço-lhe também estender essa apresentação a outros escritores, para que o bandeirante gaúcho consiga colher ouro de bom quilate nas plagas paulistanas.

E no mais, continue a dispor do seu velho admirador que tantas vezes lhe tem hipotecado o voto na Academia,

Olegário Mariano.

*Carta assinada: "Olegário Marianno", datada: "Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1935". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Academia Brasileira"; 27,5 x 19 cm.*

<sup>309</sup> Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889 – 1958), poeta e político pernambucano. Em 1926, entrou para a Academia Brasileira de Letras e foi eleito o Príncipe dos Poetas Brasileiros, substituindo Alberto de Oliveira. Na política, foi deputado à Assembleia Constituinte em 1933, assim como Valdomiro, e embaixador do Brasil em Portugal, entre outras funções. Publicou *Angelus* (1911), prefaciada por Guimarães Passos, *Água corrente* (1917), prefaciada por Olavo Bilac, *Últimas cigarras* (1920), *Teatro* (1932) e *Cantigas de encurtar caminhos* (1948).

<sup>310</sup> Estevão Cruz (1902 – 1936), professor nascido em Pernambuco. Autor de obras didáticas, entre as quais a *Antologia da língua portuguesa* (1934). Publicou, entre outros, *Do grito à palavra* (1931) e *História universal da literatura* (1936).

<sup>311</sup> Livraria em Porto Alegre criada por Saturnino Alves Pinto e Laudelino Pereira de Barcellos, em 1883. A pequena loja foi referência de gráfica na cidade gaúcha. Em 1915, lançou o *Almanaque do Globo*, a primeira publicação importante da editora. Em 1917, surgiu a *Revista do Globo*. A editora foi um importante meio de divulgação de autores locais e de traduções de obras da literatura mundial.



**81. MIRANDA, João Pedro da Veiga. 26 out. 1907**

São Paulo, 16 de outubro de 1907.

Meu caro e boníssimo Valdomiro.

As tuas afetuosas palavras comoveram-me imensamente. Obrigado, meu velho amigo, mto obrigado.

Ia escrever-te por outro motivo: o *Jornal*<sup>312</sup> celebra o primeiro aniversário a 1º de Nov. Vamos dar um belo nº. Não seria capaz de mandar-me alguma coisa? Algum conto inédito, alguma crônica, ou crítica, o que quiseses? E o Agenor?

Se fosses ao extremo de indulgência de receber com o pedido já uma recomendação direi que nos mandes o escrito até dia 29 à noite... Não é impertinência; é que quero dar-lhe boa colocação e rever [eu] próprio.

Caríssimo Valdomiro, crê sempre no afeto mtº sincero do teu

Veiga Miranda.

*Carta assinada: "Veiga Miranda", datada: "S. Paulo, 26. Outº. 907". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha, bordas pretas [luto]; 17,7 x 11,5 cm. Envelope: 6,2 x 11,5 cm., carimbo: "27 OUT 1907".*

**82. MIRANDA, João Pedro da Veiga. 1 fev. 1926.**

Meu caríssimo Valdomiro.

Quero tanto bem, há tantos anos, ao homem de letras, que venho por intermédio dele fazer um pedido ao advogado; sei que este faz um grande mal àquele, suplantando-o, mas isso, para o caso, pouco importa...

A meu amigo e parente Edmundo Ribeiro de Mendonça é, desde alguns meses, tabelião aí em Santos. Ora, nesse movimentadíssimo foro, há um advogado que absorve quase todo o trabalho, e com imenso direito. Pois bem, venho dizer ao "conteur" dos *Caboclos* que consiga desse eminente causídico a sua simpatia e apoio para o cartório de meu amigo.

---

<sup>312</sup> Possível referência ao *Jornal do Comércio*, no qual Miranda atuou como crítico literário, ou à *Revista Paulópolis*, que, segundo ele em *Os Faiscadores*, recebeu textos de Valdomiro Silveira, Agenor Silveira, Euclides da Cunha e Vicente de Carvalho.

Creio que lhe mandei, meu caro Valdomiro, um exemplar de *Os faiscadores*<sup>313</sup>, com uma apreciação<sup>314</sup> de *Os caboclos* saído há tempos no *Correio Paulistano*. Não o recebeu?

Pergunto, porque o correio prega tantas partidas à gente, neste estado de sítio, que nunca se sabe se a correspondência vai parar às mãos a que é destinada.

Bom, caro Valdo, frequente e mande autos ao cartório de Mendonça e abrace este seu velho confrade e amigo mtº admº

Veiga Miranda

R. Maranhão, 58.

São Paulo, 1º de fevereiro de 1926.

*Carta assinada: "Veiga Miranda", datada: "S. Paulo, 1-2-1926.". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 21 x 14 cm.*

---

<sup>313</sup> MIRANDA, João Pedro da Veiga. *Os faiscadores (crônicas e impressões de leituras)*. São Paulo: Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

<sup>314</sup> Nessa obra, Veiga Miranda publica apreciação crítica de *Os caboclos* e do regionalismo valdomiriano: Afirma: "O primeiro dos sete volumes com que Valdomiro Silveira, editado pelo empreendedor engenheiro de Monteiro Lobato, vai enriquecer a literatura genuinamente brasileira, é uma coletânea de cenas e paisagens veridicamente observadas.". Sobre o conto "Camunhengue" escreve: "Que visão consternadora, no relance de uma tarde a cair, a daquele morfético a abandonar a família, na irremediável condenação do seu 'mal'!".

**83. MOTA, Leonardo<sup>315</sup>. 29 jan. 1926.**

São Paulo, 29 de janeiro de 1926.

Meu caro Valdomiro.

Começa perdoando-me o miserável papel em que te escrevo... Não tenho outro à mão e não devo perder o trem que está a partir.

Telefonei ontem para o “Miramar” e do Sr. Cardoso recebi a informação de que a minha palestra teria efetividade segunda-feira e não amanhã, sábado.

Como não ficou definitivamente apalavrado a quantum de minha remuneração, peço, rogo, suplico não te esqueças de uma injeção de coragem nos homens da Empresa para que não falte a quantia que estipulaste e sem a qual nada teremos conseguido. Espero, motivadamente, mais isso de tua bondade e de teu prestígio.

Faze chegar às mãos do Sr. Cardoso os inclusos dizeres com que o meu número deve figurar no programa. Apressa-te, porque os programas do “Miramar” são impressos com certa antecedência.

Crê na cordialíssima gratidão e inútil amizade de, deveras, muito teu:

Leonardo Mota.

*Carta assinada: “Leonardo Mota”, datada: “S. Paulo, 20 de janeiro de 1926.”. Autógrafo a tinta azul; papel creme; 1 folha; 27,5 x 21 cm. Envelope: 12,3 x 15,3 cm.*

---

<sup>315</sup> Leonardo Ferreira da Mota (1891 -1948), escritor e jornalista cearense. Foi fundador da *Gazeta do Sertão* e chefe, no período de 1922 a 1923, do *Correio do Ceará*. Algumas de suas crônicas contavam histórias sobre o sertão, em certa afinidade com Valdomiro Silveira. Algumas de suas obras: *Cantadores* (1921), *Sertão alegre* (1928) e *Prosa vadia* (1932).

**84. MOTTA, Otoniel<sup>316</sup>. 16 fev. 1921.**

Campinas, 16 de fevereiro de 1921.

Meu ilustre confrade.

Muito e muito lhe agradeço o mimo de seus *Caboclos*. Sabe que eu também manejo na mesma seara, que também estudei nossa gente e o nosso meio rústico. Bem pode compreender, pois, com que interesse acompanho o seu espírito através de suas páginas tão cheias de verdade. Mas o que nelas especialmente me sensibiliza é a sua grande simpatia para com o nosso pobre Jeca. O seu Jeca existe. Eu já me hospedei com ele semanas inteiras nas choças cobertas de folha de coqueiro ou de taquara batida. A tradução do seu livro em língua estrangeira não daria de nosso povo rústico nem uma ideia má, nem uma ideia falsa. O seu livro é, pois, um livro bom.

A nota erótica<sup>317</sup> é tão delicada que o livro não pode fazer mal a ninguém.

Uma obra sadia, com virtudes que resgatarão qualquer defeito que porventura a crítica severa nele queira divisar... Receba, pois, com as minhas felicitações, meu sincero abraço. Do confrade e adm<sup>o</sup>r.

Otoniel Motta.

*Carta assinada "Othoniel Motta", datada: "Campinas,16-2-931". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 18,5 x 15,5 cm.*

---

<sup>316</sup> Otoniel de Campos Motta (1878 – 1951), professor, tradutor e escritor paulista. Estudou, como Valdomiro Silveira, o caboclo brasileiro, publicando *Selvas e choças* (1917). Dedicou-se aos estudos de filologia. Sua produção literária, como escritor e professor, é extensa, entre as quais: *O meu idioma* (1916), *Horas filológicas* (1927), *Primeiras noções de gramática ministrada para crianças* (1933), *Seleto moderna* (1940) e *Do rancho ao palácio - evolução da civilização paulista* (1941).

<sup>317</sup> A nota erótica a que Motta se refere pode ser encontrada no primeiro conto do livro, "Cena de amor", que narra a paixão entre Chico Luís e Candoca: "Uma correção de taquíras começara a passar pelo trilho onde eles [Chico Luís e Candoca] conversavam. O Chico Luís teve que afastar-se. Mas aí, como se afastasse, troçou-lhe uma das mãos a trança de Candoca. Tomou a trança nas mãos, beijou-a deliciadamente. E então foi que a tarde se fez cor de fogo no poente, muito azul para o alto do céu, e as nhançanãs cantaram de rijo no meio das taboãs agitadas". (SILVEIRA, 1962, p.5).

**85. PEIXOTO, Afrânio. 14 fev. 1921.**

Petrópolis, Piabanha 148

14 de fevereiro de 1921.

Meu caro confrade:

Devo-lhe estas palavras, há dias na intenção, e que só agora me facilita a ocasião mandar-lhe. É o seu livro, *Os caboclos*, que lhe venho agradecer. Lembra-se daquele galanteio da Madame de Sevigné<sup>318</sup> a La Fontaine<sup>319</sup>? As suas fábulas seriam uma porção de cerejas, que a gente encontra, tomando esta e aquela, acaba comendo todas. Não fiz assim com os seus formosos contos; logo aos primeiros senti o encanto do livro e comigo fui intendente do meu prazer: – dei-me por prêmio de fadigas diárias a leitura de um, dois deles...

E estou agora, como as crianças que comem os bons bocados aos tiquinhos para fazerem figa dos outros mais gulosos, mas que – tudo acaba! – acabou também por comer toda a iguaria, tão poupada. Assim, eu acabei a minha. Que venham já, reclamo com apetite, os *Mucufos*, *Mixuangos*, *Caçadores*, *Lereias*, *A sina de Nhá-Nhá...* que nos promete o seu prólogo<sup>320</sup>. Ande, que não posso esperar!

Esta foi, meu caro confrade, sinceramente, a razão da demora p. agradecer a sua dádiva e de manifestar-lhe, como desejo fazer, e não sei, o meu encanto a suas admiráveis histórias sertanejas.

Deixe-me que lhe diga, à brevidade, uma razão, para mim a maior desse apreço. Tomo ao pé da letra, e há que começar por aí, a palavra “ficção”. Arte é diversa e complexa representação, memória, evocação, confidência, crítica, poesia... em mármore, bronze, tela, papel, palavras, música... Tudo pode ser pessoalíssimo; se é ficção, tem que ser fingido, isto é como se fosse natural, real, vivido...

Flaubert dizia, com ênfase, que o autor devia então ser estranho à própria obra, como Deus à Criação<sup>321</sup>. A intervenção pessoal do escritor, seja mesmo para fazer cócegas ao leitor, com

---

<sup>318</sup> Maria de Rabutin-Chantal (1626 – 1696), também conhecida como Madame de Sevigné, personalidade da França. As cartas, endereçadas à filha, são referências do gênero epistolar, em termos de naturalidade expressiva. Seus biógrafos mencionam admiração de Madame de Sévigné por La Fontaine.

<sup>319</sup> Jean de La Fontaine (1621 – 1695), poeta francês. Destacou-se na literatura por suas fábulas, somando, ao todo, duzentos e quarenta. *Fábulas*, escrita em três partes, foram divulgadas entre 1668 e 1694

<sup>320</sup> O prólogo da primeira edição da obra, uma carta de Agenor Silveira a Monteiro Lobato, indica que Valdomiro condensou o seu trabalho de 30 anos em sete volumes, que sairiam “à luz da publicidade”: *Os caboclos*, *Mucufos*, *Mixuangos*, *Nas serras e nas furnas*, *Caçadores*, *Lereias – narrativas escritas em dialeto* e *A sina de Nhara*.

<sup>321</sup> Em carta para a poetisa Louise Colet, em 9 de dezembro de 1852, Flaubert escreve: “L’auteur dans son oeuvre doit être comme Dieu dans l’univers, présent partout, et visible nulle part.” (BEM, Jeanne; DETHLOFF, Uwe. *Nouvelles lectures de Flaubert: recherches allemandes*. Tübingen: Gunter Nar Verlag, 2006.

um humorismo ou ironia, faz rir, servir, mas tira o “mistério” da narrativa, “a ilusão” do fingimento... fica em conversa fiada, nunca uma “história” verdadeira. Até que enfim achei um autor de contos regionalistas, a meu gosto, que conta histórias “acontecidas”, em que eu creio como verdade, portanto com “uma arte vem arte”, diria à Vieira, isto é, com uma arte perfeita... uma literatura de ficção... ainda bem! Meu cordial abraço, meu aplauso sincero. Seu menor patrício e admirador

Afrânio Peixoto.

*Carta assinada “Afrânio Peixoto”, datada: “14 de fevereiro de 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 4 folhas; 15,6 x 11,6 cm.*

### **86. PEIXOTO, Afrânio. 3 mar. 1932.**

ACADEMIA BRASILEIRA

Petrópolis, 3 de março de 1932.

Meu caro e admirado amigo:

Demorei [de] responder à dádiva de seu formoso livro *Nas serras e nas furnas*<sup>322</sup>, porque quis fazê-lo depois da leitura, e esta, aproveitada, não como arte só, mas como ciência de “regionalismo”, não podia ser de carreira, mas gozando, aproveitando, relendo, admirando. Essas pequenas obras-primas que você escreveu são todas da realidade sem confeitão, sem preparo, sem arte, dir-se-ia, se a arte não fosse mesmo isso – grande arte – dar a ilusão da vida, tão real, como se vivesse... E essa complicada vida parece tão simples... Os simples, ou os andaimes letrados, como é fácil e simples a obra! E é monumento! Seu livro é uma mina de ouro nacional, preto, fino, em pepitas, que parecem achados na terra, mas lavrados pelo ourives, pelos cinzelados, que se dissimulou... Além da admiração, meu lápis de cor andou por todas as páginas.

Um afetuoso e grande abraço de

Afrânio P.

*Carta assinada “Afrânio P.”, data: “Petrópolis, 3-3-32”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Brasileira”; 10,4 x 14,3 cm.*

---

<sup>322</sup> Segundo livro de Valdomiro Silveira, publicado em 1931.

**87. PINTO, Arnaldo Simões. 8 jan. 1917.**

Caríssimo Valdoro,

um abraço coletivo a ti, ao Fontes, ao Agenor e ao Heitor, juntamente com os votos que faço pela felicidade de todos.

Escrevo-te rapidamente, às 3 ½ da manhã, após o encerramento dos trabalhos de redação, para responder à tua pergunta sobre o novo livro<sup>323</sup> do Amadeu. Os originais já se acham na oficina Pocai & Comp<sup>324</sup>, mas devido ao muito serviço que ela tem tido ainda não deu início à composição. Não se sabe com segurança quando o livro ficará pronto. Deve [de] ser, porém, em princípio de fevereiro.

Por hoje, só.

Até breve,

Recomenda-me a todos os teus e aos amigos.

Do teu

Simões Pinto.

São Paulo. 8 de fevereiro de 1917.

*Carta assinada “Simões Pinto”, datada: “S.P. 8-1-1917”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “SP”; 20,5 x 13,2 cm. Envelope: 11,5 x 14,5 cm., carimbo: “SANTOS – S. PAULO – 8 [MAR] 1917”.*

**88. PINTO, Arnaldo Simões. 21 abr. 1917.**

Valdoro,

um abraço.

<sup>323</sup> Possível referência ao livro *Espumas*, editado em 1917.

<sup>324</sup> Pocai & Cia/Weiss. Editora do conhecido tipógrafo e editor Elvino Pocai. De acordo com estudos de Cristiane Tonon Silvestrin, na comunicação “Elvino Pocai: o artista do livro” (2004), o tipógrafo era um verdadeiro “mestre da impressão”, pela habilidade artesanal e bom gosto. Sua tipografia, situada em São Paulo, produzia, em 1909, pequenas publicações. A partir de 1912, passou a imprimir livros. Primeiramente denominada Pocai-Weiss e Cia, no final da década de 1920, torna-se a Pocai & Cia e, posteriormente, o seu nome completo. Foi responsável pela impressão da revista mensal *Papel e Tinta*, dirigida por Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia em 1920, alguns livros de Martins Fontes e *Espumas*, de Amadeu Amaral. A editora imprimiu também o *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), primeiro livro de Mário de Andrade.

Recebi tua carta pedindo-me o jornal do dia 8. Não pude ainda remeter-te porque a edição desse dia esgotou completamente e ainda não me foi possível arranjar o exemplar que pedes. Talvez o consiga na Recebedoria. Se consegui-lo remetê-lo-ei imediatamente.

Considera-te convidado para a festa da *Vida Moderna*. Será no dia 3 de maio e o Amadeu dirá umas cousas belas sobre epigramas e madrigais<sup>325</sup>.

Recomenda-me aos teus.

Abraços do

Simões.

São Paulo, 21 de abril de 1917.

Rego Freitas, 65.

*Carta assinada “Simões”, datada: “S. Paulo, 21-4-917”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; timbrado: “SP”; 22,2 x 17,8 cm.*

### **89. PINTO, Arnaldo Simões. 28 jun. 1917.**

Meu caro Valdoro,

um abraço.

Antes de mais nada preciso – embora um pouco tardiamente – [sic] que fiz entrega ao Paulo Setúbal<sup>326</sup>, membro da comissão promotora de homenagens ao Vicente, da quantia de 120\$000 que há tempos me enviaste como contribuição de alguns amigos daí para a aquisição do busto do poeta.

Agora, um pedido: soube que vais dar agora os *Caboclos*, ao mesmo tempo que o Fontes dará o *Verão*<sup>327</sup>. Manda-me com urgência as mais minuciosas informações, pois faço questão de bater um pouco de caixa, pela imprensa, para que esses dois livros – pelos quais há tanto se esperam – tenham por parte do público o acolhimento que merecem.

<sup>325</sup> A palestra “Epigramas e Madrigais”, proferida por Amadeu Amaral, foi inserida em *Letras Floridas* (1920).

<sup>326</sup> Paulo de Oliveira Leite Setúbal (1893 – 1937), escritor e jornalista, nascido em Tatuí, São Paulo. Acolhido na Academia Brasileira de Letras, em 1935. Entre suas obras, em sua maioria romances históricos: *A marquesa de Santos* (1925), *O príncipe de Nassau* (1926), *O ouro de Cuiabá* (1933) e *O sonho das esmeraldas* (1935).

<sup>327</sup> FONTES, Martins. *Verão*. Santos: Instituto D. Escholástica Rosa, 1917.



*A Vida Moderna*, muito sacrificada devido à falta de material de tipografia onde está sendo feita, vai rolando como Deus quer. Está agora com a Biblioteca encalhada. O conto do Amadeu – o resto do conto – não dá para oito páginas e o Godofredo Rangel<sup>328</sup> ainda não me enviou o seu. Eu queria deixar-te por último, não só para atender ao teu pedido, senão também para fechar o primeiro volume com chave de ouro. No último número da revista, entretanto, não saiu a continuação da Biblioteca e o público está reclamando. Já recebi várias cartas a respeito. Vê, pois, se me podes mandar – pondo no correio até domingo à noite – o prometido conto. Naturalmente tens alguns inéditos e que fazem parte do livro. Manda copiar um e remete-me.

Beijo-te a mão por mais essa fineza.

Amanhã escreverei ao Fontes sobre a projetada festa a Francisca Júlia.<sup>329</sup> Ele te mostrará a carta.

Adeus. Recomenda-me aos teus e abraça por mim Fontes, Agenor e Heitor.

Teu, de sempre,

Simões Pinto.

São Paulo, 28 de junho de 1917.

Rego Freitas, 65.

*Carta assinada “Simões Pinto”, datada: “S.P. 28-6-1917”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; timbrado: “SP”; 22,1 x 17,5 cm. Envelope: 12x 18,4 cm., carimbo: “29 JUN 1917”.*

#### **90. PINTO, Arnaldo Simões. 4 set. 1917.**

LALICA B. SIMÕES PINTO

E ARNALDO SIMÕES PINTO

[...] <sup>330</sup>sua realização, dar-te-ei provavelmente, o nome do credor ou credores.

<sup>328</sup> José Godofredo de Moura Rangel (1884 – 1951), ficcionista e tradutor mineiro. Trocou extensa correspondência com Monteiro Lobato (cf. *A barca de Gleyre*). Publicou *Falange gloriosa* (1917), *Vida ociosa* (1920), *Andorinhas* (1921) e *Os humildes* (1944).

<sup>329</sup> Francisca Júlia da Silva (1871 – 1920), poeta paulista. É irmã do poeta Júlio César da Silva, que se correspondeu com Valdomiro Silveira. Publicou *Mármore* (1891), livro elogiado por Olavo Bilac, *O livro da criança* (1899), *Esfinges* (1903).

<sup>330</sup> Mensagem incompleta, tendo o seu início provavelmente se perdido.

Entretanto não [to houvesse] eu comunicado o recebimento do teu telegrama sobre as homenagens a Francisca Júlia. É que não sabes a vida que estou levando. Calcula que trabalho até às 3 ½ da manhã e às 8 estou saltando da cama para recomeçar a luta! Ando com a minha correspondência toda em atraso. É até uma vergonha! Há mais de um ano que não respondo às cartas de Olegário Mariano!

Com relação àquelas homenagens [da] mais ou menos resolvido o seguinte: o Vicente fará uma conferência sobre a obra poética da nossa gloriosa patrícia e algumas senhoritas se encarregarão de dizer os versos que ele citar. Esta festa será a pagamento, para auxiliar as despesas das demais demonstrações de que Francisca Júlia será vítima indefesa e agradecida.

Depois, uma vez pronto o busto ou medalhão (conforme o arame<sup>331</sup> que se apurar) haverá o grande sarau, no Municipal. Constará do seguinte: Prelúdio e dança da ópera *Yugomar*, de João Gomes Júnior<sup>332</sup>; coro, letra de Francisca Júlia e música de João Gomes Júnior; duas ou três poesias de Francisca Júlia, cantadas por Bellah de Andrade<sup>333</sup>, musicadas especialmente pelos professores Ant<sup>o</sup> Carlos, Cantú e João Gomes (pai)<sup>334</sup>; quarteto de cordas por Antonieta Rudge<sup>335</sup>, Celina Branco e mais duas senhoritas; pequena saudação à poetisa, por Alfredo Pujol; e versos de Francisca Júlia, por Martins Fontes e mais alguns dos nossos camaradas. Quero ver se o Bilac vem.

A orquestra será de amadores, tomando parte algumas senhoritas da nossa elite. Quero que a mulher tome parte saliente nas homenagens.

O Amadeu fica reservado para maior de espadas: falará na Academia Brasileira, fazendo a entrada do busto ou medalhão.

Parece-me que o programa não está mal delineado. Que achas?

Vou mandar-te uma lista de subscrição para veres se cavas uns cobres daí. Qualquer coisa que subscrevam chegará – o essencial é que os intelectuais paulistas participem das homenagens.

---

<sup>331</sup> Gíria: dinheiro.

<sup>332</sup> João Gomes de Araújo Júnior (1868 – 1963) nasceu em Pindamonhangaba, São Paulo. Como seu pai, João Gomes, estudou piano e composição. Escreveu óperas como *Foscarina* (1906), *La boscaiola* (1910) e *Dom Casmurro* (1922), baseada na obra de Machado de Assis.

<sup>333</sup> Bellah de Andrade, cantora.

<sup>334</sup> João Gomes de Araújo (1846 – 1943) professor, compositor e maestro paulista. Estudou no Imperial Conservatório de Música, no Rio de Janeiro e participou, em 1904, da fundação do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

<sup>335</sup> Antonieta Rudge (1885 – 1974), pianista nascida em São Paulo. Considerada um prodígio, apresentou-se pela primeira vez aos sete anos, no salão da então renomada Casa Levy de Pianos. Grande intérprete de Beethoven e Chopin, teve carreira internacional.

Mas... eu ia escrever-te apenas um cartão e mando-te um testamento. Basta, portanto, de caceteação.

Abraça os nossos e continua a querer bem e a dispor do teu saudoso

Simões.

4 de setembro de 1917.

*Carta assinada "Simões", datada:"4-9-1917". Autógrafo a tinta vermelha; papel creme; 2 folhas; timbradi: Lalice B. Simões Pinto e Arnaldo Simões Pinto [...]" ; 14,3 x 8,8 cm.*

**91. PRATA, Ranulfo Hora<sup>336</sup>. 20 ago. 1937.**

Dr. Valdomiro:

Acabo de ler e reler, com o maior prazer espiritual, o magnífico *Mixuangos* que teve a gentileza de me mandar.

Inúteis e desnecessárias seriam aqui palavras minhas de louvor. Quero, apenas, agradecer-lhe a lembrança amável, reafirmando a minha admiração.

Cordialmente

Ranulfo Prata.

Santos, 20 de agosto de 1937.

*Carta assinada “Ranulpho Prata”, datada: “Santos, 20/08/937”. Autógrafo a tinta vermelha; papel creme; 1 folha; 6 x 9,7 cm. Envelope: 8,2 x 11,6 cm.*

---

<sup>336</sup> Ranulfo Hora Prata (1896 – 1942), escritor sergipano. Atuou como médico em Mirassol e Santos, no interior de São Paulo. Firmou laços de amizade com Lima Barreto. Iniciou sua trajetória literária em 1918, publicando *O triunfo*. São obras de sua autoria: *Dentro da vida* (1922), *A longa estrada* (1925) e *Navios iluminados* (1937). Integrou a Academia Sergipana de Letras e a Academia Santista de Letras.

**92. PRESTES, Júlio<sup>337</sup>. 20 mar. 1931.**

Monte Estoril [Portugal], 20 de março de 1931<sup>338</sup>.

Meu caro Valdomiro Silveira,

Você nem pode imaginar o prazer que me deu com a remessa de seu último trabalho – *Nas serras e nas furnas*.

Lendo-o, revi, como num sonho, um pedaço, o melhor pedaço do meu grande, do meu querido Brasil! Do Brasil dos brasileiros, das serras e das furnas, sem o sangue lusco-fusco das fronteiras, que carregou para o Poder os inimigos da Pátria, para premiar a traição e fazer a ocupação de S. Paulo...

Mas, não vale a pena continuar nesse terreno porque o seu livro me fez esquecer essas coisas e sonhar com o Brasil de minha infância (hoje é Domingo de Ramos!) e rever o Brasil de minha mocidade, vivo e feliz, escondendo a fortaleza de que era feito na mansidão com que acariciava, acolhedor e despreocupado, quantos tiveram a ventura de procurá-lo, sob os raios de um sol que fecundava as searas e adoçava as almas...

Também nesse terreno não vale a pena prosseguir. O que aí fica é bastante para que v. tenha as impressões da impressão que seu livro me deixou: – o encantamento pela terra, a revolta (a revolta!) contra os que a desgovernam e a saudade de sua gente. O seu livro é o Brasil. E, como na canção do tropeiro: “Depois do Brasil, mais nada”, mais nada.

Muito obrigado.

Um grande e saudoso abraço

do am<sup>o</sup> aff<sup>o</sup>

Júlio Prestes.

*Carta assinada “Júlio Prestes”, datada: “Monte Estoril, 20-3-931”. Autógrafo a tinta preta; azul; 1 folha; 27 x 20,8 cm.*

<sup>337</sup> Júlio Prestes de Albuquerque (1882 – 1946), político, poeta e advogado nascido em Itapetininga, São Paulo. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1906, iniciando sua trajetória política três anos depois, quando tornou-se deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista (PRP). É eleito presidente do Estado em 1927, sob indicação de Washington Luís, fato que desagradou a Minas Gerais, ainda na política do Café com Leite. Com a eclosão da Revolução de 1930, Getúlio Vargas assume o cargo. Após passar alguns anos exilado no consulado britânico, Prestes retorna ao Brasil em 1934.

<sup>338</sup> Após ser impedido de assumir o cargo como presidente do Estado, Prestes permanece exilado na Europa até 1934.

**93. SEIXAS, Aristeu<sup>339</sup>. 4 ago. 1922.**

São Paulo, 4 de agosto de 1922.

Meu caro Valdomiro Silveira, faço votos pela sua saúde e dos que, em seu lar, lhe enchem o coração.

De Campinas escrevi-lhe um dia, vai para mais de dois anos, dizendo que era meu intuito dar ainda, e em derradeiro esforço, um livro de versos, que eu dividiria em três partes: “Alhambra”<sup>340</sup>, só de sonetos alexandrinos; “Isa”<sup>341</sup>, de sonetos e poesias líricas; e “Alma dispersa”<sup>342</sup>, igualmente de sonetos e poesias, mas em que não entraria como tema o amor propriamente dito. Disse mais: que o não faria, porém, sem submeter o trabalho à sua lenta apreciação; tanto mais que alimentava então, como alimento agora, a incerteza de que valesse a pena [de] incluir no livro essa segunda parte: pouco sendo entre os frequentadores do Parnaso, o que eu, indubitavelmente, menos sou é lírico.

Pois bem: cumpro hoje o compromisso que, de há muito, assumi para comigo mesmo: mandar-lhe os originais, pedir-lhe que os lesse, que os anotasse, que os podasse ou, mais do que tudo isso, com uma simples opinião, fizesse que eu os não publicasse. Cumpro-a sem alteração. Não tenho hoje o menor prurido de publicidade; muito pelo contrário, nado em hesitação sobre se devo ou não dar prelo os meus trabalhos, máxime os meus versos. Por isso mesmo quero ouvi-lo, não fazendo-lhe uma leitura do *Pôr de sol*<sup>343</sup>, mas dando-lho a ler, para que você, com calma e tempo, o julgue com franqueza rude, tão rude que se possa parecer à minha... Mas veja bem: calma por que você não prejudique outros trabalhos por minha causa; tempo em razão de ser o livro volumoso.

Pode você negar-me o que quiser, menos a sinceridade com que formulo esse pedido, público para todos os efeitos. Ser-lhe-ia esta missão difícil, a muitos aspectos, se em seu espírito pairasse dúvida no tocante a este ponto; não lhe será ela, porém, de grande monta, se você me quiser crer.

---

<sup>339</sup> Aristeu Seixas (1881 – 1965) nasceu em Resende, Rio de Janeiro. Tinha por Valdomiro grande admiração e o consultava sobre seus livros e versos. Entre as suas publicações *Discurso sobre o belo* (1909), *No limiar* (1913), *Literatura paulista pelo Sr. Vicente de Carvalho* (1913), *O templo* (1966).

<sup>340</sup> Em *Pôr do Sol* (1924), “Alhambra” aparece como poema na divisão “Medalha Antiga”.

<sup>341</sup> “Livro de Isa” aparece como divisão no livro *Pôr de sol*, contendo poemas enumerados sem títulos, ao todo 37.

<sup>342</sup> “Alma Dispersa” aparece como divisão no livro *Pôr de sol*, com alguns poemas como “Votivo”, “Humano”, “Morta”, “Fim da luta” e “Corvo”.

<sup>343</sup> SEIXAS, Aristeu. *Pôr do sol*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1924.

Se achar melhor, para evitar maior trabalho de sua parte, chama-me a Santos quando entender oportuno. E é só.

Faça-me a fineza de acusar os originais<sup>344</sup>, logo que os receber; e aceite meu grande e afetuoso abraço do seu

Mto amigo e ad<sup>o</sup>r grato

Aristeu Seixas.

*Carta assinada "Aristêo Seixas", datada: "S. Paulo, 4.8.922". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 18 x 13,5 cm. Envelope: 9,3 x 14,3 cm., carimbo: "27 JUL. 917".*

#### **94. SEIXAS, Aristeu. 13 nov. 1922.**

São Paulo, 13 de novembro de 1922.

Meu caro Valdomiro:

Receba o meu abraço pelo seu natalício, ocorrido no dia 11, e os votos que faço pela sua felicidade. Estando desde 6<sup>a</sup> feira recolhido a casa, por ligeiramente adoentado, não tive quem me fosse transmitir meu telegrama a você naquele dia. Hoje, porém, de novo na minha luta cotidiana, quero desobrigar-me desse gostoso dever.

Escrevi cerca de 13 sonetos mais depois dos últimos que lhe enviei; o seu silêncio, entretanto, em relação aos primeiros e aos segundos, não me autorizam a abusar de sua paciência, submetendo-lhes, como fiz com os demais. Não tenho culpa de já ser quase paulista...

Abraça-o afetosamente

O am<sup>o</sup> e adm<sup>o</sup> de sempre,

Aristeu Seixas

Rua Dr. Veridiana n<sup>o</sup> 63

*Carta assinada "Aristêo Seixas", datada: "São Paulo, 13 de nov<sup>o</sup> de 1922". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 27 x 14 cm.*

---

<sup>344</sup> A pesquisa não localizou os originais de Aristeu Seixas.

**95. SEIXAS, Aristeu. 15 ago. 1932.**

Meu caro Valdomiro, cumprimentos. Mando-lhe<sup>345</sup>, com este, mais 6 sonetos: 5 p<sup>a</sup> a 1<sup>a</sup> parte, e 1 (“O monge”) p<sup>a</sup> a 3<sup>o</sup>. Quando me descansei um pouco da leitura desses versos, os defeitos foram-se, naturalmente, patenteando ao meu espírito, mesmo sem os reler: “Rhynoceronte” em lugar de “Rhinoceronte”; um “Que é que vem que não vai?”, em vez de “Que é o que”; um carpo a dor, uma cousa equivalente no soneto... não me lembro o nome, mas é um decassílabo trimétrico da 2<sup>a</sup> parte; refiro-me ao corpo na 1<sup>a</sup> pessoa do índice. Isto é o que me ocorre no momento; o mais que há de ser tanto, v. me dirá oportunamente. A arte é uma coisa simplesmente torturante!

Um abraço do mto seu,

Aristeu.

15 de agosto de 1932.

*Cartão assinado: “Aristêo”, datada: “15-8-1932”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 27 x 14 cm.*

---

<sup>345</sup> A pesquisa não localizou os documentos anexados na carta.



96. SETTE, Mário<sup>346</sup>. 11 set. 1937.

DIRETORIA REGIONAL DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS DE PERNAMBUCO  
CHEFIA DOS SERVIÇOS ECONÔMICOS

Recife, 11 de setembro de 1937.

Meu caro Valdomiro Silveira:

Abraços. Foi com grande prazer que recebi sua carta e apresso-me não somente para dar-lhe resposta como para fornecer-lhe meu endereço, a fim de receber seu livro<sup>347</sup>. De fato perdemos o antigo contato espiritual, desde os tempos do Lobato<sup>348</sup> editor, mas, disso terá culpa apenas a agitação da vida prática. Também vou lhe enviar uma obra minha. Não é recente, porém não é velha. O meu mais novo livro, *Maxambombas e maracatus*<sup>349</sup>, esgotou-se por completo e não me foi possível entrar num acordo com o editor, a Cultura, daí, para uma 2ª tiragem. Por isso não lhe mando um exemplar, também. Tenho um romance pronto para o prelo, *Os Azevedos do poço*<sup>350</sup>. Sairá no José Olympio<sup>351</sup>. Você o terá dos primeiros. Tomei nota. E mande-me logo o seu, sim? – Em fevereiro deste estive horas em Santos, a caminho de São Paulo onde ia casar um filho. Também na capital só demorei oito dias. – Escreva-me. Creio que lhe retribuo a amizade que mostra ter a mim. – Dar-lhe-ei depois uma impressão de leitura do seu novo livro. Abrace o

Mário Sette.<sup>352</sup>

P.S. Se tiver relações com algum editor daí que o autorizem a pleitear uma 2ª ed. do meu *Maxambombas*, que se esgotou rapidamente numa tiragem de 2.000 exs. me diga qualquer coisa a respeito. M.

<sup>346</sup> Mário Rodrigues Sette (1886 – 1950), escritor e jornalista. Apesar de recifense, passa grande parte de sua vida em Santos. Em sua carreira literária, Sette publicou contos e romances regionalistas, como *Ao clarão dos obuses* (1914), *Senhora de engenho* (1921), *O vigia da casa grande* (1924), *Seu Candinho da farmácia* (1933) e *Arruar* (1938).

<sup>347</sup> Terceiro livro de Valdomiro Silveira, *Mixuangos*, publicado em 1937.

<sup>348</sup> *O palanquim dourado* (1922), de Mário Sette, publicado pela editora de Monteiro Lobato.

<sup>349</sup> Livro de Mário Sette publicado em 1935, pela Editora Cultura Brasileira.

<sup>350</sup> Livro de Mário Sette publicado em 1938, pela Editora José Olímpio.

<sup>351</sup> Editora fundada na cidade de São Paulo, em 1931, por José Olympio Pereira Filho. Transfere-se posteriormente para o Rio de Janeiro, em 1934. Uma das maiores editoras brasileiras entre as décadas de 1940 e 1950.

<sup>352</sup> Com a carta, encontra-se recorte de jornal não identificado, no qual se lê: “Mário Sette quer [...] dar aos seus admiradores, antes da publicação do livro, conhecimento do que na sua nova obra se refere à nossa terra”.

Rua Cons<sup>o</sup> Portella 602 Recife

*Carta assinada: "Mário Sette", datada: "Recife, 11 de setembro de 1937". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos de Pernambuco [...]"; 24x 15,2 cm.*

**97. SILVA, Júlio César da<sup>353</sup>. 28 nov. 1914.**

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE ATUALIDADE  
 “A VIDA MODERNA”  
 PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
 REDAÇÃO: RUA DA BOA VISTA N. 41  
 OFICINA: RUA STA EFIGÊNIA N. 3-A  
 SÃO PAULO  
 CAIXA POSTAL: J  
 ENDEREÇO TELEGRÁFICO: AMANCIO  
 CÓDIGO RIBEIRO 5ª EDIÇÃO

São Paulo, 28 de novembro de 1914.

Ilm Sr.

Querido Valdomiro.

Estou fazendo um número especial d’A *Vida Moderna* para festejar o seu décimo aniversário. Manda-me uma prosa, sim? Qualquer coisa com o teu nome. Dou-te seis dias para isso. Fico à espera, com esperança e ansiedade.

Do amigo que te estima e ardentemente te admira

Júlio César da Silva.

*Carta assinada: “Júlio César da Silva”, datada: “São Paulo, 28 de novembro de 1914”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Semanao Ilustrado de Atualidades A Vida Moderna [...]”; 28 x 22,5 cm.*

**98. SILVA, Júlio César da. 20 jan. 1921.**

São Paulo, 20 de janeiro de 1921.

Meu querido Valdomiro.

Recebi *Os caboclos*. Admiráveis os teus contos. Exceptuados dois ou três, que me passaram despercebidos quando publicados<sup>354</sup>, todos os outros já me eram familiares, e com que comoção

<sup>353</sup> Júlio César da Silva (1872-74 – 1936), escritor paulista, irmão da poeta Francisca Júlia. Poeta simbolista, amigo de Alphonsus de Guimaraens e de Venceslau de Queirós. Publicou *Morte de Pierrô* (1915), peça teatral publicada em *A Vida Moderna*, *Arte de amor* (1921), *O diabo existe* (1925) e *Conceitos e pensamentos de Machado de Assis* (1925).

<sup>354</sup> *Os caboclos*, obra que reuniu os contos de Valdomiro escritos entre 1895 e 1896.

os li de novo! Li-os, li-os mais de uma vez, li-os em voz alta para minha mãe ouvir, e, ao cabo de cada leitura, entrava a rememorar cenas, episódios e tipos, vendo-os tão claros em minha imaginação!

Obrigado, meu bom amigo, pelo imenso prazer que teus contos me deram. És o artista de sempre, és verdadeiramente um narrador.

Escreverei mais tarde algo sobre o teu livro.

Abraços do

Júlio César da Silva,

Que te admira e te quer.

Trav. Cons. Furtado, 12.

*Carta assinada: “Júlio César da Silva”, datada: “São Paulo, 20, janeiro, 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 21,6 x 21 cm. Envelope: 12,3 x 15,2 cm., carimbo: “SANTOS – 10 HORAS”.*

### **99. SILVA, Júlio César da. 19 mai. 1921.**

São Paulo, 19 de maio de 1921.

Meu querido Valdomiro.

Doente como estou, pungido de cólicas, saturado de morfina, desencorajado, não pude dedicar aos teus admiráveis *Caboclos* mais que essas linhas que aí vão, onde até a má revisão está traindo o estado dos meus nervos.

Tenho um livro<sup>355</sup> novo, todo inédito, em verso, a entrar no prelo. Parece que esse prurido literário, que me vem à última hora, é um modo de despedir-me da vida, da vida, que parece estar a enxotar-me, dia a dia, das suas fronteiras.

Até logo, meu bom amigo de todos os tempos.

Do Júlio César,

Que te quer muito.

*Carta assinada: “Júlio César”, datada: “São Paulo, 19, Maio, 1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 26 x 10 cm. Envelope: 11,5 x 15,5 cm.*

---

<sup>355</sup> Possivelmente *Arte de amar*, que teve três edições em 1921, 1924 e 1928.

**100. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle<sup>356</sup>. 6 jul. 1920.**

MUSEU PAULISTA

DIRETORIA

São Paulo, 6 de julho de 1920.

Exmº Sr. Dr. Valdomiro da Silveira.

Recebi neste instante a atenciosa desvanecedora carta de V. Exª. Com muito prazer lhe remeto os últimos volumes da *Revista*<sup>357</sup> (a que já publiquei) e vou providenciar para que lhe enviem alguns mais – [ilegível] o nº 1 esgotado – da biblioteca do Museu.

Mando-lhe também o meu livrinho que com todo prazer lhe ofereço como homenagem de simpatia e demonstração de prazer que me causa o seu interesse<sup>358</sup>. (Estou a misturar tratamentos numa incorreção de que lhe peço desculpas pela familiaridade e pela agressão à gramática tanto o conheço de nome e o li que a hierática *Excia* do princípio, descambou para um tom menos rígido).

Seria mto difícil encontrar o meu discurso na livraria. Foi impresso por ordem do Sr. Altino Arantes para ser distribuído pelas escolas.

Esperando um dia ou outro ter o prazer e a [ilegível] de o conhecer pessoalmente assina esse seu

Aff. Admª (e leitor assíduo das *Lereias*)

Afonso de Taunay.

*Carta assinada: "Afonso de Taunay", datada: "São Paulo, 6 de julho de 1920". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Museu Paulista Directoria"; 28,4 x 21,4. Envelope: 12 x 15,4 cm., carimbo: "7 JUL".*

<sup>356</sup> Afonso d'Escragnolle Taunay (1876 – 1958), historiador e professor catarinense. Além de diretor do Museu Paulista de 1917 a 1946, foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da-Universidade de São Paulo (FFCL), entre os anos 1934 e 1937. Acolhido, em 1911, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e, em 1929, na Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas publicações: *Os princípios gerais da moderna crítica histórica* (1916), *São Paulo no século XVI* (1921), *Entre os nossos índios* (1931) e *O Rio de Janeiro de antanho: impressões de viajantes estrangeiros* (1942).

<sup>357</sup> No artigo "*Revista do Museu Paulista e(m) capas: identidade e representação institucional em texto e imagem*", publicado nos *Anais do Museu Paulista* (v. 20 n.2. p. 149-184, 2012), Vera Lúcia Nagib Bittencourt afirma que a *Revista* surgiu com o intuito de divulgar as produções científicas do Museu, além dos relatórios dos diretores destinados ao governo. Taunay foi diretor da *Revista do Museu Paulista*, de 1917 a 1945.

<sup>358</sup> Obra não identificada pela pesquisa.

**101. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 30 ago. 1920.**

MUSEU PAULISTA

DIRETORIA

São Paulo, 30 de agosto de 1920.

Prezado e ilustre Dr. Valdomiro Silveira.

Devo-lhe, há muito esta resposta e peço-lhe desculpas de tão grande demora. Estou mto ocupado e sobretudo mto preocupado com meu pleito judiciário no Rio de Janeiro com um contrafator de livros de meu Pai.

Sobremodo apreciei os termos gentis de sua carta e a generosidade de suas expressões.

Espero ansiosamente o seu livro de contos<sup>359</sup>.

De muitos me lembro tão vivamente que terei o maior prazer em o reler.

Remeti-lhe o tomo VIII da *Revista*<sup>360</sup> e um volume que ultimamente publiquei<sup>361</sup>. Saiu feio mas a cavalo dado... foi o Instituto Brasileiro que o imprimiu.

Queira ter-me como seu mto aff. adm<sup>o</sup>

Afonso de Taunay.

*Carta assinada: "Afonso de Taunay", datada: "30 de agosto de 1920". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Museu Paulista Directoria"; 27,5 x 21,3. Envelope: 12,3 x 15,6 cm., carimbo: "4 SET [ilegível]".*

**102. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 22 jan. 1921.**

Exmo. Dr. Valdomiro Silveira.

Imensamente penhorado venho agradecer-lhe a remessa do seu lindo volume *d'Os Caboclos* que li, e antes que reli quase todo pois tinha bem presentes a memória os contos que nele vêm.

---

<sup>359</sup> *Os caboclos*.

<sup>360</sup> O número VIII da *Revista do Museu Paulista*, publicada em 10 de maio de 1911, contava com artigos de Hermann von Ihering (na época diretor do Museu), Jean Brethes, Rodolfo von Ihering, entre outros. Neste número, não foram localizados artigos assinados por Taunay,

<sup>361</sup> Possivelmente *São Paulo nos primeiros anos (1554 – 1601)*, obra publicada em 1920.

Dou-lhe os parabéns pelo aparecimento do livro e felicito-me, como público, em ter à mão esta [série] de novelas regionais tão cheias de vida e exatidão tão brasileiras.

Reiterando-lhe meus muitos agradecimentos pela generosidade da oferta e dedicatória assina seu muito aff. adm<sup>or</sup>

Afonso de Taunay.

22 de janeiro de 1921.

*Carta assinada: "Affonso de Taunay", datada: "22 de janeiro de 1921". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha, bordas pretas [luto]; 22 x 17,7. Envelope: 9,5 x 11,8 cm., carimbo: "25 JAN. 1921".*

**103. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 26 jan. 1932.**

ACADEMIA BRASILEIRA

Prezado ilustre confr. Dr. Valdomiro Silveira.

Perdoe-me a demora destas letras. Recebi o seu belo volume<sup>362</sup> enriquecido por tão generosa dedicatória mas tão atarefado andei que só o pude ler agora. Mas queria por essa agradecer-lhe antes de o conhecer. Daí a demora destas linhas de agradecimento – sobretudo de parabéns calorosos.

Em *Nas serras e nas furnas* vejo o mesmo estilo vigoroso, a mesma veia inventiva [abundante]<sup>363</sup>, o mesmo brilho e colorido das peças que constituem a essência *d'Os Caboclos*. Parabéns pela bela joia com que veio enriquecer as nossas letras e ao mesmo tempo ofereces aos nossos folcloristas e antropólogos tanta observação realizada com tamanha [ilegível].

Ao terminar as letras do seu belo volume pude verificar a extensão da valia do presente recebido.

Creia-me seu adm. am.

Afonso de Taunay.

São Paulo, 26 de janeiro de 1932.

<sup>362</sup> *Nas serras e nas furnas*, segundo livro de Valdomiro Silveira, publicado em 1931.

<sup>363</sup> Palavra sobreposta a uma outra, configurando rasura.

*Carta assinada: "Affonso de Taunay", datada: "S. Paulo, 26/1/1932". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Academia Brasileira"; 14 x 10,5 cm.*



**104. TEIXEIRA, Gustavo de Paula<sup>364</sup>. 28 nov. 1916.**

São Pedro, 28 de novembro de 1916.

Prezadíssimo Dr. Valdomiro.

Tem esta o fim especial de comunicar ao grande e velho amigo que vou casar-me. [Contratei] casamento com Edith, filha do Dr. Heitor Machado, residente em S. Paulo. Não enviei a ninguém participação impressa, mas não quero deixar de enviar participação aos amigos mais queridos.

– Por falta de tempo, não fiz ainda os retoques necessários nos versos que prometi para *Revista do Brasil*, mas o prometido será cumprido. Tenho grande número de inéditos, mas tudo carece de [ilegível] e atualmente eu ando muito preocupado...

– Peço dar muitas saudades ao M. Fontes e aceitar um abraço saudoso do adm<sup>o</sup> e am<sup>o</sup> sincero

Gustavo Teixeira

Recebi o seu soneto “Solidão”, na *Cigarra*<sup>365</sup>, logo que aqui cheguei. É um dos melhores sonetos que *A Cigarra* tem publicado. Por que não publica outros?

G.T.

*Carta assinada: “Gustavo Teixeira”, datada: “São Pedro, 28-11-916”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 28 x 21,3 cm. Envelope: 12 x 14,5 cm., carimbo: “28 NOV 1916”.*

**105. TEIXEIRA, Gustavo de Paula. 26 set. 1935.**

São Pedro, 26 de setembro de 1935.

Prezad<sup>o</sup> Am<sup>o</sup> Dr. Valdomiro Silveira

Cordiais saudações.

<sup>364</sup> Gustavo de Paula Teixeira (1881 – 1937), poeta natural de São Pedro – SP. De origem humilde, só iniciou os estudos aos 14 anos, quando surge seu interesse por literatura e passa a escrever versos. Muda-se para São Paulo e, em 1905, trabalha no jornal *Folha Nova*, mas logo retorna para sua cidade natal. Algumas obras: *Ementário* (1907) e *Poemas líricos* (1925).

<sup>365</sup> O poema inédito “Solidão”, de autoria de Silveira, foi publicado na página 55 da ed. 33 d’*A Cigarra*, em 30 de dezembro de 1915.

Tomo a liberdade de pedir mais um favor. Não é cousa difícil, mas é de suma importância para mim. Fico certo de que, bondoso como é, atenderá ao meu pedido, ficando desde já autorizado a me mandar as suas ordens sempre que precisar dos meus insignificantes préstimos.

Trata-se do seguinte:

Eu requeri em 6 do corrente, ao Departamento de Administração Municipal, o aumento da 4ª parte do ordenado e as regalias do Decreto n. 5.497 de 2 de maio de 1932 (ano da gripe), decreto que concede mais um ano na contagem do tempo.

Com as regalias deste Decreto, eu fico com 31 anos de serviço. Sem tais regalias, só com as férias em dobro (eu nunca tive um dia de férias!), ainda eu fico com 30 anos de serviço, descontados de licenças. Ao meu requerimento dirigido ao D.A.M, juntei certidão de contagem de tempo e atestado do Prefeito sobre os serviços por mim prestados, de fato, na epidemia da gripe.

Eu peço, com o maior empenho, ao Dr. Valdomiro, o grande favor de entrever-se com o Sr. Domício Pacheco e Silva, Diretor do Departamento A. Municipal, a fim de ser quanto antes despachado o meu requerimento, para figurar no orçamento municipal, a ser elaborado aquilo a que eu tiver direito.

No Departamento A. Municipal há muito serviço. E só com a intervenção de uma pessoa do prestígio do Dr. Valdomiro eu verei satisfeita a minha aspiração. Eu não vou aposentar-me já, porque aqui precisam dos meus serviços. Mas eu quero melhorar a situação, recebendo aquilo a que tenho direito pela Constituição (que ficou ótima!).

Fico-lhe infinitamente agradecido pelos serviços que vai prestar-me. Queira aceitar um saudoso abraço do seu am. e admº

Gustavo Teixeira.

*Carta assinada: "Gustavo Teixeira", datada: "São Pedro, 26 de setembro de 1935". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 3 folhas; 28 x 20,6 cm.*

**106. THIOLLIER, René. 25 dez. 1919.**

VILLA FORTUNATA  
56, AVENIDA PAULISTA  
SÃO PAULO (BRASIL)

25 de dezembro de 1919.

Meu caro Valdomiro Silveira.

Antes de tudo, um excelente Natal, e um Ano Novo felicíssimo, nessa casinha bendita! Você não pode imaginar o prazer que me fez oferecendo-me a fotografia da sua cozinheirinha. Que linda que ela é! E de tão lindas mãozinhas, que deliciosos quitutes não hão de sair... Se lhe eu disser, aposto, você não o acredita: estou a beber-me por eles, daqui. E com o caradurismo que apanhei, desde o *Contratador*<sup>366</sup>, sou capaz de aparecer aí, para almoçar, sem convite, um destes dias, – sobretudo se me não souber lá muito bem a “ceia” que me vai oferecer o meu colega, o cardeal de Montmorency<sup>367</sup>, no Municipal.

Amanhã, o Jacintho enviará, para a nossa Juniazinha<sup>368</sup>, dois tratados de Arte Culinária: um em francês e outro em português.

Recomendações minhas e de minha mulher à sua Senhora; lembranças às crianças, e você aceite um abraço do amigo que sempre foi um grande admirador seu

René Thiollier.

*Carta assinada “René Thiollier”, datada: “25.XII.19”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Vila Fortunata 56, Avenida Paulista [...]”; 10 x 15,5 cm.*

<sup>366</sup> *Contratador de diamantes* (1917), drama histórico de Afonso Arinos, publicado postumamente, foi levado à cena por René Thiollier em 1919 no Teatro Municipal de São Paulo. O evento foi financiado por Washington Luís.

<sup>367</sup> Personagem da peça teatral portuguesa *A ceia dos cardeais*, escrita por Júlio Dantas, que estreou em março de 1902. A peça conta a história das aventuras amorosas dos cardeais Gonzaga de Castro, Rufo e Montmorency. Foi também encenada por Thiollier no Teatro Municipal, ao lado de Godofredo da Silva Telles e Aguiar d’Andrada, em 1919.

<sup>368</sup> Júnia Silveira Mendes Gonçalves (1906 -?), filha primogênita de Valdomiro Silveira. Cuidou de grande parte do arquivo de seu pai, incluindo as obras inéditas.

**107. THIOLLIER, René. 26 fev. 1921.**

VILA FORTUNATA  
56, AVENIDA PAULISTA  
SÃO PAULO

26 de fevereiro de 1921.

Meu bom e querido Valdomiro.

Acabo de escrever uma crônica<sup>369</sup> sobre o seu livro. (Uma pública homenagem lhe justo prestatas). Será publicado por estes dias no *Jornal do Commercio*<sup>370</sup>.

Recomendações à sua Senhora e filhos. Aceite você um grande abraço de seu amigo de sempre

René Thiollier.

*Carta assinada “René Thiollier”, datada: “26.II.1921”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Villa Fortunata 56 Avenida Paulista”; 9,1 x 13,7 cm.*

**108. THIOLLIER, René. 7 set. 1935.**

VILA FORTUNATA  
56, AVENIDA PAULISTA  
SÃO-PAULO (BRASIL)

7 de setembro de 1935.

Meu caro Valdomiro Silveira

Um abraço!

<sup>369</sup> THIOLLIER, René. A proposito dos Caboclos de Valdomiro Silveira. *Jornal do Commercio*. São Paulo, 7 mar. 1921.

<sup>370</sup> Tendo sua sede no Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* circulou de 1827 a 2016, considerado um dos jornais mais longevos da América Latina. Colaboraram no jornal intelectuais como Visconde de Taunay, Lima Barreto, Araripe Jr e Rui Barbosa.

Envio-lhe aí o meu discurso, infelizmente muito mal batido à máquina, e os meus livros.<sup>371</sup> Os livros são poucos, mas o número vai aumentar este ano, se Deus quiser, com dois que pretendo publicar.

O *Senhor Dom Torres*<sup>372</sup> vai com todos os seus defeitos de linguagem e de estilo. Mas, pouco importa. Eu seria incapaz de repudiá-lo. É meu filho, e não deixa, ainda assim, de ter as suas qualidades. Deu-me muito prazer uma época em que eu imaginava que era um Anatole<sup>373</sup>, escrevendo como o escrevi.

No *Homem da galeria*<sup>374</sup> há algumas coisas boas. Chamo a sua atenção para a crônica “A vida tragicômica de Rubem Darío”, que alcançou muito sucesso, e “Nas termas de Caldas”.

A plaquete *Antônio Bento*<sup>375</sup>, que tenho o prazer de lhe oferecer, foi recebida com muita simpatia pela imprensa.

Agora, que eu faço muito empenho que você leia são os trabalhos que vão publicados em jornais: o conto “O Crime da mulata”<sup>376</sup>, “A Lisboa de Eça de Queiroz”<sup>377</sup>, “Viagem interior”, “Tomada de Cunha”<sup>378</sup> e “Batismo de fogo”<sup>379</sup>.

Em “Tomada de Cunha” e no “Batismo de fogo”, você terá uma ideia exata do que foi minha atuação na Revolução de 32.

E, desde já, muito, muito agradecido por tudo!

Seu velho amigo, muito sinceramente seu

René Thiollier.

<sup>371</sup> Os mencionados documentos não foram identificados pela pesquisa.

<sup>372</sup> THIOLLIER, René. *Senhor Dom Torres: páginas agrodoces*. São Paulo: Mayença, 1921.

<sup>373</sup> Jacques Anatole François Thibault (1844 – 1924), escritor francês que utilizava o pseudônimo Anatole France. Recebeu o Nobel da Literatura em 1921. Algumas de suas obras: *Poèmes dorés* (1873), *Jocaste et le chat maigre* (1879), *Le lys rouge* (1894), *Histoire comique* (1904), *La revolte des anges* (1914) e *La vie en fleur* (1922). Escreveu também peças teatrais como *Au petit bonheur* (1898), *Pierre Nozière* (1899) e *La comédie de celui qui épousa une femme muette* (1908).

<sup>374</sup> Livro composto de dez ensaios, publicado em 1927. Dentre os ensaios, sobressaem-se os relatos “A Semana de Arte Moderna” e “De São Paulo a São João Del Rey”, na qual Thiollier descreve a viagem que fez em 1924, acompanhando Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e outros.

<sup>375</sup> Antônio Bento de Souza e Castro (1843 – 1898), promotor público e juiz paulistano. Em 1877 conhece Luís Gama, líder do movimento de emancipação dos escravos em São Paulo. Após falecimento do autor de *Primeiras trovas burlescas*, Antônio Bento assume a liderança do movimento na capital paulista. Recebeu muitos escravos fugidos em sua casa. Para ele, René dedica obra *Um grande chefe abolicionista: Antônio Bento* (1932). *Homem da galeria* exhibe escrito dedicado a Bento.

<sup>376</sup> Conto de Thiollier publicado em 1937 na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 1, p. 62-68.

<sup>377</sup> Conto de Thiollier publicado em 1938 na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 4, p. 28-36.

<sup>378</sup> Na edição de número 35 da *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 de setembro de 1946, Thiollier publica “A vitória de Cunha”.

<sup>379</sup> Em sua tese de Doutorado “Folheando a obra (e a vida) do grão-senhor da Villa Fortunara: um estudo sobre René Thiollier”, Valter Cesar Pinheiro menciona que em “Batismo de fogo”, Thiollier faz uma descrição a respeito da participação de Ciro Costa na Revolução Constitucionalista de 1932.

P.S. Envio-lhe também umas notas biográficas e uns retalhos de apreciações críticas.<sup>380</sup>

*Carta assinada “René Thiollier”, datada: “7.IX.35”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: Villa Fortunata 56, Avenida Paulista [...]”; 26,5 x 20,5 cm.*

**109. THIOLLIER, René. 22 mar. 1938.**

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS  
RUA SENADOR FEIJÓ, 64 – 2º ANDAR  
SÃO PAULO

São Paulo, 22 de março de 1938

Valdomiro!

Envio-lhe, hoje, o segundo número da *Revista*, com a sua conferência sobre Paulo Eiró<sup>381</sup>. Na opinião de todos, está um número magnífico. Vamos ver o que você acha. Preciso, agora, de um conto seu para o terceiro número, mas não demore me remeter.

Você não imagina o trabalho que tenho com a publicação da *Revista*.

Recomendações à esposa e queira-me como sempre. Seu muito seu

René.

*Carta assinada “René”, datada: “S. Paulo, 22 de Março de 1938”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Paulista de Letras Rua Senador Feijó, 64 [...]”; 14 x 21,5 cm.*

**110. THIOLLIER, René. 11 ago. 1938.**

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS  
RUA SENADOR FEIJÓ, 64 2º ANDAR  
SÃO PAULO  
REVISTA  
DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

<sup>380</sup> A pesquisa não localizou os referidos documentos.

<sup>381</sup> Paulo Emílio de Sales Eiró (1836 – 1871), poeta e dramaturgo paulista. Patrono da cadeira nº 29 da Academia Paulista de Letras, que foi ocupada por Valdomiro Silveira. Publicou, dentre outros, *Coleção de romances, rimas e trovas paulistanas compostas por diversos caipiras* (1850), *Cismares da solidão* (1854) e *Lira e mocidade* (1855).

DIREÇÃO DE RENÉ THIOILLIER, SECRETÁRIO-GERAL  
 REDAÇÃO: RUA 15 DE NOVEMBRO, 256 (SALA 7)  
 S. PAULO – BRASIL

São Paulo, 11 de agosto de 1938.

Meu caro Valdomiro Silveira.

Recebi a sua carta expressa e fui ter imediatamente com o dr. Alcântara Machado, que estava também de posse de uma carta que você lhe havia escrito, expondo os motivos por que não podia representar a Academia na Semana Euclidiana<sup>382</sup>, em S. José do Rio Pardo; de comum acordo, oficiamos ao Pati<sup>383</sup>, incumbindo-o de substituí-lo, e logo em seguida comunicamos à imprensa, que publicou hoje a notícia.

Você deve receber um aviso do nosso almoço; devo dizer-lhe porém que ele foi adiado porque à medida que eu telefonava, a resposta era esta – “Sinto muito não poder comparecer”. Em vista disso o dr. Alcântara resolveu adiá-lo para semana que vem.

É uma pena! A Academia poderia ter uma grande projeção dentro e fora de S. Paulo! Infelizmente, são poucos os acadêmicos que a levam a sério!

Bem, meu caro Valdomiro Silveira, fazendo votos pela sua saúde, aproveito o ensejo para apresentar as minhas homenagens à sua senhora.

René Thiollier.

P.S. Sábado, vou a Santos. Levar-lhe-ei o 3º número da *Revista*<sup>384</sup>.

*Carta assinada “René Thiollier”, datada: “São Paulo, 11 de agosto de 1938”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: “Academia Paulista de Letras [...]”; 28 x 21,5 cm. Envelope: 9,8 x 17 cm.*

<sup>382</sup> Evento em homenagem a Euclides da Cunha que ocorre desde 1912, na cidade de São José do Rio Pardo, São Paulo.

<sup>383</sup> Francisco Pati (1898 – 1970) nasceu em Amparo, São Paulo. Assume o posto de diretor do Departamento de Cultura em 1938, substituindo Mário de Andrade. Membro da Academia Paulista de Letras. Publicou *Fausto e Dom Juan – poemas* (1921), *Maria Leocádia* (1926) e *Espírito das arcadas* (1948).

<sup>384</sup> *Revista da Academia Paulista de Letras*, fundada por Thiollier em 1936, e sob sua direção durante 15 anos.

**111. VAMPRÉ, Spencer. 9 jan. 1923.**

DRS.  
SPENCER VAMPRÉ  
E  
PEDRO SOARES DE ARAUJO  
ADVOGADOS  
RUA S. BENTO, 29 – B  
TELEPH. CENT. 3476  
S. PAULO

São Paulo, 9 de janeiro de 1923.

Meu caro Valdomiro Silveira.

Santos

Acabo de receber os dois sonetos<sup>385</sup> – magnificamente parnasianos – do dr. João Silveira<sup>386</sup>. Lá irão no livro sobre a Academia, a reconsagrará-lo como delicado e emotivo poeta, que refulge na glória do talento de todos os filhos.

Poderá haver imortalidade maior para um homem como ele?

Mas, onde estão os seus versos<sup>387</sup>, acadêmicos ou pós-acadêmicos? E os de Breno?<sup>388</sup> E a propósito: tem você, ou ele, alguma biografia em jornal, ou volume?

Fui pessoalmente procurá-lo na sua quieta e sombria vivenda. No mormaço das três e tanto, daquele cálido domingo, tive ímpetos de atirar-me sobre as convidativas poltronas de um varandim da entrada, onde o musgo se enrosca poeticamente pelos degraus, e trepadeiras balançam como cortinas verdes.

Mas, o ronco de um cão de guarda vizinho – tenho horror aos molossos – atravessando uma cerca viva, ao lado esquerdo de quem entra, e pondo a ameaçadora cabeça de fora, obrigou-me a uma retirada, que, se não foi cheia de glória, foi incontestavelmente prudente.

Aí está porque v. não me pode ver, nem pude eu abraçar o meu ilustre e querido amigo, de quem guardo sempre uma grande e profunda saudade.

Um abraço muito cordial do

---

<sup>385</sup> Os poemas de João Silveira que aparecem no livro são “Êxtase”, “O calafate branco” e “O estudante e a florista”. (VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, 1977 p. 234).

<sup>386</sup> João Batista da Silveira, pai de Valdomiro Silveira, formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1880. Destacou-se também como promotor público, orador e poeta.

<sup>387</sup> Há também menção de Valdomiro Silveira no livro de Vampré, como um dos matriculados na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1891, além da transcrição de um de seus primeiros sonetos, “Desesperança”, publicado pela *Gazeta do Povo* em 1889. (VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, 1977 p. 362).

<sup>388</sup> Breno Silveira, irmão de Valdomiro Silveira.



Spencer Vampré.

*Carta assinada: "Spencer Vampré", datada: "São Paulo, 9 de Janeiro de 1923". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; timbrado: "Drs. Spencer Vampré e Pedro Soares de Araújo Advogados [...]"; 27,9 x 21,3 cm.*

**112. VAREJÃO, Lucilo<sup>389</sup>. 19 jul. 1922.**

Recife, 19 de julho de 1922.

Meu ilustre am<sup>o</sup>

Dr. Waldomiro Silveira.

Com que então esqueceu o seu pequeno amigo de Recife?

Desde aquela carta em que, a propósito da minha *A mulher do próximo*<sup>390</sup>, me descobria uma porção de qualidades intelectuais, nunca mais teve um instante em que pudesse dizer-me duas linhas.

Ou será esse silêncio causado pelo livresco mau que lhe mandei posteriormente? Se assim é, penso que muito breve modificará um pouco a opinião a meu respeito.

Tenho dois livros agora a sair do prelo: um romance, do Monteiro Lobato C<sup>a</sup> e um livro de contos<sup>391</sup> do F. Schettini C<sup>a</sup> do Rio, e logo que me cheguem os primeiros exemplares, eu lh'os remeterei, registrados pelo Correio.

Mas agora – quem fala aqui é a vaidade – ser-me-ia difícil obter um exemplar d'*Os Caboclos* com a sua dedicatória? A falar-lhe com franqueza eu fazia uma questão quase fechada disso.

Mas aqui fico, meu ilustre am<sup>o</sup>

Pode inteiramente dispor do

Pequeno criado e am<sup>o</sup> mto adm<sup>o</sup>

Lucilo Varejão

128 – Conceição

Recife

*Carta assinada “Lucilo Varejão”, datada: “Recife, 19. Julho, 922.”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 28 x 22 cm.*

<sup>389</sup> José Lucilo Ramos Varejão (1892 – 1965), escritor recifense. Publicou *De que morreu João Feital* (1923), *A mulher do próximo* (1924), *O lobo e a ovelha* (1935) e *Paisagem e figura* (1956), romances que buscavam descrever a burguesia de Recife e Olinda.

<sup>390</sup> VAREJÃO, Lucilo. *A mulher do próximo*. Editora Monteiro Lobato & Cia, 1924.

<sup>391</sup> Pela ordem cronológica de suas publicações, supõe-se que sejam o romance *De que morreu João Feital* (1923), editado por Lobato, e o livro de contos *Adão* (1924), pela Edição Benjamin Costallat & Miccolis. Há, ainda, a probabilidade de ser o livro de contos *Teia dos desejos*, lançado também em 1924.

**113. VAREJÃO, Lucilo. 8 ago. 1929.**

Exmo Am<sup>o</sup> e Confrade

Dr. Valdomiro Silveira.

Não sei se ainda se lembra do humilde rabiscador de letras do Recife, que há anos teve a honra insigne de merecer-lhe um exemplar d'*Os caboclos*, com dedicatória.

Esse livro e um cartão que sua mão ilustre me endereçou, tiveram para mim o particular encanto de ser, com uma carta do Dr. Martim Francisco, recebida na mesma ocasião, os primeiros aplausos que das terras grandes de São Paulo chegaram ao meu precário romance *De que morreu João Feital*<sup>392</sup>.

E é por isso que não hesito em procurar recolher-me neste momento à generosidade com que já me recebeu.

Sou um reles 2<sup>o</sup> oficial dos Correios de Pernambuco, e agora, com a aposentadoria do chefe da Seção Eládio Xavier Faustino Ramos abre-se uma vaga de 1<sup>o</sup> oficial a que me julgo com todo os direitos pois sou o 3<sup>o</sup> em antiguidade (sendo que os dois mais velhos do que eu têm penalidades sérias e não podem ser promovidos por merecimento) sem a menor mancha na minha fé de ofício, de mais exemplar assiduidade, tendo exercido as mais honrosas comissões.

São esses meus direitos que eu exporia ao Exmo. Dr. Washington Luís se pudesse a ele dirigir-me.

Mas infelizmente não me é dado a ele dirigir-me e por esta razão venho apelar para o eminente confrade que tem um irmão<sup>393</sup> como Chefe da Casa Civil do Exmo. Sr. Presidente, certo de que, com nobreza de coração que bem conheço, não se recusará a interceder em favor de minha justa pretensão. Pedindo-lhe desculpas pela impertinência, rogo-lhe que me considere menor am<sup>o</sup> e maior adm<sup>o</sup>

Lucilo Varejão

(José Lucilo Ramos Varejão)

Recife, 8 de agosto de 1929.

*Carta assinada "Lucilo Varejão", datada: "Recife – 8.8.29". Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas; 18 x 17,5 cm.*

<sup>392</sup> VAREJÃO, Lucilo. *De que morreu João Feital*. Editora Monteiro Lobato, 1923.

<sup>393</sup> O irmão mais novo de Valdomiro, Alarico Silveira, trabalhou no governo de Washington Luís.

**114. VARELA, Alfredo Augusto<sup>394</sup>. [Sem data]**

Prezadíssimo e bom amigo,

mil obrigados por tudo; há de ter ensejo de verificar que o meu reconhecimento não é desses que se dissipam logo depois de recebido o serviço. Não lh'ó tinha dito antes, porque aguardava o parecer do Clóvis, o qual junto em cópia<sup>395</sup>. Ele o conhece bem e admira os seus talentos e cultura. Verá em que [divergem] os mais [notáveis] juristas.

Aconselhou que Ticio evitasse o errôneo critério do Ministério Público, no Rio, tudo acabaria bem, mas daria passageiro e evitável incômodo. Ticio, não podendo demorar-se no Brasil, vai realizar o ato na Espanha.

Readquiro [enfim] o sossego de espírito e não foi pequeno o seu caridoso concurso para isso, meu eminente amigo. Conhecia o seu rútilo espírito; agora pude conhecer bem o seu mimoso coração.

E a propósito dele. Suas últimas letras ao nosso Martim<sup>396</sup> chegaram a tempo. Ele as leu comovidíssimo. “Que meiga, que meiga carta”, disse-me enternecido D. Zé! Conservemos viva a lembrança do grande brasileiro e estreitemos, cada vez mais, as nossas relações, os que soubemos amá-lo!

Parto a 11; manda-me suas caras ordens, para Barcelona, Espanha, Ronda de S. Pablo, 15 – 2ª – 1ª. Al [ilegível] de D. Paco [ilegível]. Receba com sua Exma. família as nossas afetuosas homenagens. Eu abraço-o e igualmente ao bom Agenor.

Alfredo Varela.

*Carta assinada “A. Varela”, sem data. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 1 folha; 26x 18,8 cm.*

<sup>394</sup> Alfredo Augusto Varela (1864 – 1934), advogado e político natural de Jaguarão, Rio Grande do Sul. Diretor do jornal *A Federação*, de 1890 a 1891. Publicou *A constituição rio-grandense* (1894), *Direito constitucional brasileiro* (1899), *Contra as oligarquias* (1903) e *Bruxelas* (1908).

<sup>395</sup> A pesquisa não localizou a referida cópia

<sup>396</sup> Provavelmente Martim Francisco.

**115. VERÍSSIMO, José<sup>397</sup>. 12 jun. 1897.**

REVISTA BRASILEIRA

DIRECTOR: JOSÉ VERÍSSIMO

31 – TRAVESSA DO OUVIDOR – 31

RIO DE JANEIRO

Sr. Dr. Valdomiro Silveira.

Fica satisfeita a sua reclamação em carta de 5 deste, agora mesmo recebida. E noto isso para mostrar que o atraso é da mesma distância entre esta cidade e a em que mora nela. A *Revista*<sup>398</sup> tem sempre saído com rara regularidade e é remetida para o *Estado de S. Paulo* nos três dias que se seguem ao [do seu] aparecimento, 1 e 15 de cada mês. Quanto à remessa, ela se faz com [ilegível] cuidado.

Temos já as colaborações de 1875 e 1876, custa aquela 40\$ e esta 30\$. Poderemos enviá-lhes mediante ordem vale postal ou carta registrada com a respectiva importância.

Terminada a parte ruim, mas ai! de nós! necessária dos negócios, deixe-me felicitá-lo pelos seus interessantes trabalhos e pelo legítimo sucesso que tem tido e dizer-lhe que a *Revista* teria muito prazer em contá-lo entre os seus colaboradores<sup>399</sup>.

Do [ob] mto admirador

José Veríssimo.

*Carta assinada “José Veríssimo”, datada: “12 de junho de 97”. Autógrafo a tinta preta; papel creme; 2 folhas, timbrado: “Revista Brasileira/ Diretor – José Veríssimo”; 21, 7 x 17, 6 cm.*

---

<sup>397</sup> V. nota 37.

<sup>398</sup> Segundo informações da Academia Brasileira de Letras, a primeira publicação da *Revista* aconteceu em 1855, fundada por Dr. Francisco de Paula Meneses. Posteriormente, foi dirigida por Nicolau Midosi, tendo circulado sob sua coordenação entre os 1879 e 1881, totalizando 30 números. Somente em 1895, denominada Terceira Fase, José Veríssimo assume a direção da *Revista Brasileira*, publicando 19 números até 1899.

<sup>399</sup> Valdomiro Silveira publicou o conto “Violento” em 15 de julho de 1897, um mês após o convite de Veríssimo.

## Bibliografia

### 1.1. Obras de Valdomiro Silveira:

SILVEIRA, Valdomiro. *Os caboclos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

SILVEIRA, Valdomiro. *Nas serras e nas furnas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

SILVEIRA, Valdomiro. *Mixuângos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

SILVEIRA, Valdomiro. *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

### 1.2. Bibliografia sobre Valdomiro Silveira:

ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

BARBOSA, Alexandre de Oliveira. *Edição anotada de Mucufos, coletânea de contos inédita de Valdomiro Silveira*, 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Telê Ancona Lopez.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

DIAS, Carmen Lydia de Souza. *Paixão de raiz: Valdomiro Silveira e o Regionalismo*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

FREDERICO, Enid Yatsuda. Introdução. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Lereias (histórias contadas por eles mesmos)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GONÇALVES, Júnia Silveira. Notas biográficas sobre Valdomiro Silveira. In: *Nas serras e nas furnas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “Valdomiro Silveira e as origens do regionalismo sertanejo em nossa ficção”. In: SILVEIRA, Valdomiro. *Nas serras e nas furnas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

### 1.3. Bibliografia sobre o gênero epistolar:

ANDRADE, Mário de & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org., intr. e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo : Edusp, 2000.

CHARTIER, Roger (Org.). *La correspondance – Les usages de la lettre au XIXe. siècle*. Paris, Fayard, 1991.

FRANÇON, André e GOYARD, Claude (Org.). *Les correspondances inédites*. Paris, Economica, 1984.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso*. Papéis avulsos nº 27. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris, Éditions de Minuit, 1990.

LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (orgs). *Genèse & Correspondance*. Paris: Éditions Archives Contemporaines, 2012.

LOPEZ, Telê Ancona. *Uma ciranda de papel*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MALATIAN, Teresa. *Narrador, registro e arquivo*. In: PISNKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2017.

MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética”. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 59, n.1, p. 30-32, jan-mar. 2007.

PAES, João Paulo (Org.). *Grandes cartas da história*. São Paulo, Cultrix, 1968.

ROCHA, Andrée Crabé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra, Almedina, 1965.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol. A correspondência de Mário de Andrade e outras missivistas*. São Paulo, Annablume, 1998.

### 1.4. Bibliografia geral:

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola, 2020.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918 – 1925)*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2010

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1978.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era realista/era de transição*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1986.

### **1.5. Relação dos textos aludidos na seleta de cartas, localizados pela pesquisa:**

AMARAL, Amadeu. “O Açude”. In: *Espumas*. São Paulo: Edição da Cigarra, 1917.

AMARAL, Amadeu. “Palmeira e o raio”. In: *Espumas*. São Paulo: Edição da Cigarra, 1917.

AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade: estudos e notas de literatura*. São Paulo: Empresa Editora Nova Era, 1924.

AMARAL, Amadeu. *Letras floridas*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

AMARAL, Amadeu. *Um soneto de Bilac*. Jaú: Edição do “Jahú Club”, 1920.

ARINOS, Afonso. *O contratador de diamantes*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

AZZI, Francisco. “Um grande artista”. s/ind. de periódico. Casa Branca, jan. 1921.

BARROSO, Gustavo. *Seca e Meca e Olivais de Santarém*. Editorial Presença, 1946.

BILAC, Olavo. *Pimentões: rimas d’O Filhote*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1897.

CAMPOS, Humberto de. *Os caboclos. Paratodos*. Rio de Janeiro, 19 fev. 1921. n. 114.

CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções*. São Paulo: Cardoso, Filho & Cia, 1908.

CORREIA, Pio Lourenço. *Monografia da palavra Araraquara*. São Paulo, 1937.

COSTA, Firmino. *Gramática portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921.

D’ARNOUX, Jacques. *Palavras de um redivivo*. 2 ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1928.

DUARTE, Presciliana. *Páginas infantis*. 2 ed. São Paulo: Tipografia Brasil de Rothchild, 1910.



- DICKENS, Charles. *A Christmas Carol*. Londres: Chapman & Hall, 1843.
- FONTES, Martins. *Verão*. Santos: Instituto D. Escholástica Rosa, 1917.
- FLOREAL, Sylvio. “Os caboclos”. *Commercio de Campinas*. Campinas, 25 de junho de 1921.
- FRANCISCO, Martim. *Os dois almirantes: alocução proferida em Santos, em 11 de junho 1905, a convite de Comissão Popular no Teatro Guarany*. Santos: Typ. Imprensa Popular, 1905.
- FRANCISCO, Martim. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Discurso de posse*, 1909.
- FRANCISCO, Martim. *Pátria morta? (de Pombal a Pires Ferreira)*. Santos: Tipografia Imprensa Popular, 1902.
- HOLANDA, Francisco de. *Da pintura antiga*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- LUSO, João. *Orações e palestras*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941.
- LUSO, João. Dominicais. *Folhetim do Jornal do Commercio*. São Paulo, 30 jan. 1921.
- MIRANDA, Veiga. *Os Faiscadores: crônicas e impressões de leituras*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1925.
- NETTO, Coelho. *Rei Negro*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão Editores, 1914.
- PICCHIA, Menotti del. *Palestra das Segundas*. Correio Paulistano, São Paulo, 24 de outubro de 1921.
- PICCHIA et. al. *In Memoriam Martins Fontes*. São Paulo: Edição da Comissão Glocificadora de Martins Fontes, 1938.
- SETTE, Mário. *Maxambombas e maracatus*. São Paulo: Editora Cultura Brasileira, 1935.
- SETTE, Mário. *Os Azevedos do poço*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1938.
- SETTE, Mário. *O palanquim dourado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, 1953.
- SEIXAS, Aristeu. *Pôr de sol*. São Paulo: Companhia Graphico-editora Monteiro Lobato, 1924.
- SILVA, Júlio César da. *Arte de amar*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1921.
- SILVEIRA, Agenor. *Colocação de pronomes: regras e notas explicativas*. São Paulo: Casa Weiszflog Irmãos, 1920.
- SILVEIRA, Valdomiro. “Solidão”. *A Cigarra*. São Paulo, 30 de dezembro de 1915.
- SILVEIRA, Valdomiro. “Paulo Eiró”. *A Tribuna*. Santos, 15 de abril de 1936.
- SOUZA JÚNIOR, Augusto Gonçalves de. *Enquanto a morte não vem*. Porto Alegre: Edição Livraria do Globo, 1939.

THIOLLIER, René. *Senhor Dom Torres: páginas agrodoce*s. São Paulo: Mayença, 1921

THIOLLIER, René. “O crime da mulata”. *Revista da Academia Paulista de Letras*, 1937, p. 62-68.

THIOLLIER, René. “A Lisboa de Eça de Queirós”. *Revista da Academia Paulista de Letras*, 1938, p. 28-36.

THIOLLIER, René. “A propósito dos caboclos de Valdomiro Silveira”. *Jornal do Commercio*. São Paulo, 7 mar. 1921.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1977.

VAREJÃO, Lucilo. *A mulher do próximo*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Cia, 1924.

VAREJÃO, Lucilo. *De que morreu João Feital*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1923.

ANEXO A: Correspondência Passiva da Seleta em ordem cronológica<sup>400</sup>

Escritor/Data	Página
LOBATO, Monteiro. [Sem data].	131
VARELA, Alfredo Augusto. [Sem data]	177
VERÍSSIMO, José. 12 jun 1897.	178
BILAC, Olavo. 15 jun. 1897.	76
CUNHA, Euclides da. 12 out. 1903.	93
MIRANDA, João Pedro da Veiga. 26 out. 1907	142
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. [4 mar. 1912].	58
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 18 mar. 1912.	59
BARBOSA, Rui. 5 jul. 1912.	72
AMARAL, Amadeu. 7 nov. 1912.	38
GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. 17 abr. 1914.	119
DUARTE, Rafael. 13 jun. 1914.	98
SILVA, Júlio César da. 28 nov. 1914.	160
ESCOBAR, Francisco. 23 fev. 1915.	101
ESCOBAR, Francisco. 2 fev. 1916.	102
AMARAL, Amadeu. 24 jun. 1916.	39
AMARAL, Amadeu. 10 jul. 1916.	42
FONTES, Epiteto. 18 ago. 1916.	115
AMARAL, Amadeu. 28 ago. 1916.	43
ESCOBAR, Francisco. 26 out. 1916.	104
TEIXEIRA, Gustavo de Paula. 28 nov. 1916.	166
PINTO, Arnaldo Simões. 8 jan. 1917.	148
COELHO NETTO, Henrique. 25 fev. 1917.	87
AMARAL, Amadeu. 18 abr. 1917.	44
PINTO, Arnaldo Simões. 21 abr. 1917.	148
FARIA, Alberto. 27 jun. 1917.	109
PINTO, Arnaldo Simões. 28 jun. 1917.	149
BILAC, Olavo. 29 jun. 1917.	77
COUTO, Ribeiro. [17 jul. 1917].	90
ESCOBAR, Francisco. 10 ago. 1917.	105
PINTO, Arnaldo Simões. 4 set. 1917.	150
LOBATO, Monteiro. 24 set. 1917.	125
COUTO, Ribeiro. 28 dez. 1917.	90
LOBATO, Monteiro. [10 ago. 1918]	126
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 21 out 1918.	60

<sup>400</sup> Agradeço à Profª. Dra. Marisa P. Lajolo pela sugestão de incluir neste trabalho uma tabela evidenciando a cronologia de redação das cartas recebidas por Valdomiro Silveira. A ela também devo o envio da primeira modelagem da tabela que favorece uma nova leitura interpretativa do conjunto epistolar.

ESCOBAR, Francisco. 12 nov. 1919.	106
THIOLLIER, René. 25 dez. 1919.	168
LUÍS, Washington Pereira de Souza. 26 jan. 1920.	134
TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 6 jul. 1920.	162
LOBATO, Monteiro. 1 ago. 1920.	127
AMARAL, Amadeu. 17 ago. 1920.	45
TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 30 ago. 1920.	163
AMARAL, Amadeu. 5 nov. 1920.	46
LOBATO, Monteiro. 15 nov. 1920.	128
LOBATO, Monteiro. [16 nov. 1920].	129
SILVA, Júlio César da. 20 jan. 1921.	160
BARRETO, Plínio. 21 jan. 1921.	73
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 22 jan. 1921.	62
TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 22 jan. 1921.	163
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 25 jan. [1921].	63
FARIA, Alberto. 27 jan. 1921.	112
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 29 jan. [1921].	64
DUARTE, Rafael. 31 jan. 1921.	99
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 4 fev. 1921.	64
LOPES, Augusto. 10 fev. 1921.	132
PEIXOTO, Afrânio. 14 fev. 1921.	146
ESCOBAR, Francisco. 16 fev. 1921.	108
MOTTA, Otoniel. 16 fev. 1921.	145
DUARTE, Presciana. 26 fev. 1921.	95
THIOLLIER, René. 26 fev. 1921.	169
FIGUEIREDO, Cândido de. 6 mar. 1921.	113
AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de. 11 mar. [1921].	65
BARROS, João de. 29 mar. 1921.	75
FONTES, Epiteto. 2 abr. 1921.	116
SILVA, Júlio César da. 19 mai. 1921.	161
FIGUEIREDO, Jackson de. 21 jul. 1921.	114
AMBROGI, Cesídio. 11 nov. 1921.	49
LOBATO, Monteiro. 8 fev. 1922.	129
VAREJÃO, Lucilo. 19 jul. 1922.	175
SEIXAS, Aristeu. 4 ago. 1922.	155
AMARAL, Amadeu. [8 ago. 1922].	47
SEIXAS, Aristeu. 13 nov. 1922.	156
VAMPRÉ, Spencer. 9 jan. 1923.	173
DUARTE, Presciana. 20 jan. 1923.	96
LÍBERO, Cásper. 27 abr. 1925.	123
MOTA, Leonardo. 29 jan. 1926.	144

MIRANDA, João Pedro da Veiga. 1 fev. 1926.	142
GRIECO, Agripino. 11 out. 1927.	120
CARDOSO, Vicente Licínio. 14 out. 1927.	81
CAJADO, Sílvia Mendes. 1º mai. 1928.	79
VAREJÃO, Lucilo. 8 ago. 1929.	176
LOBATO, Monteiro. 27 jun. 1930.	130
PRESTES, Júlio. 20 mar. 1931.	154
TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. 26 jan. 1932.	164
PEIXOTO, Afrânio. 3 mar. 1932.	147
SEIXAS, Aristeu. 15 ago. 1932.	157
BARBOSA, Bruno. 12 jan. 1933	67
MARIANO, Olegário. 10 abr. 1935.	141
THIOLLIER, René. 7 set. 1935.	169
TEIXEIRA, Gustavo de Paula. 26 set. 1935.	166
CARUSO, Vítor. Out. 1935	83
MACHADO, Alcântara. 24 mar. 1936.	137
CARUSO, Vítor. 28 nov. 1936.	84
LUSO, João. 10 mar. 1937.	135
ANDRADE, Mário de. 19 mar. 1937.	51
ANDRADE, Mário de. 18 maio 1937.	52
LEITE, Aureliano. 16 ago. 1937.	122
LUSO, João. 17 ago. 1937.	136
PRATA, Ranulfo Hora. 20 ago. 1937.	153
AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. 28 ago. 1937.	57
ARANTES, Altino. 30 ago. 1937.	56
CORREIA, Roberto. 9 set. 1937.	89
SETTE, Mário. 11 set. 1937.	158
LUÍS, Washington Pereira de Souza. 16 set. 1937.	134
BARBOSA, Bruno. 28 out. 1937.	68
ANDRADE, Mário de. 4 nov. 1937.	53
ANDRADE, Mário de. [1937]	54
CARUSO, Vítor. [1937].	85
THIOLLIER, René. 22 mar. 1938.	171
CARDONA, Ibrantina. 12 abr. 1938.	80
THIOLLIER, René. 11 ago. 1938.	171
FONTES, Epiteto. 14 nov. 1938.	117
MACHADO, Alcântara. 7 jan. 1941.	139
BARBOSA, Bruno. 15 mar. 1941.	70
GUALBERTO, Luciano. 30 jun. 1941.	121